

Anais de encontros científicos

em

Diversidade & Inclusão da UFF

volume 1



Anais de Eventos Científicos em Diversidade e Inclusão da UFF

**Volume 1
(2014-2015)**

**Organizadoras
Neuza Rejane Wille Lima
Cristina Maria Carvalho Delou
Luciana Tavares Perdigão**

**Universidade Federal Fluminense
Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão
Associação Brasileira de Diversidade e Inclusão
2017**

Equipe técnica

Capa: Grasielle Freitas

Projeto Gráfico e Diagramação: Luciana Perdigão

Revisão: Neuza Rejane Wille Lima

L732

Anais de Encontros Científicos em Diversidade e Inclusão da UFF – volume 1 (2014-2015) / Lima Neuza Rejane Wille, Cristina Maria Carvalho Delou Luciana Tavares Perdigão (organizadoras) – Niterói – Rio de Janeiro - Associação Brasileira de Diversidade e Inclusão (ABDIn), 2017.

117fl. il.

ISBN 978-85-69879-08-4

Currículo inclusivo. 2. Ensino. 3. Tecnologias assistivas. I Lima, Neuza Rejane Wille Lima. II Delou, Cristina Maria Carvalho III. Perdigão, Luciana Tavares IV Título.

CDU - 37.01

Apresentação

Esse primeiro Anais de Eventos Científicos e Diversidades e Inclusão inicia uma série de publicações que irão documentar e difundir resultados e conhecimentos de pesquisas e experiências de estudantes e/ou profissionais de diferentes níveis acadêmicos e de subáreas do conhecimento sobre a temática em questão.

Os dois eventos aqui documentados foram realizados por equipes que contou com as coordenadoras do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI - Cristina Maria Carvalho Delou & Neuza Rejane Wille Lima) da Universidade Federal Fluminense (UFF), com mestrandos e mestres formados pelo CMPDI e com o apoio de estudantes do Curso de Ciências Biológicas da UFF.

Mais especificamente, os eventos resultaram do cumprimento da proposta da disciplina “Divulgação Científica II” do CMPDI ministrada pela Professora Rejane cujos planejamento e resumos apresentados estão documentados a seguir.

Boa leitura!!!

Sumário

Apresentação	4
Sumário	5
Sinopse	7
Palestra e relatos do I Encontro de Diversidade e Inclusão da UFF	8
Lista dos resumos do I Encontro de Diversidade e Inclusão da UFF - 2014	10
Palestras do II Encontro de Diversidade e Inclusão da UFF	41
Oficinas do II Encontro de Diversidade e Inclusão da UFF	43
Lista dos resumos do II Encontro de Diversidade e Inclusão da UFF (2015).....	47



NITERÓI, RJ

28 de novembro de 2014

Sinopse do I Encontro de Diversidade e Inclusão da UFF - 2014

O I Encontro de Diversidade e Inclusão da UFF: Caminho e Novas Atitudes foi realizado no Auditório da Geociências, Campus da Praia Vermelha (Boa Viagem), da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, no dia 28 de novembro de 2014 (sexta-feira), entre 8h às 18h.

O evento foi coordenado pela Professora Doutora Neuza Rejane Wille Lima e sub coordenado pela Professora Doutora Cristina Maria Carvalho Delou e contou com a participação de oito alunas do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão que compuseram a Comissão Organizadora do Evento em 2014:

- Aimi T. Oliveira
- Camila M. R. da Silva
- Garrolice Alvarenga
- Mariana Cunha. T. Souza
- Noemi B. Horowicz
- Renata S. T. Borba
- Sandra Filgueiras
- Suellen R. Rodrigues

O evento promoveu o diálogo sobre o caminho a ser trilhado quanto a prática da legislação vigente no âmbito da área interdisciplinar envolvendo a diversidade e a inclusão em todas as suas dimensões (sociais, educacionais, políticas e culturais), visando fomentar discussões e reflexões sobre novas atitudes em relação ao tema em questão.

As atividades realizadas durante o evento foram a apresentação de:

- Palestra de abertura
- Oito relatos de casos
- Trinta resumos

Palestra e relatos do I Encontro de Diversidade e Inclusão da UFF

Temas	Hora	Relator	Títulos	Instituição de origem
Palestra de abertura Caminho: Legislação	9h	Cristina Maria Carvalho Delou	Legislação: a opção metodológica para a construção das políticas de inclusão	Professora Associada da Faculdade de Educação da UFF - Coord. do CMPDI
Relatos de Experiências				
1. Superdotação	10h	Juliana Antunes Peçanha	Altas habilidades na Escola	Mestranda do CMPDI
10h30 – 11h Coffee Break				
2. Nanismo	11h	Andrea Moreira Faria	Acesso e permanência das pessoas com deficiências (PCD), visando o sucesso nas Instituições de Ensino Superior (IES)	Graduação em Pedagogia (UFF) e bolsista do Sensibiliza UFF
3. Educação Étnico-Racial	11h30	Luiz Alberto Chaves Junior	Histórias de Vida como Axé Pedagógico	Mestrando Centro de Ciências Humanas (UNIRIO) Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Étnico- Racial - GEPEER
4. Surdez	12h	Viviane Espírito Santo dos Santos	Recorte teórico/clínico da surdez no campo psicanalítico	Psicanalista
12h30 – 14h Almoço				

Temas	Hora	Relator	Títulos	Instituição de origem
14h – 14h30 Apresentação de Posters				
5 - Cegueira	14h30	Leonídia dos Santos Borges	A escrita através da Informática para alunos deficientes visuais e disfunções cerebrais	Professora do Instituto Benjamin Constant
15h – 15h30 Coffee Break				
6 - Autismo (experiência como professora em Educação Infantil)	15h30	Paula Pereira de Carvalho	A inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista no ensino regular - um relato de experiência	Mestranda do CMPDI
7– Matemática e Acessibilidade	16h	Wagner Santos de Carvalho	O uso da gincana matemática nas redes sociais: experiência com alunos	Professor da rede de ensino Estadual e Particular do Município de São Gonçalo
8 – Atendimento pedagógico em Classe Hospitalar	16h30	Priscila Valentim de Freitas	Classe Hospitalar	Graduanda do Curso de Pedagogia da UERJ

Lista dos resumos

1 - Experiências entre arte, educação e inclusão: oficinas de produção de livros multissensoriais na Faculdade de Formação de Professores da UERJ	12
2 - Caminho e novas atitudes no ensino de matemática na EJA-I	13
3 - Conectando os historicamente desconectados a partir da lei 10.639/03	14
4 - A literatura infantil no ensino de Astronomia: material adaptado para a inclusão do deficiente visual	15
5 - A tecnologia assistiva como ferramenta para inclusão escolar	16
6 - A Educação Física, os Esportes e a Libras: ainda sinais a criar	17
7 - Formação do conceito de herança genética por cegos congênitos	18
8 - Ensino do soletrado digital como proficiência de soletrado puro	19
9 - Arte, sensibilidade e conhecimento: Exposição Sensorial na galeria de arte La Salle/RJ	20
10 - Ensino de Física e surdez: construindo conceitos e criando sinais	21
11 - O uso de novas tecnologias para o desenvolvimento de competências socioemocionais e cognitivas de crianças e jovens com TEA	22
12 - Catálogo analítico-descritivo de materiais didáticos acessíveis: recurso para o ensino e a divulgação científica na educação inclusiva	23
13 - A pipa, a matemática e o deficiente visual	24
14 - Pontos de Vista em Diversidade e Inclusão – 2014	25
15 - A Literatura Surda na Sala de Artes	26
16 - A Tecnologia Revelando o Talento: Um estudo de casos	27
17 - A Produção Audiovisual como forma de Inclusão Digital na Prática Docente	28
18 - A deficiência intelectual na perspectiva histórico-cultural	29
19 - O uso da tecnologia assistiva por professores de salas de recursos e classes inclusiva	30
20 - Produção de material didático: comunicação, interação e estimulação da LIBRAS no museu itinerante Ciências sob tendas não formais	31
21 - Acessibilidade do Surdo à Saúde: construção, avaliação e propostas construídas por mãos e vozes	32

22 - Estado da arte das publicações sobre altas habilidades / superdotação	33
23 - Psicomotricidade e Transtorno do Aspectro Autista: no desenvolvimento da coordenação motora dos alunos/pacientes da Clínica-Escola do Autista	34
24 - Materiais didáticos em libras para facilitar a aquisição dos alunos surdos: conteúdos programáticos	35
25 - Acessibilidade do Surdo à Saúde: construção, avaliação e propostas construídas por mãos e vozes.....	36
26 – Biblioteca Universitária Inclusiva	37
27 – Linguagem gráfica no ensino de física: possibilidades e obstáculos na inclusão de alunos cegos	38
28 – Novos caminhos nos tribunais de justiça: ensino de libras para servidores.....	39
29 – Crianças brasileiras ouvintes devem aprender Libras – Língua Brasileira de Sinais?.....	40
30 - Mapeamento dos aluno identificados com altas habilidades ou superdotação no município de macaé	41

1 - Experiências entre arte, educação e inclusão: oficinas de produção de livros multissensoriais na Faculdade de Formação de Professores da UERJ

Anelice Ribetto, Leidiane Macambira & Sílvia Mellina Chinen

*Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Faculdade de Formação de Professores*

Este trabalho é efeito do projeto de pesquisa “Diferenças e Alteridade na Educação: Saberes, práticas e experiências (inclusivas) na Rede Pública de Ensino em São Gonçalo” acontecido entre 2013 e 2014. Dito projeto, coordenado pela professora Anelice Ribetto na FFP/UERJ teve como objetivo tencionar as políticas da Educação Inclusiva com as experiências escolares em São Gonçalo. As “Oficinas de Livros Multissensoriais” aconteceram no contexto da disciplina de Educação Especial, ministrada pela própria professora. Tais livros são adaptações em relevo para pessoas cegas. Durante as oficinas problematizamos a produção desses livros, preocupadas em que não apenas se adaptassem imagens de tinta para o relevo liso, mas que na produção das imagens em relevo, fosse posto em relevância a escolha de cada textura, cada forma, cada vazão de forma que fosse possível à “produção de sentido destas imagens no contexto perceptivo dos cegos” (VALENTE, 2009, P. 64).

Palavras - chave: livros multissensoriais, educação inclusiva, cegueira.

2 - Caminho e novas atitudes no ensino de matemática na EJA-I

Camila Matheus Rodrigues da Silva & Rejany dos Santos Dominick

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

Esse estudo é parte das atividades de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense (CMPDI-UFF). Busca verificar se o lúdico, as tecnologias educacionais e as assistivas podem se articular para melhorar o aprendizado de matemática em situações de educação na diversidade e inclusão da EJA-I. O objetivo geral é vivenciar, analisar e propor caminhos inclusivos para o ensino de matemática no segundo segmento do ensino fundamental da EJA-I, por meio de atividades lúdicas e com tecnologias educacionais e assistivas. Para o desenvolvimento do trabalho, optou-se por elaborar estratégias de ensino contextualizadas para a EJA-I, onde atividades lúdicas estão sendo de forma a articular os conhecimentos necessários e as demandas de cada grupo, que culminarão na construção de um jogo misto de tabuleiro com quebra-cabeça. Este jogo será o produto final do Mestrado. O marco teórico deste projeto de dissertação fundamenta-se em Legislações vigentes; Índices de avaliação de aprendizagem como IDEB, PISA e SAERJ; EJA –Fávero, Ventura e Cury; Inclusão – Sassaki e Pletsch; Tecnologias –Dominick e Levy ;Jogos no ensino da matemática – Grando e Borin. A pesquisa aponta, de acordo com minha experiência docente, para a necessidade de uma abordagem menos disciplinar e tradicional no ensino da Matemática. Como resultados preliminares, minha experiência tem me apontado para a necessidade de uma abordagem menos disciplinar e tradicional no ensino da Matemática; foi realizado levantamento do perfil dos alunos; foram feitas atividades lúdicas anteriormente e percebe-se uma melhora na relação afetiva entre os estudantes e com a matemática: há aumento da autoestima e melhora a comunicação entre os alunos; com relação à vertente quantitativa, pude perceber uma melhora de acertos na Avaliação Diagnóstica do Processo Ensino/Aprendizagem – SAERJINHO. Os estudos no CMPDI UFF têm me possibilitado um novo olhar sobre a EJA-I, e focada na diversidade e inclusão.

Palavras-chave: vivências, matemática, EJA-I, diversidade, inclusão e tecnologias.

3 - Conectando os historicamente desconectados a partir da lei 10.639/03

Daise dos Santos Pereira & Rejany dos Santos Dominick

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

O presente trabalho visa tratar de questões latentes que permeiam as relações sociais e consequentemente o cotidiano escolar. Para tal, nos apropriamos da lei 10.639/03 que torna obrigatório o Ensino da História da África e das relações étnico-raciais na educação básica. Sabendo da necessidade de se trabalhar reflexivamente a temática propomos na pesquisa de mestrado, que está em andamento, duas discussões importantes para a formação docente: a análise da lei e seus principais aspectos, além de possíveis caminhos didáticos para que a proposta se concretize nos anos iniciais do ensino fundamental. Procuramos demonstrar por meio da leitura de autores como Munanga (2005), Fazenda (2010), Gomes (2012), Levy (1999) e Dominick (2011), os sentidos que uma educação para a diversidade pode ganhar quando tratada de maneira reflexiva. Buscando inovar, adotamos a prática interdisciplinar de pesquisa e de ação na escola, o que nos garante modos de produzir conhecimentos de maneira inventiva e colaborativa. Acreditamos que uma escolarização de excelência é aquela capaz de suscitar em seus atores sociais a compreensão, o respeito e o diálogo com o diferente. A partir de Kabengele Munanga (2005) é possível refletir sobre clichês como a ideia de tolerância à diferença. Tal ideia ecoa em nós como um caminho possível, mas que, na verdade, limita os horizontes de percepção da educação para a diversidade, pois toleramos o que nos incomoda. Munanga (2005), ao contrário de tolerância, propõe nos comprazermos na diferença. Trabalhar com a diferença é um caminho para aceitar o desafio proposto pelo Conselho Nacional de Educação, unindo-nos à luta pela superação do racismo, uma tarefa também do educador, independentemente de seu pertencimento étnico e de suas crenças. Uma das ações urgentes para superarmos a ideia de tolerância está no campo da formação docente inicial e continuada do professor. Pensamos que quem não está conectado, encontra-se excluído e exclui.

Palavras-chave: educação; diversidade; exclusão

4 - A literatura infantil no ensino de Astronomia: material adaptado para a inclusão do deficiente visual

Carolina T. de A. Xavier Medeiros & Lucia Almeida

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Natureza.

Políticas educacionais estão sendo geradas para que o processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE) seja desenvolvido de modo eficaz. No Brasil é perceptível nos últimos anos o aumento de alunos incluídos em classes comuns da rede regular de ensino e que 78% desses alunos estão no Ensino Fundamental (EF) (INEP, 2013). Esse dado justifica a necessidade de se propor a adequação de recursos didáticos que possibilitem ao aluno com NEE uma real inclusão, ou seja, presença e participação em todas as atividades escolares e, conseqüentemente, aprendizagem. Nos anos iniciais do EF, os alunos estão em uma idade em que o lúdico é primordial para o aprendizado. Uma estratégia didática que contempla o lúdico é o uso da literatura infantil que, além de adequado aos processos de alfabetização na língua materna e de formação de sujeitos leitores, podem contribuir no processo de alfabetização científica (LORENZETTI; DELIZOICOV, 2001). No entanto, a maioria das histórias não é adaptada para alunos NEE visuais, principalmente em relação às ilustrações, que nessa faixa etária (6 a 10 anos) é crucial. Este trabalho é um recorte da nossa dissertação de mestrado, cujo objeto de estudo é o ensino de Astronomia no EF 1, na perspectiva da inclusão de alunos cegos ou com baixa visão em aulas de Ciências. Assim, objetivamos apresentar os processos de adaptações que temos realizado para tornar um livro de história infantil, que trata de temas de Astronomia de maneira lúdica, acessível aos deficientes visuais. Nossa intenção é que, tal como os demais alunos, o deficiente visual se motive ao estudo da Astronomia. Para tanto, sua autonomia na exploração do conteúdo do livro (texto e ilustrações) tornam-se imprescindíveis. Os resultados são parciais e se referem aos processos de adaptação do livro: produção da história em áudio, transcrição do texto para o Braille e produção das ilustrações em relevo, com o uso, respectivamente, dos softwares Braille Fácil e Monet.

Palavras-chave: ensino de ciências; literatura infantil; deficiência visual.

5 - A tecnologia assistiva como ferramenta para inclusão escolar

Claudio Adão Santos Vitória, Suzete Araujo de Oliveira Gomes & Ruth Maria Mariani Braz

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

Os recursos tecnológicos mantêm o propósito de facilitar as tarefas diárias. Quando a tecnologia passa a ser ferramenta de uso das pessoas com necessidades especiais, tais recursos tornam possíveis, tarefas difíceis de serem executadas. A educação inclusiva mantém o padrão de educar respeitando a diversidade, pois através dela todos os alunos são aceitos tendo deficiência ou não. Acolher as diferenças faz parte da conscientização de que dentro da escola nenhuma pessoa se sinta excluída. O objetivo deste trabalho é apresentar uma revisão bibliográfica relacionada ao uso da Tecnologia Assistiva (TA) no ambiente educacional, utilizando seus recursos com vistas a ultrapassar as barreiras impostas pelas inúmeras necessidades especiais, e com isso promover a autonomia e a inclusão da pessoa com deficiência. Para o cumprimento da proposta do objetivo específico de análise da literatura, foi realizado o levantamento bibliográfico de assuntos relacionados ao tema, em livros e trabalhos e/ou artigos específicos nas bibliotecas e pelos sites especializados: Scielo e Google acadêmico. A pesquisa foi realizada no período de julho a outubro de 2014. Como resultado preliminar encontramos uma extensa produção bibliográfica relacionada ao assunto, com cerca de 40 (quarenta) artigos que são o referencial para o incentivo e implementação dos diversos recursos da Tecnologia Assistiva no cotidiano escolar. Espera-se que os resultados encontrados possam contribuir para a instrução e motivação dos professores envolvidos na educação especial inclusiva, com vistas a incluir em sua metodologia de ensino os recursos da T A.

Palavras-chave: recursos tecnológicos, inclusão escolar, formação de professores

6 - A Educação Física, os Esportes e a Libras: ainda sinais a criar

Clévia Sies, Ana Regina Campello & Helena Carla Castro

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

A Educação Física é uma disciplina presente na educação básica nos níveis fundamental e médio introduzindo os alunos a grande diversidade de conhecimentos, entre eles os esportes, suas regras e sua relação com a saúde. Para o ensino desta disciplina são utilizados termos específicos que se iniciam pelo nome do próprio esporte. Neste trabalho temos como objetivo fazer o levantamento dos sinais existentes em LIBRAS relacionados aos esportes no sentido de identificar as condições oferecidas para o ensino desta disciplina aos alunos surdos. Dos 33 esportes selecionados para este estudo, utilizando como padrão os esportes ligados as Olimpíadas e as Surdolimpíadas, apenas 13 apresentam sinais em Libras no dicionário ACESSIBILIDADEBRASIL. De forma preocupante, dentre os sinais encontrados, alguns não seguem a estrutura gramatical da LIBRAS e o visual-motor condizente com a atividade física em questão (ex: Atletismo). Dos 20 esportes para os quais não encontramos sinais estão incluídos Ginástica Artística e Vela, esportes nos quais o Brasil já teve grande representatividade em eventos esportivos. Essa identificação aponta para a urgência de criar novos sinais ou em caso de já ser existentes, estarem disponíveis de forma oficial como os presentes no dicionário ACESSIBILIDADEBRASIL.

Palavras-chave: Atividade física, surdo, olimpíada,

7 - Formação do conceito de herança genética por cegos congênitos

Garrolici Alvarenga & Luiz Andrade Botelho

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

O mundo humano é basicamente visual, construído e desenvolvido para quem enxerga. Isto coloca um grande desafio para os indivíduos com deficiência visual, sobretudo aqueles que são cegos de nascença. Um destes desafios é a formação de conceitos, considerados como as verdadeiras lentes para ver e, sobretudo, observar o mundo. Desafiados por esta questão e movidos para contribuir com a superação das práticas educacionais centradas, quase que exclusivamente, nos videntes, iniciamos este trabalho, que tem como objetivo a formação do conceito de herança genética por cegos congênitos. Para tanto, fizemos entrevistas com três cegos congênitos, com diferentes idades e em diferentes níveis de escolaridade, para conhecer suas concepções prévias. Em seguida, abordamos o tema com explicações orais, seguida da apresentação do filme intitulado "Quem foi que disse: sobre Mendel e a produção do conhecimento". Em outra oportunidade, utilizamos um recurso didático - tabuleiro de xadrez adaptado para o ensino de genética mendeliana para cegos e videntes, com bastões e formas geométricas diferenciadas, de fácil manipulação e experimentação tátil. Concluímos com este estudo que é possível, através desta metodologia, a construção do conceito de herança genética por cegos congênitos e até a compreensão da relação matemática 3:1, que fundamentou as deduções de Mendel, conhecida hoje como a 1ª Lei de Mendel.

Palavras-chave: jogo, ensino, deficiente visual

8 - Ensino do soletrado digital como proficiência de soletrado puro

Jeanie Liza M. Ferraz de Macedo

*Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Instituto Multidisciplinar*

Meu objetivo é ensinar soletrado digital (alfabeto digital) que representa o mais importante instrumento para o ensino de LIBRAS para alunos ouvintes na universidade aprender soletrar o digital e outro aspecto na instrução de Libras como metodologia base aprendizagem para ouvintes refere-se ensino da soletrado digital – atividade intensidade abordada e utilizada nas primeiras aulas de Libras ou durante contatos esporádicos dos ouvintes com professor surdo, porém não pode apagar de soletrado digital, já que pessoas ouvintes não gostam usar soletrado digital por desconfortável e atualidade fluência querem substituir soletrado digital por sinais com sinais novos e alguns que não concordam. É importante que continuar natural, usar soletrado, já que a soletrado digital é uma realização linguística que deve ser abordada tanto em sua forma produtiva (expressão) quanto receptiva (compressão). Sua prática pode variar, dependendo do nível de proficiência dos alunos, mas funciona apenas com alunos alfabetizados, já que se trata de uma correlação do alfabeto da língua portuguesa. 7*Libras a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil, nesta comunicação, apresentar algumas reflexões sobre o ensino dessa língua nos cursos de licenciatura da Universidade.

Palavras-chave: Datilologia, Soletrado Digital, Soletrado Puro

9 - Arte, sensibilidade e conhecimento: Exposição Sensorial na galeria de arte La Salle/RJ

João Paulo Ferreira da Silva¹, Aldene Rocha da Silva Junior², Angelina Accetta Rojas³, Gerlinde Agate Platais Brasil Teixeira¹

*Universidade Federal Fluminense – Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão¹
Programa de Pós-Graduação da Universidade Cândido Mendes²
Núcleo de Arte e Cultura – Unilasalle, RJ³*

A apresentação das obras dos artistas Aldene Rocha e Vagner Cerqueira com o tema “Percepções Simultâneas – toque com os olhos e veja com as mãos”, na Galeria de Arte La Salle/RJ objetivou a reflexão em acessibilidade cultural. A composição do ambiente proporcionou o acesso à arte, ao conhecimento e à cultura mediada pelo despertar dos sentidos e da sensibilidade. Tendo como objetivos despertar o interesse pelo tema da acessibilidade e inclusão na instituição; perceber o processo de conhecimento das pessoas com cegueira em relação à mediação através da arte e questionar os parâmetros da contemporaneidade, com suas obras sensoriais que aproximavam o público da arte. A metodologia da exposição sensorial de acordo com a Lei de nº 10.098/94 (Lei da Acessibilidade), permitindo a acessibilidade às pessoas com deficiência visual e as pessoas videntes em vivenciar experiências diversificadas. A Curadoria educativa transcorreu durante toda a exposição proporcionando experiências aos visitantes cegos e videntes. O resultado do espaço de educação não-formal, foi possível observar que a Galeria de Arte La Salle/RJ compreende programas orientados para a criação de oportunidades à percepção da arte. A exposição foi reconhecida como promotora de inclusão e acessibilidade cultural aos cegos pelo Instituto Art Education for the blind (EUA) desde 2010 - www.artbeyondsight.org. Concluímos que a experiência sensorial na Galeria de Arte La Salle/RJ proporcionou o acesso às obras de arte garantindo o direito de toda pessoa de participar da vida cultural, conforme documentos legais, dos quais o Brasil é signatário, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência.

PALAVRAS-CHAVE: acessibilidade, cultura, deficiente visual,

10 - Ensino de Física e surdez: construindo conceitos e criando sinais

Jonathas de Albuquerque Abreu; Lucia Almeida; Viviane Medeiros Tavares Mota; Juliete Viana Felinto de Souza & Ruth Mariani

*Universidade Federal Fluminense
Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho*

Assumimos a educação inclusiva, como aquela que possibilita a todos os alunos o acesso à escola regular, com participação nas atividades escolares, de modo que haja aprendizagem. Nesse sentido, inclusão é mais do que garantir aos alunos com necessidades educacionais especiais a presença na classe comum. Para os surdos, um dos obstáculos à inclusão é a comunicação. Quando se trata de ensino-aprendizagem dos conteúdos científicos, a comunicação se torna mais difícil. Esse agravamento decorre do fato de que em ciências são enfocados conceitos abstratos, porém, a cultura dos surdos baseia-se na realidade (BARRAL; PINTO-SILVA; RUMJANEK, 2012). Tal como Ramos (2013), esses autores constataram que em Libras há carência de sinais que correspondam às palavras que sintetizam conceitos científicos. Assim, em contraposição a um ensino de Física centrado na fala e na escrita do professor, objetivamos apresentar uma sugestão metodológica, incluindo recursos didáticos diversificados, que propicie aos surdos sua plena participação e, conseqüentemente, a construção do conhecimento. Além disso, como objetivo subjacente, visamos, com o desenvolvimento de um ensino estruturado nessa abordagem, a criação de sinais em Libras que deem significado a grandezas, conceitos e fenômenos físicos. A partir de um ensino problematizador sobre a visão, procuramos junto a três surdas construir os conceitos de reflexão da luz (regular e difusa). Para tanto, foram utilizados recursos multimídia (projeção de slides que articulavam textos, imagens e legendas em Libras) e experimentos simples. Os resultados foram satisfatórios: houve evolução conceitual das participantes; na opinião delas os recursos didáticos foram adequados, colocando-as, no acesso ao conhecimento, em “pé de igualdade” com ouvintes; o sinal para reflexão da luz surgiu naturalmente no decorrer da atividade. E, em seguida, em uma roda de discussão com todos os envolvidos, foram criados os sinais para reflexão regular e difusa.

Palavras-chave: inclusão; LIBRAS, ensino-aprendizagem

11 - O uso de novas tecnologias para o desenvolvimento de competências socioemocionais e cognitivas de crianças e jovens com TEA

Leiliane Domingues, Dagmar de Mello e Silva

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

Relatos autobiográficos de pessoas com TEA (Transtorno do Espectro Autista) e estudos científicos (Ayres, Delecatto, Doman, Dawson & Lewy, Ornitz & Ritvo) apontam os transtornos perceptivos/sensoriais como intervenientes preponderantes nos modos como pessoas com TEA percebem e se relacionam com o mundo externo. Fundamentadas nesses indicadores, adotamos o termo “hipersensorialidade” conceitualmente, para caracterizar essa exacerbação dos sentidos. O problema que norteia a pesquisa pauta-se no fato de que vivemos em um mundo permeado por linguagens prioritariamente analógicas, o que envolve uma complexidade de sentidos para compreendermos e expressarmos aquilo que desejamos comunicar. No que se refere às pessoas com TEA; devido à hipersensorialidade, as informações do meio externo, muitas vezes, são recebidas de forma confusa e ilegível. A finalidade desse estudo consiste em criar um dispositivo que contribua para a melhoria na comunicação com crianças com TEA, utilizando-se da linguagem digital, por essa se caracterizar por combinação binária ao contrário da analógica que se dá por ondas difusas. Assim, pretendemos projetar e executar um jogo, sob a tecnologia touch screen, voltado às competências socioemocionais e cognitivas de crianças e jovens com TEA. A metodologia fará uso de estudos teóricos sobre TEA, neurociência e tecnologias da informação, assim como dos princípios da pesquisa intervenção, posto que a partir da criação do dispositivo (jogo), pretende-se verificar sua “intervenção” com os sujeitos alvo dessa proposta. Até o momento foi realizado levantamento bibliográfico dos temas elencados e captação de relatos autobiográficos do público alvo e planejamento inicial das estratégias para a construção do dispositivo (jogo), onde todo o material coletado nesta pesquisa, já nos indica a criação de espaços/tempos de autonomia e de auto-organização com foco numa maior interação e diminuição de estereótipos.

Palavras-chave: altas habilidades, superdotação, identificação, autista.

12 - Catálogo analítico-descritivo de materiais didáticos acessíveis: recurso para o ensino e a divulgação científica na educação inclusiva

Marcia Cristina Trolly da Silva, Cristina Maria Carvalho Delou

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

Os materiais didáticos acessíveis são recursos pedagógicos utilizados na mediação do ensino para alunos com necessidades educacionais especiais. Eles podem ser utilizados nas salas de recursos e nas salas de aulas regulares. O objetivo é a criação de um catálogo para o ensino e a divulgação científica de materiais didáticos acessíveis em situação de inclusão. A metodologia é realizada por meio de reunião, revisão, organização de catálogo analítico-descritivo, contendo exemplos de materiais que foram construídos ao longo de 3 décadas, visando atender às necessidades educacionais especiais de alunos com diferentes perfis de aprendizagem. Os Materiais Didáticos Acessíveis produzidos para o trabalho na Sala de Recursos apresentam exemplos de atividades que oportunizam a aprendizagem da leitura e escrita e jogos que desenvolvem a construção do pensamento lógico matemático.

Palavras-chave: produção de materiais, mediação, inclusão

13 - A pipa, a matemática e o deficiente visual

Tânia Maria Moratelli Pinho^{1,2}, Neuza Rejane Wille Lima²

1Instituto Benjamin Constant

2Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

Este trabalho visa demonstrar uma experiência vivenciada no Instituto Benjamin Constant com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental com nove deficientes visuais (sete cegos e dois com baixa visão). Tal trabalho surgiu após perguntar em sala de aula sobre as diversões prediletas dos alunos. Alguns disseram preferir ouvir música, passear, ir à praia entre outras, mas uma das respostas chamou a atenção no momento em que um aluno disse ter vontade de conhecer uma pipa. Daí partiu-se para descobrir a relação das pipas com a matemática. Inicialmente foi apresentado um texto de autor desconhecido para tentarem descobrir de quem estava-se falando: “Jornais são melhores do que revistas. Uma praia é melhor do que uma rua. Primeiramente é melhor correr do que andar. Podem ser necessárias várias tentativas. É necessária alguma habilidade, mas é fácil de aprender. Até crianças podem praticar. Depois de aprendido, complicações são raras. Pássaros raramente atrapalham. A chuva pode ser um desastre. Muitas pessoas fazendo a mesma coisa também podem causar problemas. Deve-se dispor de muito espaço. Se não há complicações pode ser muito calmo. Uma pedra pode servir como âncora. Estamos falando da pipa”. Ao ler o texto o impacto foi maravilhoso pois houve uma interpretação das frases em relação a pipa. A partir de então, os alunos tiveram contato com a pipa, evidenciando que muitos deles nunca tiveram acesso a uma delas. Só ouviram falar. Ao manusear a pipa, os alunos começaram a identificar de forma lúdica a construção geométrica da pipa, no momento em que identificaram os pontos, os segmentos de reta, o plano, os polígonos formados, assim como o hexágono, retângulo, triângulos, os ângulos chamados por eles de “cantinhos”, o conceito de perímetro ao relacionar a linha utilizada ao redor da mesma para confeccionar a pipa, e a área no momento em que perceberam a folha de papel utilizada e a parte usada para a confecção da pipa, no caso a folha de seda. Também aproveitou-se a oportunidade para trabalhar a questão do custo de uma pipa e sua revenda, também foram comentados a velocidade do vento e sua descrição geral, incentivando assim a interdisciplinaridade com ciências. Agora, os alunos estão na expectativa de irem à Praia Vermelha para empinarem suas pipas.

Palavras-chave: cego, atividades lúdicas, geometria

14 - Pontos de Vista em Diversidade e Inclusão – 2014

Neuza Rejane W. Lima¹, Helena C. Castro¹, Mariana C. T. Souza¹, Luiz A. B. Andrade¹, Garrolice Alvarenga¹, Lucia de M. S. Lehman^{1,2}, Renata S. T. Borba¹, Aimi T. Oliveira¹, Cristina, L. M. Coelho¹, Camila M. R. da Silva¹, Rejany S. Dominick¹, Suellen R. Rodrigues¹, Edicléa M. Fernandes^{1,3}, Noemi B. Horowicz¹, Fabiana Leta¹, Sandra Filgueiras¹

Universidade Federal Fluminense - Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão¹, Universidade Federal do Rio de Janeiro², Universidade do Estado do Rio de Janeiro³.

A seção Ponto de Vista do Jornal O FLUMINENSE divulga opiniões e conhecimentos sobre temas de relevância social. Com o objetivo de divulgar para o público informações sobre as pesquisas que são realizadas pelos alunos do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI) foi solicitado para as oito alunas desse curso que elaborassem artigos para a seção Ponto de Vista do Jornal O FLUMINENSE foi Quatro artigo foram publicados (1 - 4) e outros quatro serão submetidos na sequência (5 - 8). Uma sinopse de cada artigo, a data de publicação e o link de acesso para o texto já publicados são apresentados. O nome dos autores dos textos segue a ordem das fotos e dos coautores listados após Neuza Rejane W. Lima, responsável pela disciplina Divulgação Científica II do CMPDI que promoveu a elaboração e publicação dos artigos. No ano de 2015, versões expandidas dos artigos serão publicadas como capítulos do livro “Pontos de Vista em Diversidade e Inclusão na plataforma da Perse (<http://www.perse.com.br/novoprojetoperse/publicar.aspx>)

Palavras-chave: divulgação científica; jornal O Fluminense, Perse

15 - A Literatura Surda na Sala de Artes

Noemi Beneques Horowicz^{1,2}, Luiz Antonio Botelho Andrade²

Instituto Nacional de Educação de Surdos¹

Universidade Federal Fluminense²

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

Trata-se de um relato de experiência onde se compara, a partir das interpretações e produções artísticas na sala de artes, o envolvimento dos alunos surdos em face de um clássico da história infantil, Os Três Porquinhos, apresentado através de diferentes recursos e estratégias didáticas. Nossas observações, ainda que subjetivas, sugerem a importância de se produzir e/ou adaptar as histórias infantis para a cultura dos surdos, com vistas ao aumento da autoestima e melhoria do aprendizado. A expressão "Era Uma Vez", a criança se transporta para um mundo da fantasia onde a imaginação e a criatividade se encontram e se potencializam para novas aprendizagens. Segundo Bettelheim (2002,pg5). "Os contos de fadas e as histórias infantis são muito importantes para o desenvolvimento de um futuro leitor. Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação". Os alunos surdos, que têm como a primeira língua LIBRAS, não podem ser privados desta experiência formativa e, portanto, é fundamental que estes contos, sejam adaptados à língua brasileira de sinais. O objetivo do trabalho foi identificar e reconhecer a cultura surda a partir da vivência das diferentes formas de se contar o mesmo conto. O presente relato de experiência foi realizado em três turmas de alunos surdos, na faixa etária de 6 à 10 anos de idade, na sala de artes de uma escola de Surdos. A história Os Três Porquinhos que foi contada através de diferentes estratégias pedagógicas. Os alunos registraram suas interpretações através de desenhos, dobraduras, pinturas e construção com sucatas, tirando proveito dos recursos e do ambiente lúdico da sala de artes. Ainda que os resultados não tenham sido quantificados de forma objetiva, observou-se um maior envolvimento e identificação das crianças surdas quando da apresentação da história adaptada para a cultura surda.

Palavras-chave: história infantil, estratégia pedagógica, desenho, dobradura, reaproveitamento

16 - A Tecnologia Revelando o Talento: Um estudo de casos

Renata S.T. Borba, Lúcia M. S. Lehmann

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

As tecnologias estão presentes no dia a dia de muitas crianças e jovens como recursos que não podem ser excluídos e desprezados pelos profissionais de Educação. Existe a possibilidade de que as crianças e jovens tenham acesso a diferentes mídias e, caso não tenham em sua realidade familiar este acesso, cabe a Escola, levar a tecnologia até estas crianças, como vem recomendando a UNESCO. Este recurso pode funcionar como uma estratégia técnica para observar aspectos do raciocínio lógico, das capacidades cognitivas, de percepção e também das habilidades gráficas e estéticas, que fazem parte das categorias que definem as habilidades e dotações. Temos como objetivo mostrar que há possibilidade de um trabalho lúdico e criativo nas escolas e este recurso pode favorecer aos alunos em geral, principalmente aos alunos com talentos a se desenvolverem. Utilizamos como metodologia uma entrevista visando identificar as dificuldades do aluno e suas percepções e conhecimentos com a tecnologia. O desenho aparece como uma característica do aluno. Optamos pela utilização das tecnologias a partir da exploração de recursos, e programas de computador, sendo apresentado ao jovem o programa Krita 2.8.3 que permite realizar desenhos. Buscamos analisar as estratégias de exploração e compreensão do sujeito, observando durante as atividades o uso da ferramenta, bem como a existência de motivação e avanços nas atividades e aprimoramento do trabalho verificando o rendimento e interesse do aluno. Os resultados foram analisados assim como uma entrevista de cunho avaliativo realizada com o jovem visando conhecer suas percepções e transformações de desempenho. Foi observado que mesmo com a disponibilidade da tecnologia o aluno preferiu desenhar a mão livre apesar de ter considerado o recurso relevante para futuras demandas.

Palavras-chave: desenho, tecnologia assistiva atividade lúdica

17 - A Produção Audiovisual como forma de Inclusão Digital na Prática Docentes

Ricardo Malheiros¹, Rosângela Lopes Lima¹, Ruth Maria Mariani Braz²

Universidade Federal Fluminense¹

Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho²

A prática docente ao longo de muitos anos nos permite verificar que boa parte dos professores apresenta grandes dificuldades em lidar com as novas tecnologias na sua prática de ensino e disso resulta uma gama de profissionais da educação “presos” aos mais tradicionais e antigos recursos e materiais didáticos como a lousa, livros didáticos e apostilas como suporte principal da atividade docente. Este projeto tem como objetivo geral, incentivar no contexto da formação de professores, o desenvolvimento de habilidades relativas à produção e publicação na web de vídeos educativos, instrumentalizar profissionais da educação para a sua formação em produção audiovisual e inclusão digital destes profissionais. Está sendo utilizada a metodologia do Videoprocesso criada por Joan Ferrés na década de 1990 e que se baseia em conceitos que propõem que o sujeito da aprendizagem se sinta responsável pelo processo de produção audiovisual, fazendo com que o vídeo se converta em um incentivo ao professor no sentido de integrar a criatividade no processo de aprender e ensinar. O presente trabalho faz parte das atividades discentes do autor e vem sendo realizado na Universidade Federal Fluminense, no Instituto de Computação. A testagem da metodologia do Vídeo-processo está sendo realizada com alunos do curso de Sistemas de Informação na disciplina Computação e Meio Ambiente e também configura as atividades de estágio de docência do autor do projeto, supervisionada por sua orientadora que é responsável por ministrar a disciplina. Estão sendo produzidos dez filmes curtas-metragens pelos alunosicineiros.

Palavras-chave: vídeo-processo, prática docente, filme

18 - A deficiência intelectual na perspectiva histórico-cultural

Roberta Pires Correa¹, Marcia Denise Plestch²

Universidade Federal Fluminense¹

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro²

O indivíduo com deficiência intelectual, ainda hoje, em grande medida, é visto pelo viés do modelo médico que acaba limitando suas possibilidades de desenvolvimento em detrimento das impossibilidades focadas na deficiência. A escola, fruto da meritocracia, enquadra estes indivíduos em um modelo de “aluno ideal”, não oferecendo aos mesmos, práticas flexíveis. Este modelo não contempla o sujeito com deficiência intelectual na sua singularidade, e a superação desse constructo representa um obstáculo para seu acesso e a permanência na escola. Porém, ao pensarmos em uma sociedade mais justa e igualitária, contrapondo-se as práticas pedagógicas institucionalizadas que se enquadram no modelo do “aluno ideal”, a escola democrática precisa atender a diversidade dos alunos. Tomando essa realidade como base, este trabalho que integra nossa pesquisa de mestrado objetiva apresentar a deficiência intelectual na perspectiva histórico cultural. Metodologicamente para este texto usamos a revisão da literatura especializada focando especialmente as diretrizes de Vigotski em diálogo com pesquisas contemporâneas na área. A partir da análise ficou evidente que o discurso de que o sujeito com deficiência intelectual não é capaz de aprender ainda é muito presente na nossa cultura, o que dificulta a sua escolarização com promoção acadêmica. Nesse sentido, a perspectiva histórico-cultural contribui para romper com este modelo na medida em que compreende a deficiência intelectual de forma prospectiva, com suportes e apoios necessários para que o indivíduo tenha uma vida cidadã. Em outras palavras, a análise da bibliografia ilustra que a perspectiva histórico-cultural tem contribuído, sobremaneira, para o entendimento do indivíduo com deficiência intelectual na sua relação com o meio social, histórico e cultural, no qual ele se apropria do conhecimento ofertado e ressignifica sua maneira de olhar e estar no mundo.

Palavras-chave: ensino e aprendizagem, práticas pedagógicas, aluno ideal

19 - O uso da tecnologia assistiva por professores de salas de recursos e classes inclusiva

Suellen da Rocha Rodrigues¹, Edicléa Mascarenhas Fernandes^{1,2}

*Universidade Federal Fluminense - Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão¹
Universidade do Estado do Rio de Janeiro²*

O processo da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva recente encontra-se em amplo debate social, seja na esfera política ou social. O Decreto nº 7.611/11 (BRASIL, 2011) estabelece como público alvo da Educação Especial os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, devendo a ela garantir os serviços de apoio voltados a eliminar as barreiras que possam obstruir o processo de escolarização desses alunos. Com isso a presente pesquisa busca refletir sobre o fato de que embora, atualmente, os professores de Salas de Recursos Multifuncionais (SRMs) tenham acesso a Tecnologia Assistiva (TA), a utilização das mesmas não chegam ao aluno. Para isso, utilizaremos como metodologia a pesquisa-ação, com a realização de três oficinas, com duração de 4h cada. Até o presente momento foram realizadas as duas primeiras oficinas com a participação de 27 professores de Classes Inclusivas e SRMs de um município da região Sul Fluminense do Rio de Janeiro, onde observamos que embora a maioria já tenha ouvido falado sobre TA não quer dizer que tenham sido formados para utilizarem tais recursos. Eles ainda apontam o fato de não saberem que é possível encontrar essa demanda de programas livres. Podemos observar pelos discursos dos professores que ainda falta por parte do poder público oferecer as professores a oportunidade/direito de que eles tenham acesso a uma formação que trate sobre uso de tais ferramentais e da sua importante no processo de ensino/aprendizado dos alunos o público alvo da educação especial e que embora seja perceptível durante as oficinas a surpresa por parte dos professores quando é falado que todos os softwares apresentados são gratuitos e encontra-se facilmente na internet. Isso acaba fazendo que os mesmos percebam que a formação continuada não é apenas uma obrigação do estado em estar oferecendo, mas também do professor em estar buscando.

Palavras-chave: educação especial; atendimento educacional especializado, leis

20 - Produção de material didático: comunicação, interação e estimulação da LIBRAS no museu itinerante Ciências sob tendas não formais

Tathianna Prado Dawes, Gustavo Henrique V. S. Alves, Lucianne Madeira Fragel

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

Muito tem se discutido no espaço escolar sobre a inclusão de crianças surdas em escolas regulares e a eficiência do ensino a elas oferecido. A sociedade, no seu dia-a-dia, precisa se adaptar às necessidades dos indivíduos com Surdez, dividindo espaços formais e não formais com igualdade e, principalmente, com respeito e aceitação às diferenças. Museus de Ciências desempenham um importante papel na difusão e popularização do conhecimento ao criarem espaços propícios ao surgimento de situações diversas, ricas em experiência e estímulos, adequados as suas necessidades e interesses. Nesse sentido, a realização de oficinas práticas, lúdicas e interativas, em ambientes não-formais de ensino, introduzirá os conceitos de educação inclusiva, estimulando a comunicação e interação entre os indivíduos, facilitando, assim, o processo de aprendizagem, de conscientização e de inclusão de indivíduos com surdez. Para tanto, desenvolvemos uma oficina lúdica e interativa de LIBRAS relacionada às ciências da natureza dentro do museu itinerante Ciências Sob Tendas. Esta oficina é composta por um Jogo da Memória de imagens científicas, como microscópio, célula, etc. e LIBRAS; um Jogo de Amarelinha com figuras de fundo dos animais com o uso de uma roleta dos animais em LIBRAS, associado a uma cartilha explicativa com noções de Braille e LIBRAS. Para verificar a eficácia desta oficina, inicialmente produzimos o jogo da memória em papel cartão com figuras de animais além da cartilha. Como resultados temos que o público participante do Ciências Sob Tendas demonstraram curiosidade em saber o que é LIBRAS, desejaram aprender os sinais dos animais Desta forma, acreditamos que esta oficina possa estimular o público a obter o conhecimento de uma língua que poucos conhecem e, desta forma, promover a sensibilização da inclusão sócio-educacional através das ciências da natureza.

Palavras-chave: Interatividade, ambiente não formais de ensino, surdo

21 - Acessibilidade do Surdo à Saúde: construção, avaliação e propostas construídas por mãos e vozes

Regina Célia N. Almeida; Maria de Fátima Ferrari; Marcelle Martine; Vanessa M. Pinheiro

Ministério da Educação / Instituto Nacional de Educação de Surdos - Núcleo de Orientação à Saúde do Surdo

O trabalho apresentado é desenvolvido pelo NOSS/INES, um programa de saúde que envolve vários projetos, desenvolvido por professores surdos e ouvintes em um espaço de ensino informal, sócio interacionista e bilíngue onde a língua de instrução é a LIBRAS. O NOSS foi criado em 2004 com a missão de gestão, educação e difusão do conhecimento da ciência da saúde tendo como objetivo propiciar autonomia e sustentabilidade da educação em saúde contribuindo para a emancipação da pessoa surda. Dados do núcleo mostram que o surdo se torna menos vulnerável às DST, gravidez precoce e violência sexual quando as barreiras linguísticas são minimizadas melhorando a relação médico/ paciente surdo e o acesso à informação e ao conhecimento em saúde. O núcleo oferece cursos de agente multiplicador em saúde sexual e reprodutiva para surdos e produz material didático bilíngue. A interdisciplinaridade se efetiva através das parcerias com centros de pesquisa nas universidades visando à educação científica e capacitação em técnico de laboratório de pesquisa, pois a microscopia valoriza as potencialidades visuais e cognitivas do surdo. Na saúde desenvolvemos estudo, pesquisa e um projeto de acessibilidade para minimizar as barreiras na relação médico-paciente surdo, coordenado pela Prof.^a Dra. Luiza Costa do Instituto de Saúde Coletiva envolvendo a Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense. Atualmente, três médicos que participaram do programa atendem na UPA/ Penha, Hospital da Gamboa e Santa Casa da Misericórdia e em casos de emergência no Centro Municipal de Saúde Manoel José Ferreira oferecendo maior acessibilidade na assistência clínica ambulatorial por estarem melhor informados e preparados para a comunicação com o paciente surdo. O processo de inclusão do surdo envolvendo cientistas, médicos, professores e a comunidade surda vem contribuir para a construção de uma sociedade que valorize a diversidade cultural e linguística que tanto enriquece este país.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade, NOSS/INES, relação médico paciente

22 - Estado da arte das publicações sobre altas habilidades/superdotação

Felipe R. Martins, Cristina M. C. Delou

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

Ainda que a legislação educacional brasileira garanta a educação dos superdotados desde a década de 1960, somente no ano de 2001, o Ministério da Educação instituiu as Diretrizes Nacionais da Educação Especial para a Educação Básica. O presente artigo tem como objetivo contribuir, na forma de estado da arte, no sentido de demonstrar o quanto à pesquisa na área avança, ainda que timidamente. O presente trabalho adotou como método a pesquisa quantitativa com base na análise documental, sendo realizado por meio da utilização de dois descritores (“altas habilidades” e “superdotação”) em três bases de dados distintas: Scielo, Lilacs e o banco de testes da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Os resultados obtidos foram analisados considerando a relação efetiva com a temática pesquisada. Nesse sentido levou-se em conta, além do próprio título, o resumo do trabalho. Desta forma, foram classificados como positivos aqueles que efetivamente estavam relacionados ao tema segundo os critérios adotados. Analisando os dados, percebemos que a utilização do descritor “altas habilidades” revelou um número maior de resultados em todas as bases de dados se comparado ao descritor “superdotação”, entretanto, após a análise do título e do resumo de cada trabalho conforme critério adotado, percebemos que o número de resultados positivos, quando utilizamos o segundo descritor foi maior, em termos absolutos, em duas das três bases consultadas. Sendo assim, a utilização exclusiva do termo superdotação demonstrou ser suficiente tanto para caracterizar o tema quanto para a realização de busca nas bases de dados utilizadas. Além disso, a pesquisa demonstra que a produção acadêmica no Brasil sobre superdotação demonstra um crescimento nos primeiros anos do novo milênio, em função do aumento de publicações oficiais sobre superdotação, entretanto ainda é restrita a poucos centros de pesquisa concentrados em alguns Estados.

Palavras-chave: educação, legislação, revisão bibliográfica.

23 - Psicomotricidade e Transtorno do Aspecto Autista: no desenvolvimento da coordenação motora dos alunos/pacientes da Clínica-Escola do Autista

Lindamara Braga Bomfim, Simone Almeida Pimentel

Clínica-Escola do Autista.

Sabemos que o Autismo caracteriza-se por significativas alterações na comunicação, na interação social, nos sentimentos e no comportamento da criança, e que até o presente momento, não há cura, mas com uma equipe multidisciplinar em diferentes tratamentos terapêuticos, pode ocorrer um excelente desenvolvimento e uma melhor qualidade de vida. Com isso, na Clínica-Escola do Autista, em Itaboraí - RJ oferece tratamentos terapêuticos, e vamos nos deter o trabalho da fisioterapia, mas especificamente à coordenação motora. As habilidades motoras são a capacidade de empregarmos os que nosso corpo informa nosso cérebro para que ele se adapte às necessidades espaciais do nosso espaço de modo que o nossos músculos e ossos possam completar suas tarefas. Nós precisamos que as coordenações motoras finas e grossas trabalhem associadas para a realização dos nossos movimentos. Na coordenação motora grossa usamos os grupos de músculos maiores e o desenvolvimento de habilidades como correr, saltar, chutar, subir e descer escadas. Na coordenação motora fina são os músculos pequenos, como das mãos e dos pés. A discrepância entre esses dois tipos de coordenação motora, está na função dos músculos, mas precisamos das duas funções para fazer qualquer coisa, sobretudo nos domínios psicomotores e cognitivos. O presente estudo tem como objetivo mediar o aprendizado dos alunos/pacientes da Clínica-Escola do Autista de forma concreta estimulando a coordenação motora através de atividades dirigidas e específicas a devido fim. Durante 40 minutos, semanalmente, são realizados exercícios de estímulos proprioceptivos como: Equilíbrio em bolas em diversos decúbitos, fortalecimento de membros inferiores, membros superiores com apoio do terapeuta, e estímulos aos reflexos de agarrar e jogar objetos com bolas pequenas e bolas suíças e ainda bolas de sabão foi trabalhado a coordenação dos dedos, quebra-cabeça e torre de pisa para trabalhar controle de força. Com a estimulação do cérebro nas atividades físicas, trabalhamos toda a parte neuromuscular, possibilitando uma melhor interação do sistema sensorial e músculo esquelético, contribuindo de forma significativa no aprendizado dos alunos/pacientes da Clínica-Escola do Autista, na construção do seu conhecimento.

Palavras-chave: coordenação motora, aprendizagem, tratamento terapêutico

24 - Materiais didáticos em libras para facilitar a aquisição dos alunos surdos: conteúdos programáticos

Luciane Cruz, Ana Regina Campello

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

Apresentação do trabalho de projeto de mestrado se constitui como parte de Estudos Culturais e Linguísticos. De acordo com Quadros (2003), a alfabetização das crianças surdas deveria partir de uma língua visual espacial, portanto, a língua de sinais, como fator determinante e cultural e assim a aquisição seria uma consequência do processo. Detectaremos o letramento visual do conceito e conteúdo acadêmico do aluno como base do processo educativo e do uso da língua de sinais. A produção de materiais computacionais para a educação tem sido estimulada e vem sendo aprimorada de acordo com a evolução da informática (Borges, 1998, Almeida et al., 2000). Aproveitaremos vários vídeos produzidos e trabalhados com o tema de Ciências na escola inclusiva da cidade de Petrópolis para serem utilizados como ponto de partida dessa pesquisa na prática e, outros, que se referem aos próprios materiais criados. Utilizaremos a pesquisa qualitativa acerca da eficiência da Libras utilizada pelos alunos na realização deste processo com aplicação de um questionário para a análise das concepções de surdos. Os questionários serão contemplados com questões fechadas (itens objetivos e dicotômicos); semi-estruturadas (itens semi-abertos com certo grau de liberdade na resposta) e não estruturadas (itens totalmente abertos), sendo os dados tratados percentualmente com o programa Excel da Microsoft Office. Na perspectiva da educação inclusiva através do uso comunicativo da Libras vai mostrar um espaço a ser explorado, tendo em vista que a nova geração está integrada ao mundo virtual. A produção de um DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS / LIBRAS ao público com temas da Ciência com inserção de vocabulários de acordo com os conteúdos programáticos das escolas inclusivas vai ajudar muito o entendimento e compreensão dos conteúdos aos alunos surdos.

Palavras-chave: LIBRAS – dicionário visual, questionário

25 - Acessibilidade do Surdo à Saúde: construção, avaliação e propostas construídas por mãos e vozes

Almeida, Regina Célia N.; Ferrari, Maria de Fátima; Martinez, Marcelle; Pinheiro, Vanessa M.

Ministério da Educação/ Instituto Nacional de Educação de Surdos- Núcleo de Orientação à Saúde do Surdo

O trabalho apresentado é desenvolvido pelo NOSS/INES, um programa de saúde que envolve vários projetos, desenvolvido por professores surdos e ouvintes em um espaço de ensino informal, sócio interacionista e bilíngue onde a língua de instrução é a LIBRAS. NOSS foi criado em 2004 com a missão de gestão, educação e difusão do conhecimento da ciência da saúde tendo como objetivo propiciar autonomia e sustentabilidade da educação em saúde contribuindo para a emancipação da pessoa surda. Dados do núcleo mostram que o surdo se torna menos vulnerável às DST, gravidez precoce e violência sexual quando as barreiras linguísticas são minimizadas melhorando a relação médico/ paciente surdo e o acesso à informação e ao conhecimento em saúde. O núcleo oferece cursos de agente multiplicador em saúde sexual e reprodutiva para surdos e produz material didático bilíngue. A interdisciplinaridade se efetiva através das parcerias com centros de pesquisa nas universidades visando à educação científica e capacitação em técnico de laboratório de pesquisa, pois a microscopia valoriza as potencialidades visuais e cognitivas do surdo. Na saúde desenvolvemos estudo, pesquisa e um projeto de acessibilidade para minimizar as barreiras na relação médico-paciente surdo, coordenado pela Prof.^a Dra. Luiza Costa do Instituto de Saúde Coletiva envolvendo a Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense. Atualmente, três médicos que participaram do programa atendem na UPA/ Penha, Hospital da Gamboa e Santa Casa da Misericórdia e em casos de emergência no Centro Municipal de Saúde Manoel José Ferreira oferecendo maior acessibilidade na assistência clínica ambulatorial por estarem melhor informados e preparados para a comunicação com o paciente surdo. O processo de inclusão do surdo envolvendo cientistas, médicos, professores e a comunidade surda vem contribuir para a construção de uma sociedade que valorize a diversidade cultural e linguística que tanto enriquece este país.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade, NOSS/INES, agente multiplicador

26 – Biblioteca Universitária Inclusiva

Sandra Filgueiras, Fabiana Leta

*Universidade Federal Fluminense
Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão*

Propõe o estudo e o desenvolvimento de um “Projeto de Biblioteca Universitária Inclusiva” e sem barreiras, preparada para atender aos diferentes usuários do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Fluminense, de forma abrangente e democrática. As bibliotecas poderão receber pessoas com os mais diversos tipos de deficiência: auditiva, física, intelectual, visual e múltipla, garantindo-lhes condições de mobilidade e usabilidade, tanto nos espaços físicos, quanto no acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, que facilitam o uso do acervo. Os parâmetros do design universal, o estudo da legislação específica e o conhecimento das novas Tecnologias Assistivas (TA) serão os pilares para a construção desse projeto, que pretende ser referência para a criação de Bibliotecas que promovam o acesso democrático à informação e ao conhecimento produzido. A pesquisa encontra-se em fase inicial tendo como resultado preliminar somente o levantamento da relevância do tema e apresentação de trabalhos em eventos.

Palavras-chave: acessibilidade. pessoa com deficiência, mobilidade

27 – Linguagem gráfica no ensino de física: possibilidades e obstáculos na inclusão de alunos cegos

Alfredo Marques Costa, Ana Beatriz de Sousa Barbosa, Lucia Almeida

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

Movimentos sociais e políticas governamentais em prol de uma sociedade mais justa e igualitária trouxeram novos desafios para a educação. Hoje, alunos com necessidades educacionais especiais têm garantido o direito à educação nas classes comuns do ensino regular. A orientação que se coloca é a garantia a todos os alunos de “acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior” (MEC, 2008). Porém, muito mais do que troca de espaços (escolas regulares x escolas especiais), a educação inclusiva exige mudanças que reflitam nas crenças e valores dos professores, seus ideais e suas concepções sobre “como” e “para quem” ensinar (Silva e Maciel, 2005). Assim, a Universidade deve garantir aos professores processos e meios de reflexão que contribuam para a construção de práticas educativas consoantes com os pressupostos da educação inclusiva. Apesar das recomendações de mudanças nos processos de ensino e de aprendizagem, ainda predomina no ensino de Física uma abordagem propedêutica, centrada na escrita e oralidade do professor. Esse modelo associado a outras especificidades da Física (linguagens matemática e gráfica) se configura como obstáculo à inclusão de deficientes visuais em aulas de Física. Porém, o desenvolvimento de competências e da criatividade em novas tecnologias se apresenta como possibilidade para um ensino que respeita as individualidades dos alunos. Com esse trabalho objetivamos a apresentação da trajetória de 2 licenciandos na produção de gráficos em relevo por diferentes processos (construção de tábua quadriculada em relevo; confecção de matrizes por meio de colagem de materiais e com o uso dos softwares Braille Fácil e Monet; uso da máquina termoform). Os principais resultados referem-se à análise sobre as vantagens e desvantagens inerentes a esses processos e recursos voltados ao ensino de Física.

Palavras-chave: ensino de Física, deficiência visual. Prática docente

28 – Novos caminhos nos tribunais de justiça: ensino de libras para servidores

Ludmila Veiga Faria Franco, Helena Carla Castro, Dilvani Oliveira Santos

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

O Art. 17 da Lei 10.098/00, diz que o “Poder Público promoverá a eliminação de barreiras na comunicação e estabelecerá mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação e sinalização às pessoas portadoras de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação, para garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer.” O Decreto Nº 5626/05, dispõe e regulamenta sobre a Língua Brasileira de Sinais, Libras, garantiu “tratamento diferenciado por meio do uso e difusão de Libras e da tradução e interpretação de Libras-Língua Portuguesa” para as pessoas surdas. Assinala ainda que “o Poder Público, as empresas concessionárias de serviços públicos e órgãos da administração pública Federal, Estadual, Municipal e do Distrito Federal, e as empresas privadas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos” buscarão implementar as medidas para tal, realizado por “servidores e empregados capacitados para essa função”. Contudo, uma das barreiras enfrentadas pelos surdos no Brasil é a falta de comunicação, pois são usuários da Libras, e não encontram pessoas qualificadas em Libras no serviço público brasileiro. Diante das garantias legais foi oferecido, pela primeira vez, um curso básico de Libras para os servidores estaduais do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. O curso foi oferecido três vezes por semana, durante um mês, contando 30 horas-aula. O objetivo geral foi capacitar funcionários públicos estaduais para comunicação com usuários surdos. O curso versou sobre Fundamentação Libras; Legislação; Acessibilidade; Cinco parâmetros da Libras; Descritores. Os funcionários capacitados se mostraram motivados a dar continuidade a formação, sugerindo um novo curso para o próximo ano. Não houve evasão. No mês de setembro ocorrerá nova turma.

Palavras-chave: lei, comunicação, capacitação

29 – Crianças brasileiras ouvintes devem aprender Libras – Língua Brasileira de Sinais?

Luciane Rangel Rodrigues¹, Ana Regina e Souza^{1,2}

Universidade Federal Fluminense - Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro²

Esta pesquisa do projeto de mestrado intitulado “LIBRAS no ensino fundamental: Desenvolvimento do DVD Libras para alunos ouvintes a partir do uso de temas de Ciências como estímulo ao bilinguismo em uma escola pública da cidade de Niterói” e que faz parte de Estudos Culturais e Estudos Surdos apresenta o resultado obtido. Os 72 participantes preencheram o questionário da pesquisa de Aprendizagem de novas línguas: novas percepções e concepções. Uma das perguntas a respeito de Crianças brasileiras e ouvintes DEVEM aprender Língua Brasileira de sinal para analisar a concepção de participantes para saber se as crianças ouvintes devem ou não por causa da barreira de comunicação entre surdo e ouvinte na inclusão social. Neste estudo utilizamos o método quali-quantitativo, com aplicação de um questionário para a análise das concepções de 72 participantes. O questionário permitiu a análise de aspectos pessoais. Os 18 surdos (75%) e 54 ouvintes (75%). O resultado preliminar apresentou que 49% concordaram totalmente, 24% concordaram, 19% concordaram parcialmente, 6% não concordaram e 3% não concordaram total com esta questão. Analisando as justificativas de que as crianças interagem e socializam com o sujeito surdo e muitos adultos ouvintes que não conviveram com surdos não teriam possibilidade de usar este conhecimento e de aprenderem a LIBRAS. Desde 2002, o Brasil passou a ter outra língua reconhecida além de português. Os participantes acreditam que as crianças ouvintes em tenra idade mais possível, devem aprender a L2 – segunda língua para entrar em contato com os surdos na comunicação visual com mais facilidade do que adultos. Oportunidade e possibilidade para todos os aprendizados ouvintes devem aprender Libras, ter maior capacidade de cognição e aprendizado, e assim construir a sociedade inclusiva sem barreira da comunicação e nem preconceito linguístico.

Palavras-chave: segunda língua, ensino, inclusão

30 - Mapeamento dos alunos identificados com altas habilidades ou superdotação no município de Macaé

Lucieid de Oliveira Garcia Martins^{1,2}, Cristina Maria Carvalho Delou^{2,3}

*Coordenadora de Educação Especial da Prefeitura Municipal de Macaé¹,
Universidade Federal Fluminense - Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão²,
Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense³*

No município de Macaé Coordenação de Educação Especial acompanha 45 Salas de Recursos Multifuncionais implantadas pelo MEC. Tais salas estão distribuídas em várias escolas da rede e atendem ao público alvo da Educação Especial alunos de apresentam deficiência, transtorno global do desenvolvimento, altas habilidades ou superdotação (LDB, 2013) na própria escola como também escolas próximas, de acordo com a Resolução nº 4/2009. Neste trabalho realizado no Município, foi identificado que um público se mostrava ausente do Atendimento Educacional Especial ofertado pela Sala de Recursos Multifuncional devido a não identificação e acompanhamento dos alunos que apresentam altas habilidades ou superdotação. Diante do quadro, este trabalho se propôs a realizar a identificação de alunos que apresentam indicadores de altas habilidades/superdotação nas Unidades Escolares de Macaé. A Coordenação de Educação Especial/Inclusiva – setor altas habilidades ou superdotação, tem registro de 12 alunos que apresentam indicadores de altas habilidades ou superdotação contabilizados na rede municipal de Macaé. Este trabalho mostrou o aumento dos alunos com superdotação. Após realizar tal mapeamento podemos identificar, direcionar e acompanhar este público alvo da educação especial para que as habilidades possam ser aproveitadas e direcionadas de acordo com suas áreas de talento. O presente trabalho encontra-se inconcluso havendo muitos alunos à serem indicados para avaliação pedagógica.

Palavras-chave: sala de recurso, identificação, educação especial



**NITERÓI - RJ
2015**

Sinopse do II Encontro de Diversidade e Inclusão da UFF - 2015

O II Encontro em Diversidade e Inclusão da UFF ocorreu nos dias 26, 27 e 28 de novembro de 2015, (quinta e sexta – 8h à 18; sábado 9h às 13h), no Auditório e Bloco G do Campus do Gragoatá, e em salas do 2º. andar Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, com apresentação de palestras e pôsteres e realização de Oficinas.

O evento foi coordenado pela Professora Doutora Neuza Rejane Wille Lima e sub-coordenado pela Professora Doutora Cristina Maria Carvalho Delou e contou com a participação de quatorze do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão que compuseram a Comissão Organizadora do Evento:

- | | |
|--------------------------------------|-------------------------------------|
| • Adriano de Castro Pinho | • Ludmila Veiga Farias Franco |
| • Daniele Pereira dos Santos Magon | • Mariana de Barros Baptista |
| • Danilo Couto Teixeira de Carvalho | • Marcia Cristina Troly da Silva |
| • Fábio Tadeu Cabral Stoller | • Sandra do Amparo Silva Filgueiras |
| • Luciane Cruz Silveira | • Raquel Giannini |
| • Luciane Rangel Rodrigues | • Tânia Maria Moratelli Pinho |
| • Lucieid de Oliveira Garcia Martins | • Tathianna Prado Dawes |

Esse evento visou promover debates sobre olhares, estratégias e práticas em diversidade e inclusão, abordando aspectos legais e pedagógicos, associando-se a divulgação as atividades do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da UFF e a formação dos seus mestrandos na prática de organizar, realizar e avaliar um evento científico além de informar a sociedade sobre os conhecimentos e as práticas relativas acessibilidade e tratamentos de pessoas com necessidades especiais por deficiências e/ou superdotações.

As atividades realizadas durante o evento foram a apresentação de:

- Quatro Palestras
- Sete relatos de casos
- Sessenta e sete resumos
- Nove oficinas

Palestras do II Encontro de Diversidade e Inclusão da UFF

26 de novembro de 2015

Horários	Palestrantes	Instituições	Títulos
09:00h – 10:00h Palestra de Abertura	Dra. Bianca Fonseca	Professora Instituto CENSUPEG Pesquisadora em Neuroeducação e Autismo (CeC/NuDCEN – OCC/UFRJ) no Instituto Nacional de Tecnologia (INT/MCTI)	"Estratégias de detecção precoce e rastreio no Transtorno do Espectro Autista e o manejo com esses alunos em sala de aula"
10:30h – 11:00h Relato de Experiência	Ms. Fernanda Serpa Cardoso	Universidade Federal Fluminense Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Biotecnologia (UFF)	Empresa- Escola Básica- Universidade: uma parceria no atendimento a alunos identificados com altas habilidades
11:00h - 11:30h Relato de Experiência	Dr. João Ricardo Melo Figueiredo	Diretor do Instituto Benjamin Constant	Deficiência visual: a prática docente a partir da relação entre família, escola e sociedade.
11:30h – 12:00h Relato de Experiência	Maurício Ribeiro Gomes	Mestrando do Núcleo de Computação Eletrônica - NCE Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ	Acompanhamento de alunos com Altas Habilidades através da Robótica Educacional
13:00h – 14:00h Palestra	Dr. Paulo Pires de Queiroz	Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense	Celebrando a Diversidade: pensando inclusivamente sobre o ensino inclusivo
14:00h – 17:00h Apresentação de pôsteres			

Palestras do II Encontro de Diversidade e Inclusão da UFF**27 de novembro de 2015**

Horários	Palestrantes	Instituições	Títulos
09h00 Palestra	Dra. Isabel Maria Carneiro de Sanson Portella	Museóloga do Museu da República, Coordenadora do GT de Acessibilidade do Programa Nacional de Educação Museal	Acessibilidade em ambientes culturais
10h00 Relato de Experiência	Ana Cristina de Lima Ferreira	Psicopedagoga Pós Graduação (UCAM - AVM), Colaboradora do Sensibiliza - CVI-Rio (Centro de Vida Independente)	Impossível pode se tornar possível
10h30 Relato de Experiência	Solange Maria da Rocha	Professora e Resp. pelo Acervo Histórico Instituto Nacional de Educação de Surdos	Educação de Surdos: Um olhar para a História
11h Relato de Experiência	Dr. Helio F. Orrico	Psicólogo Pós Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Biotecnologia (UFF)	Cognição, Linguagem, Emoção: Reprogramando metas de vida
11h30 Relato de Experiência	Ms. Betty Lopes L'Astorina de Andrade	Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Tradução de literatura surda sinalizada
14:00h – 17:00h Apresentação de pôsteres			
17:00h Palestra de Encerramento	Profª Patricia Braun Transporte	Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira que é o Colégio de Aplicação da UERJ - CAP -UERJ	Inclusão escolar: ideias, caminhos....possibilidades?!

Oficinas do II Encontro de Diversidade e Inclusão da UFF**28/11/2015**

OFICINAS	Títulos	Oficineiros
1	Classificadores Verbais em Libras	Luciane Rangel Rodrigues - CMPDI
2	Conhecendo as Funcionalidades dos Kits de Robótica Educacional LEGO Mindstorms NXT	Ramieri da C. Passos CMPDI
3	Ensinando Matemática com Origami às Escuras	Tania Maria Moratelli Pinho CMPDI
4	Tecnologias Assistivas ao Lúdico no contexto Inclusivo	Aimi Tanikawa de Oliveira CMPDI
5	Vídeoessprocesso: Você através do Vídeo	Ricardo Malheiros, Stella Manes, Aline Varges, Juliete Viana, Gabriel Tamus & Noemi Beneques Horowicz - CMPDI/CECERJ
6	Ensino de Matemática para Surdos	Rosana Gomes Bernardo CECERJ
7	Nada sobre nós, sem nós!"- as funcionalidades de adultos com deficiência intelectual	Sônia Mendes F. Lopes, Débora Coelho & Rafaela Barros UERJ
8	Sensibilizando o seu Ambiente de Trabalho para a Inclusão	Ludmila Veiga Faria Franco, Aline C. Warol Teixeira & Daniele P. dos S. Magon CMPDI
9	Sensibilização de professores em relação às Altas Habilidades ou Superdotação: Um olhar sob as diferenças	Jeane Mendonça & Mariana de Barros Baspitista CMPDI

Lista dos resumos do II Encontro de Diversidade e Inclusão da UFF - 2015

1 - O atendimento individualizado para alunos-paciente na clínica-escola do autista Itaboraí/RJ: desenvolvimento de habilidades funcionais por meio da análise do comportamento aplicada (aba).....	51
2 - Aumento de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação no ensino superior do Brasil na segunda década do século XXI..	52
3 - O uso de modelos no processo de construção do conhecimento científico em uma aula com estudantes surdos	53
4 - Experiências acessível em exames de seleção de discentes do IF Sudeste, MG	54
5 - Práticas compartilhadas na educação inclusiva: efeitos de uma “experiência” do “estar juntos” na educação infantil.	54
6 - Intervenção nutricional em indivíduos autistas.....	56
7 - Antropomorfismo com traços culturais de identidade surda em poesias sinalizadas	57
8 - Utilização de reforçadores tangíveis na prática terapêutica psicopedagógica com alunos-pacientes da clínica escola do autista: estratégia eficaz para aquisição de habilidades sociais.	58
9 - Estudo sobre a perspectiva do deficiente auditivo em relação a EAD	59
10 - Cognição surda x aprendizagem	60
11 - Formação de professores na perspectiva histórico-cultural para o trabalho com alunos com deficiência intelectual	61
12 - Paralisia cerebral e as relações psicossociais.....	62
13 - Planejamento Educacional Individualizado (PEI) e currículo: possibilidade para a escolarização do aluno com deficiência intelectual.....	63
14 - Formação continuada de intérpretes educacionais.....	64
15 - A clínica-escola do autista e a intersectorialidade no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista: uma conquista da sociedade civil itaboriense.	65
16 - Desafios da inclusão com a Educação a Distância no Rio de Janeiro.....	66

17 - Cinesioterapia motora passivo/ativo assistida no transtorno do espectro autista: aumento do tônus muscular e coordenação motora nos alunos-paciente da clínica-escola do autista. ..	67
18 - Educação a Distância e Inclusão Social	68
19 - A interdisciplinaridade entre a musicoterapia e o atendimento pedagógico:desenvolvimento da socialização e do raciocínio lógico com os alunos-pacientes na (da) clínica-escola do autista	69
20 - Os múltiplos olhares para a inclusão de crianças com deficiência intelectual nas escolas e na comunidade.....	70
21 - Reflexões sobre o ensino de soletrado digital na Universidade	71
22 - Material didático acessível: uma ponte no processo ensino aprendizagem	72
23 - Da identificação, intervenção e auto-percepção: um olhar sobre as altas habilidades	73
24 - A escolarização de alunos com deficiência intelectual: a avaliação da aprendizagem em foco.....	74
25 - A importância do lúdico no ensino da libras para alunos ouvintes em uma escola de tempo integral	75
26 - O surdo, a emoção e a criatividade na sala de artes.....	76
27 - Projeto Turismo e Hospitalidade Inclusiva.....	77
28 - O atendimento individualizado para alunos-paciente na clínica-escola do autista Itaboraí/RJ: desenvolvimento de habilidades funcionais por meio da análise do comportamento aplicado (ABA).....	78
29 - Guia para a trilha adaptada do Parque Nacional da Tijuca: uma proposta multidisciplinar sob a perspectiva da educação inclusiva	79
30 - A elaboração conceitual em alunos com deficiência intelectual: aspectos do processo de ensino aprendizagem	80
31 – Percepções de professores quanto à inclusão do deficiente visual.....	81
32 - Acompanhando a proposta de mediação escolar e as tensões entre políticas e práticas na educação inclusiva no CIEP 411 no município de São Gonçalo.	82
33 - Uso de tecnologia assistiva no ensino de biologia para deficientes visuais.....	83
34 - A importância da ludicidade no contexto escolar inclusivo.....	84
35 - Utilização da oficina lúdica “jogo de memória científica em libras” para difusão e interação com a libras.	85

36 - “Surdo”: identidade ou identificação?	86
37 - O atendimento individualizado para alunos-paciente na clínica-escola do autista Itaboraí/RJ: desenvolvimento de habilidades funcionais por meio da análise do comportamento aplicada (ABA)	87
38 - Uma oficina introdutória de líwssssssssssssssssssngua brasileira de sinais para alunos de colégios públicos de Niterói, RJ.....	88
39 - Produção de vídeos sobre o tema “meio ambiente” – uma atividade de educação ambiental com alunos surdos	89
40 - A apresentação do curta-metragem “Eu não quero voltar sozinho” como um mediador do processo de diminuição da exclusão social no Colégio Pedro II	90
41 - A construção de conceitos matemáticos com um aluno autista: um relato de experiência no Centro de Atendimento Educacional Especializado Centro (CAEE/Centro) – Juiz de Fora....	91
42 - Jogos educativos acessíveis a deficientes visuais: um levantamento bibliográfico.....	92
43 - Educação de surdos e questões de linguagem	93
44 - Áudio livro e a divulgação de temas de fronteira em biologia: um instrumento de inclusão de pessoas com deficiência visual e de conhecimento para professores da educação básica ..	94
45 - Síndrome de Irlen - déficits na via neurológica magnocelular modelo de árvore em relevo para auxiliar no processo ensino-aprendizagem árvores em estrutura de dados para alunos cegos	95
46 - O Trabamat como tecnologia educacional no ensino de matemática na educação de jovens, adultos e idosos.	96
47 - Proposta de atividades para implementação do plano pedagógico individualizado: papel dos professores na construção de métodos de avaliação e práticas pedagógicas para estudantes com deficiência intelectual.....	97
48 - Criação de um banco de dados em libras para divulgação de ensino de biociências para indivíduos com necessidades educacionais específicas.....	98
49 - Construindo estratégias de avaliação de AH ou SD a partir do SAERJINHO	99
50 - Modelo de árvore em relevo para auxiliar no processo ensino-aprendizagem árvores em estrutura de dados para alunos cegos	100
51 – Tecnologia, acessibilidade e construção do conhecimento na resolução de problemas matemáticos.....	101
52 – CALCULIBRAS – Matemática em Libras na Web.....	102

53 - Adaptação de software educacional para divulgação de ensino de biociências para indivíduos com necessidades especiais na perspectiva da surdez	103
54 - A formação docente para o ensino da língua brasileira de sinais (libras): Um recorte do município de Juiz de Fora – M.G	104
55 - Método de alfabetização para alunos autistas (MAPA): alternativa da clínica-escola do autista.....	105
57 - A jornada das lombrigas: atividade lúdica sobre Ascaris lumbricoides, Linnaeus, 1758 para alunos ouvintes e surdos da rede pública de ensino de Niterói, RJ.....	107
58 - Uma abordagem lúdica de ensino de braille para crianças	108
59 - A interdisciplinaridade entre a musicoterapia e o atendimento pedagógico: desenvolvimento da socialização e do raciocínio lógico com os alunos-pacientes na (da) clínica-escola do autista	109
60 - Natação para surdos – aprendizagem, saúde e inclusão social.	110
61 - Relato de experiência sobre o curso: sensibilizando e acessibilizando seu ambiente de trabalho.	111
62 - Recursos didáticos no ensino de biologia: sistema urinário humano adaptado para alunos com deficiência visual	112
63 – Videoaulas: a criatividade e a sustentabilidade nas artes visuais.....	113
64 - Dupla exclusão: o jovem superdotado de camadas populares	114
65 - A jardinagem sustentável como uma forma de educação ambiental	115
66 - Música, movimento e inclusão: atividades musicais como recurso pedagógico no processo de ensino e aprendizagem de crianças com deficiência	116
67 - A trajetória da coordenação de educação especial/inclusiva no município de Itaboraí/RJ: conquistas e desafios.	117

1 - O atendimento individualizado para alunos-paciente na clínica-escola do autista Itaboraí/RJ: desenvolvimento de habilidades funcionais por meio da análise do comportamento aplicada (aba)

Adriana Oliveira De Carvalho Ferreira, Michele Soares Rodrigues Paiva, Raquel Freitas Cairo

Clínica-escola do autista

O atendimento individualizado para alunos – paciente matriculados na Clínica – Escola do Autista é uma abordagem, a fim de desenvolver/ potencializar Habilidades Funcionais de: Imitação, Linguagem Receptiva, Autocuidado, Sociais, Brincar, Psicomotoras, Pré – acadêmica e Acadêmica. O ensino individualizado é norteado de acordo com as necessidades biopsicossociais de cada um dos envolvidos neste processo, bem como, pela Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e com o auxílio permanente dos reforçadores tangíveis, sociais, atividades e físicos. Tais recursos funcionam como estímulos positivos, fazendo com que os Autistas se envolvam mais nas atividades pré-estabelecidas. A equipe pedagógica é composta por três Professoras de Referência com Capacitação Pedagógica em Autismo e uma Coordenadora Especialista em Educação Especial. As docentes realizam os atendimentos individuais em uma sala livre de estímulos distractores e estruturada viso-espacialmente. Objetiva - se a aquisição de habilidades funcionais e minimizar os prejuízos decorrentes da inabilidade da Teoria da Mente. Foram utilizados o Programa de Análise do Comportamento Aplicada (Applied Behavior Analysis-ABA), o Currículo Funcional e reforçadores. Os resultados demonstraram que os alunos – paciente apresentam maior concentração com manutenção de foco e ocorrem diminuição de: estereotípias, explosões de raiva, ansiedade, auto – mutilação, fuga, auto - estimulação e esquiva nas atividades propostas, ocasionando assim, o processo de assimilação e acomodação das habilidades acima citadas. A intervenção e alteração no ambiente em que o indivíduo se encontra inserido são essenciais para a modificação de comportamentos. A finalidade de todo esse processo é o de prepará-los para frequentarem, posteriormente, a Classe Regular Inclusiva.

Palavras-chave: autista, estruturação viso-espacial, Teoria da Mente

2 - Aumento de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação no ensino superior do Brasil na segunda década do século XXI

Aline Chermont Warol Teixeira, Cristina Maria Carvalho Delou

*Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão
Universidade Federal Fluminense*

Nas últimas décadas, a educação inclusiva levou alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades ou superdotação, amparados legalmente, a frequentar salas de aula comuns nas escolas brasileiras e a conviver com os demais discentes considerados normais segundo os parâmetros estabelecidos pela sociedade. O objetivo desse trabalho foi mostrar o aumento do número de matrículas desses alunos nos cursos de graduação do Brasil, no período de 2011 a 2013, e questões relacionadas ao acesso e permanência no ensino superior. A metodologia foi a pesquisa bibliográfica em livros e trabalhos publicados entre 2000 e 2014, análise de informações contidas em páginas eletrônicas de universidades, documentos legais e dados estatísticos de sites oficiais do governo. Os resultados mostraram que o número de matrículas aumentou nos cursos de graduação presenciais e a distância. Em 2011 foram efetuadas 23.250 matrículas, em 2012, 27.143 e em 2013, 29.034 matrículas. Identificou-se que a iniciativa do governo quanto à criação de programas de assistência estudantil visou contribuir com a permanência dos alunos na IES, ao mesmo tempo que são identificadas fragilidades no processo de inclusão no ensino superior. Concluindo, para a inclusão de excelência no ensino superior não basta o registro de exigências e orientações, mas que a população se conscientize de que todos devem reivindicar direitos, assim como se posicionar com respeito frente à diversidade.

Palavras-chave: acesso ao ensino superior, direito, estatística

3 - O uso de modelos no processo de construção do conhecimento científico em uma aula com estudantes surdos

Ana Paula Abrantes, Eduardo Andrade Gomes, Cristiane Botelho Valadares

Universidade Federal de Viçosa

A escola é um espaço permeado pela diferença, por isso todos os presentes necessitam ser respeitados em sua particularidade e estimulados quanto as suas potencialidades. Nesse sentido, para que os estudantes surdos tenham melhores condições de se desenvolver, é importante que as discussões realizadas nesse espaço sejam também por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras), além da utilização de metodologias visuais e recursos multimodais como imagens, materiais concretos, animações, experimentos, configurando novos significados às ações propostas na mediação do conhecimento científico em sala de aula pelo professor. Assumindo tais ações e, tentando suprir o déficit de aprendizado na formação de alguns surdos, foi realizada uma sequência de três aulas sobre a temática Lipídeos com cinco estudantes surdos da cidade de Viçosa (MG) que já haviam concluído o Ensino Médio. Essas aulas estão inseridas em um projeto de extensão da Universidade Federal de Viçosa que visa trabalhar com esses estudantes assuntos dentro de uma temática mais ampla, por exemplo, Alimentação, dando a eles subsídio para tentarem a prova do ENEM, e posteriormente, ingressarem ao ensino superior. Essas aulas acontecem semanalmente com duração de duas horas e são ministradas por um professor bilíngue licenciando em Química. Nas referidas aulas, todas as discussões com os estudantes ocorreram em Libras. Foi abordado o conceito de lipídeo e, após a explicação do professor, foi solicitado que elaborassem um modelo com massa de modelar da estrutura do mesmo. Feito isso, conseguiram reconhecer as estruturas hidrofílicas e hidrofóbicas da estrutura, representando tais ideias e conceitos através desse modelo. Assim, percebemos que a mediação do professor e o uso da Língua de Sinais como língua de instrução, metodologia visual e recursos multimodais foram essenciais para que os estudantes surdos obtivessem êxito na atividade, permitindo a eles que representassem os conceitos que haviam entendido.

Palavras-chave: recursos multimodais, professor bilíngue, química

4 - Experiência acessível em exames de seleção de discentes do IF Sudeste MG.

Wanessa Moreira Olivera¹, Ediclea Mascarenhas Fernandes²

Mestranda em Diversidade e Inclusão pela UFF e Coordenadora de Ações Inclusivas do IF Sudeste MG¹; Universidade Federal Fluminense - Curso de Mestrado em Diversidade e Inclusão².

Este trabalho descreve u-ma experiência realizada pela Coordenação de Ações Inclusivas do IF Sudeste MG junto à Comissão de Processos Seletivos, com o objetivo de tornar mais acessíveis os exames de seleção para ingresso na Instituição. Tendo em vista que, com o processo de inclusão iniciado no país nos anos 90, tem se tornado cada vez maior o número de candidatos com deficiência transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, público-alvo da educação especial inclusiva, para ingresso em instituições de ensino. Assim, a experiência em questão se constituiu através do estudo de legislações brasileiras que garantem acessibilidade e da realização de cinco atividades, a saber: seminário com as bancas de correção de redação; reunião com as bancas de elaboração de questões para o exame; elaboração de documento de orientação sobre atendimento especial para aplicadores de provas e leitores; criação de formulário de avaliação do atendimento especial e gravação de editais em Libras. Dessas ações resultaram: correção diferenciada das provas de redação dos candidatos surdos, considerando sua singularidade linguística; descrição, feita pelo próprio professor, de figuras, tabelas e gráficos utilizados nas questões que elabora para o exame e que são disponibilizados para o leitor que faz a leitura da prova para o candidato cego/baixa visão; os profissionais que atuam na aplicação de provas passaram a ter orientações sobre como proceder no atendimento a candidatos com necessidades especiais; os atendimentos disponibilizados puderam ser aperfeiçoados a partir da avaliação dos próprios candidatos atendidos; e os candidatos com deficiência auditiva passaram a compreender melhor os processos seletivos da instituição pelo acesso aos editais em Libras. Contudo, é necessário que a Instituição discuta e estabeleça políticas e práticas que garantam o acesso, a permanência e o êxito no percurso formativo desses discentes.

Palavras-chave: altas habilidades/superdotação, legislações brasileiras, cego/baixa visão

5 - Práticas compartilhadas na educação inclusiva: efeitos de uma “experiência” do “estar juntos” na educação infantil.

Anelice Ribetto, Kamilla Medeiros, Silvia, Mellina T.C.C de Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade De Formação De Professores

Como um desdobramento do Projeto de Pesquisa “Diferenças e Alteridade na Educação: Saberes práticas experiências (inclusivas) na Rede Pública de Ensino de São Gonçalo e Itaboraí” coordenado pela professora Anelice Ribetto buscamos, com este projeto de Iniciação Científica, problematizar os olhares sobre as diferenças na educação em seu estágio inicial: a educação infantil. Assim, o presente trabalho tem como objetivo relatar alguns dos efeitos da experiência que implica o estar juntos (SKLIAR, 2010) na Educação Infantil, a partir do encontro entre uma Inspetora Cuidadora e de um aluno com paralisia cerebral no cotidiano de um centro municipal de Educação Infantil de Itaboraí. Para o acompanhamento deste processo e problematização deste estar juntos e das experiências aqui produzidas, seguimos o método da cartografia como proposto por Kastrup, Passos e Escóssia (2009) que, inspirados em Gilles Deleuze, pensam a cartografia como acompanhamento de processos. Alguns dos procedimentos metodológicos: estudo das leis que norteiam a educação inclusiva no âmbito federal e municipal; acompanhamento do cotidiano no qual a relação escolar se materializa (sala de aula, pátio, atividades da vida diária, etc.) e sistematização em diário de campo. Os resultados dessas experiências e desses afetos se dão exatamente na narrativa da experiência da inspetora cuidadora com seu aluno e com a confecção de materiais de apoio reciclados para melhor auxiliá-los na relação pedagógica. Apresenta-se, assim, um trabalho com a intenção de despertar novos pensamentos, inquietudes e questionamentos acerca das relações professores-alunos no campo da chamada Educação Inclusiva.

Palavras-chave: paralisia cerebral, método da cartografia, diário de campo

6 - Intervenção nutricional em indivíduos autistas

Áurea Astulla, Karina Schuina.

Clínica-escola do Autista

O presente trabalho é aplicado na Clínica-Escola do Autista. Sabe-se que indivíduos autistas apresentam características de dificuldades nas interações sociais, alterações da comunicação verbal ou não verbal e padrões estereotipados ou limitados de comportamento e interesses. Em associação às características mencionadas, observa-se o predomínio da seletividade alimentar e dos distúrbios intestinais que são intensificados por uma alimentação desequilibrada. A avaliação nutricional segundo Organização Mundial de Saúde (2007), a partir Anamnese Nutricional, de Questionário de Frequência Alimentar (QFA), Registro Alimentar de 24 horas (RA), exames laboratoriais e aferição das medidas antropométricas, servem de base para intervenção nutricional, conforme os resultados obtidos. Objetivou-se promover saúde e qualidade de vida aos indivíduos com TEA, através do atendimento nutricional individualizado preventivo e interventivo. Foram utilizados os seguintes instrumentos, na primeira consulta são realizados anamnese nutricional, QFA, RA, avaliação antropométrica e física. Mediante os dados coletados identificam-se as carências nutricionais bem como os possíveis fatores relacionados às mesmas. São fornecidas orientações nutricionais baseadas em alimentação equilibrada, natural e orgânica, dentro das possibilidades. Posteriormente, são analisadas as dificuldades de cada família referentes à mudança de hábitos alimentares, e são propostas algumas estratégias para que as mesmas sejam alcançadas. Conclui-se que o papel do nutricionista é muito relevante para avaliar cada caso, para planejar e sugerir alimentos que não fazem parte do consumo da criança. O aconselhamento familiar é muito importante para o êxito no processo de transição nutricional, assim como suporte para o trabalho junto à equipe multidisciplinar.

Palavras-chave: Clínica-Escola do Autista, Anamnese Nutricional, questionário

7 - Antropomorfismo com traços culturais de identidade surda em poesias sinalizadas

Betty Lopes L'Astorina de Andrade

Universidade Federal do Rio De Janeiro

Quais os traços culturais de identidade surda e de antropomorfismo utilizadas pelos poetas surdos em poesias sinalizadas? Antropomorfismo significa dar características humanas a animais ou objetos inanimados. As comunidades surdas saboreiam antropomorfismo, devido ao seu uso generalizado nas histórias e poesias pelos surdos em suas comunidades. Na poesia sinalizada com o antropomorfismo, incluindo a cultura e identidade surda, ocorre o empoderamento dos surdos. Uma das maneiras de entender a poesia sinalizada é através da análise linguística e do uso da estratégia de antropomorfismo. O objetivo é investigar na literatura surda, os vídeos de poesias sinalizadas, analisando e identificando o uso do antropomorfismo com traços culturais de identidade surda pelos poetas surdos. Por meio de uma pesquisa bibliográfica no cômico de literatura surda, foi selecionado três vídeos de poesias sinalizadas por poetas surdos, sendo dois em Libras e um em BSL. Foi feita uma análise linguística nos três vídeos, sobre o antropomorfismo com traços culturais de identidade surda e com exemplos de elementos surdos. Podemos ver que nas três poesias sinalizadas, há o uso do antropomorfismo com traços culturais de identidade surda, utilizada pelos poetas surdos em língua de sinais. E o antropomorfismo é utilizado diferentemente por cada poeta, de acordo com suas experiências culturais, de sua criatividade, de seu jeito de ser e de sua visão de mundo surdo. Com a leitura dos vídeos, a análise linguística do uso do antropomorfismo com traços culturais de identidade surda, utilizado pelos poetas surdos, foi possível ver o uso do antropomorfismo na natureza, em animais e em objeto inanimado, mostrando a contribuição dos poetas surdos com sua experiência sensorial surda. O antropomorfismo, talvez ironicamente, pode revelar uma visão de mundo surdo, mais que qualquer outras coisa sobre como as entidades não humanas se comportam. E contribuindo com sua difusão no meio educacional e social.

Palavras-chave: Libras, literatura surda, antropomorfismo

8 - Utilização de reforçadores tangíveis na prática terapêutica psicopedagógica com alunos-pacientes da clínica escola do autista: estratégia eficaz para aquisição de habilidades sociais

Camila Alves Ferreira Goulart

Clínica-Escola do Autista

Reforçadores tangíveis são ferramentas utilizadas no trabalho Psicopedagógico da Clínica-Escola do Autista, entendendo-se que são capazes de fortalecer um comportamento seguido de uma consequência, no caso, positiva. São exemplos de reforçadores tangíveis os brinquedos, os livros, figurinhas e outros. Reconhecendo o ser humano como naturalmente social, sabe-se que para viver em sociedade é imprescindível adquirir habilidades sociais como aprender regras, interpretar gestos, expressões e intenções, comunicar-se e etc. E, reconhecendo ainda que indivíduos inseridos no Transtorno do Espectro Autista possuem dificuldades de socialização em vários níveis, faz-se necessário ensiná-los quais comportamentos são adequados ou não adequados. Então, baseado no Reforçamento Positivo reconhecido pelo método de Análise do Comportamento Aplicada (ABA), utiliza-se os reforçadores tangíveis, com o objetivo de tornar a aquisição de habilidades sociais prazerosa e facilmente compreendida. Esses reforçadores são escolhidos a partir de observações durante as terapias, a respeito das preferências de cada indivíduo, pois um mesmo objeto não serve para todos. O reforço é oferecido imediatamente após ser observada a atitude desejada. No início não há necessidade de perfeição desta atitude. É importante perceber o esforço do aluno-paciente e o quanto ele está preparado para realizar o que foi pedido no momento. Além disto, repertório de reforçadores é aumentado durante alguns períodos para que o indivíduo possa aprender e se sentir estimulado de formas variadas. Foram utilizados carrinhos, estrelas, peças de lego, animais e flores em madeira. E, concluiu-se que tais reforçadores foram eficazes para os alunos-pacientes na medida em que comportamentos não aceitos socialmente deixaram de ser observados, dando lugar a novas atitudes e formas de comunicação.

Palavras-chave: Reforçamento Positivo, Análise do Comportamento Aplicada, atividade lúdica

9 - Estudo sobre a perspectiva do deficiente auditivo em relação a EAD

Camila do Espírito Santo Ornelas Passos¹, Ubiratan Roberte Cardoso Passos²

Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo¹ – IFES – Alegre / ES²

Inclusão social é inserir qualquer pessoa com deficiência na sociedade, garantindo seus direitos, inclusive acesso à educação, o que inclui educação à distância, considerada por alguns como o modelo mais democrático de ensino, por permitir a universalização do mesmo. Entretanto muitas das instituições que oferecem este tipo de ensino não estão totalmente preparadas para este público, gerando uma série de desafios para o mesmo, sendo o foco deste trabalho os portadores de deficiências auditivas. O principal objetivo deste trabalho é levantar as principais dificuldades enfrentadas pelos portadores de deficiência auditiva no acesso às informações disponíveis em ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), bem como medir seu grau de conhecimento das tecnologias disponíveis para seu auxílio e sua aptidão para uso das mesmas, além de propor um ambiente intuitivo para auxiliar este público no acesso ao conteúdo disponível nos AVA's. O trabalho em questão consiste em pesquisas bibliográficas e exploratórias, através da aplicação de questionários onde busca-se quantificar e qualificar o conhecimento dos entrevistados quanto às ferramentas de auxílio à navegação de deficientes auditivos na internet e o grau de dificuldade de seu uso, bem como o quanto as mesmas podem auxiliá-los no acesso ao conteúdo. Após aplicados e analisados os resultados dos questionários, foi possível obter os seguintes resultados: 80% dos entrevistados não tinham conhecimento de nenhum tipo de ferramenta de suporte WEB ao deficiente auditivo; 73% consideraram o uso e instalação das ferramentas complexos; 89% aprovaram o uso das ferramentas, 87 % aprovam um ambiente que integre todas estas tecnologias. Nota-se pelos resultados a necessidade e importância de um ambiente virtual que integre o deficiente aos AVA's, ambiente este que permita acesso simplificado estas ferramentas, permitindo desta forma seu verdadeiro acesso à educação a distância.

Palavras-chave: ambientes virtuais de aprendizagem, questionário, educação a distância

10 - Cognição surda x aprendizagem

Daniela da C. da SILVA, Ana Regina Souza Campello

*Curso Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão
Universidade Federal Fluminense*

Existem ainda poucos estudos que abordam sobre a cognição surda. Quando relacionamos com a aprendizagem podemos nos referir aos processos mentais por qual o indivíduo surdo alcança para aquisição de certo conhecimento. Diante disso, investiga-se nesse estudo a importância de práticas didáticas que favoreçam o desenvolvimento da cognição surda e o processo de aprendizagem. Para o desenvolvimento do estudo, o procedimento metodológico usado foi a observação de algumas atividades realizadas com alunos surdos no AEE, para responder a seguinte pergunta: utilizar práticas didáticas com intuito de exercer domínio sobre qualquer área do conhecimento, contribui para o desenvolvimento da cognição surda? Os dados foram analisados tomando por base três categorias: internalização, generalização e memorização. A partir dos resultados mostrados pelas três categorias é possível identificar que essas práticas devem ser oferecidas com sentido, para propiciar situações interativas e motivadoras que levem a aprendizagem do aluno surdo. Destaca-se ainda a necessidade da aquisição da LIBRAS por esses indivíduos e seus benefícios para cognição, pois todos os seus processos mentais (memória, atenção, percepção...) são construídos, sobretudo visualmente. Nesse sentido conclui-se que essas três categorias podem ser contempladas, ao se criarem condições para realizar práticas didáticas favoráveis que despertem para o domínio até mesmo de novos conhecimentos, em qualquer contexto.

Palavras-chave: Cognição surda; aprendizagem; AEE.

11 - Formação de professores na perspectiva histórico-cultural para o trabalho com alunos com deficiência intelectual

Daniele Francisco de Araújo; Marcela Francis Costa Lima Márcia Denise Pletsch.

Universidade Federal Rural do Rio De Janeiro

A pesquisa referente a este trabalho vem sendo realizada em um curso de extensão em Educação Especial, intitulado “Processos de ensino e aprendizagem de pessoas com deficiência intelectual”. Este curso busca oferecer uma formação continuada sobre o processo de ensino e aprendizagem de indivíduos com deficiência intelectual (DI), tendo como base a perspectiva histórico-cultural de Vigotski. O curso integra as ações de um projeto de pesquisa financiado pelo programa Observatório da Educação da CAPES e conta com a participação de 150 pessoas (100 professores de sete redes de ensino da Baixada Fluminense e 30 alunos do Curso de Pedagogia do Instituto Multidisciplinar da UFRJ). Dito isto, este trabalho tem por objetivo apresentar a análise sobre o perfil desses sujeitos e suas concepções sobre os conceitos da teoria histórico-cultural. Para tanto, escolhemos a pesquisa qualitativa como metodologia, assim como um questionário semiestruturado como instrumento de coleta de dados aplicado no curso. Entre os principais resultados, podemos destacar a formação dos participantes, que em sua maioria possui apenas curso de magistério em nível de ensino médio, na modalidade Normal; um dado preocupante, visto que 50% do público-docente trabalham no atendimento educacional especializado, o que se espera legislativamente, que os mesmos possuam alguma formação específica em Educação Especial. No que diz respeito à teoria histórico-cultural, foram perguntados sobre conhecimentos dos seguintes conceitos: mediação, relação entre signo e linguagem, processos psicológicos superiores. A maioria assinalou pelo menos já ter ouvido falar de dois dos três conceitos elencados. Diante dessas informações, consideramos preocupante a formação docente, assim como a falta de conhecimentos acerca da teoria histórico-cultural, a qual entendemos ser fundamental para trabalhar com as especificidades de alunos com DI.

Palavras-chave: mediação, relação entre signo e linguagem, processos psicológicos superiores

12 - Paralisia cerebral e as relações psicossociais

Elen Cristina Guiomar de Oliveira, Jane da Conceição Souza, Thais de Moraes da Fonseca

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O presente trabalho representa um recorte de uma pesquisa realizada através de um estudo de caso sobre o histórico do desenvolvimento de um jovem com necessidades especiais, que possui o diagnóstico de paralisia cerebral, nas vertentes: Educação e Família. Tendo em vista que, esses dois aspectos, representam profunda importância no desenvolvimento de crianças e adolescentes que necessitam de algum tipo de suporte especial, em suas relações psicossociais envolvidas nesse processo. A metodologia utilizada foi desenvolvida através de diálogos informais e mais adiante com as realizações de entrevistas semiestruturadas, pelas quais podemos observar sobre os principais pontos de suporte que atuaram durante boa parte da trajetória escolar de um jovem que chamaremos de “Tião”, 33 anos. Com o resultado das análises dos dados obtidos, podemos destacar aqui dois fatores centrais: a importância da ampliação no círculo de amigos e a participação familiar nos processos sociais e educacionais. Através desses aspectos foi possibilitado ao jovem uma maior participação em atividades sociais e em consequência disso, acabou por gerar elos que favoreceram desde as suas atividades extracurriculares até, recentemente, uma oportunidade de emprego. Diante desses dados, podemos concluir que o apoio familiar, juntamente com os esforços educacionais oferecidos pelas escolas frequentadas por “Tião”, se mostrou essenciais para o seu desenvolvimento, como também o favorecimento dos vínculos sociais construídos durante sua trajetória até os dias atuais.

Palavras-chave: educação, família, entrevistas semiestruturadas

13 - Planejamento Educacional Individualizado (PEI) e currículo: possibilidade para a escolarização do aluno com deficiência intelectual

Érica Costa Vliese Zichtl Campos; Márcia Denise Pletsch

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

A discussão sobre como deve ser a escolarização de alunos com deficiência intelectual não é um tema novo. Atualmente tentamos pensar no assunto como uma possibilidade de fato e não como algo que deva ser encoberto e marginalizado. Neste sentido, mudanças se fazem urgentes e necessárias, contemplando as diferenças e diversidades, democratizando e ressignificando práticas pedagógicas segregadoras e excludentes. Porém, para redimensionarmos tais práticas, a fim de que estas promovam o desenvolvimento acadêmico desses alunos, é preciso realizar uma discussão que também envolva o currículo, ainda marcado por ser uma estrutura com características de rigidez, descontextualização e falta de significado, agravado por pouco ou nenhum planejamento de estratégias que atendam às especificidades desses alunos. Sendo assim, a presente pesquisa, em andamento, tem por objetivo apresentar os resultados preliminares sobre a relação entre o currículo e as práticas pedagógicas destinadas aos alunos com deficiência intelectual, dando ênfase ao Planejamento Educacional Individualizado (PEI) como um dos instrumentos norteadores do trabalho a ser desenvolvido entre professores de classe regular e o professor do atendimento educacional especializado (AEE). Como metodologia empregamos os referenciais da pesquisa qualitativa, baseada nos pressupostos metodológicos da pesquisa-ação e como referencial teórico a perspectiva histórico-cultural de Lev Vigotski. Os primeiros resultados indicaram que a atual estrutura curricular dificulta a garantia de processos de ensino e aprendizagem para esses alunos, além de evidenciar a urgência em flexibilizar as práticas pedagógicas para além do espaço do AEE, tornando-as mais significativas, a partir de mediações planejadas de forma intencional e colaborativa entre estes docentes e os de classe comum. Concluindo, buscamos para esses alunos uma inclusão de fato, garantindo seu acesso e permanência no espaço escolar com aprendizagem.

Palavras-chave: Deficiência intelectual; processo de ensino e aprendizagem; planejamento educacional individualizado.

14 - Formação continuada de intérpretes educacionais

Gildete da Silva Amorim¹, Janine Soares de Oliveira²

Associação dos Profissionais Tradutores/Interpretes de Língua Brasileira de Sinais do Estado do Rio de Janeiro – APIL-RJ¹, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC²

O intérprete de língua de sinais (ILS) além de partilhar das mesmas atribuições dos intérpretes de línguas orais, têm uma particularidade com relação a um campo de atuação, o campo educacional. Diferentemente dos intérpretes de línguas orais, o ILS, no Brasil, tem como principal área de atuação as instituições de ensino em todos os níveis de formação, pois, a especificidade linguística dos estudantes Surdos aliadas à Política Nacional de Inclusão tem como principal consequência a exigência do profissional intérprete de Libras ao longo de todo o período escolar para intermediar as interações entre professores ouvintes e estudantes Surdos. Esse profissional é referenciado nas pesquisas sobre Educação de Surdos com a denominação de ‘intérprete educacional’ (Lacerda, 2000, 2006, 2009; Lacerda e Polleti, 2004; Quadros, 2002/2004; Leite, 2004; Martins, 2004; Rosa, 2008; Tuxi, 2009 entre outros). Embora, os ILS já atuassem antes nas salas de aula, foi principalmente a partir do Decreto no 5.626/05 que seu papel teve maior visibilidade no âmbito da educação de Surdos. Este mesmo Decreto estabelece, por exemplo, os níveis de formação e atuação do ILS. Mesmo com as conquistas garantidas pelo Decreto e por outras legislações ainda existem desafios com relação à contratação e atuação de ILS no contexto educacional. As confusões relacionadas às atribuições do ILS são comuns, conforme registraram Quadros (2002/2004), Lacerda (2009) e Francisco (2014). Neste sentido, considera-se a relevância da formação continuada desses profissionais. A oferta de curso de formação inicial e continuada já garantiu a inserção de 267 ILS no espaço educacional na rede estadual do RJ e 127 na rede municipal do RJ. O curso tem funcionado como espaço de formação no que diz respeito às questões linguísticas e tradutórias, e também como espaço de trocas de experiências e aprendizagens para solução de problemas e preparação para atender aos desafios exigidos na área.

Palavras-chave: intérprete de língua de sinais, tradução, Decreto no 5.626/05

15 - A clínica-escola do autista e a intersetorialidade no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista: uma conquista da sociedade civil itaboriense.

Gisele Soares Rodrigues do Nascimento, Valéria Sales dos Santos Prado Pereira

Clínica-Escola do Autista

A Clínica - Escola do Autista foi inaugurada no dia 1º de abril de 2014 e sua criação ocorreu por meio do Decreto Municipal Nº 36 de 24 de março do mesmo ano, situando-se no bairro de Venda das pedras na cidade de Itaboraí - RJ. Tal unidade administrativa é parte integrante da estrutura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura. A Instituição funciona de segunda a sexta - feira das 07:30 as 18:00 horas. No momento são atendidos 105 autistas. Os atendimentos envolvem as equipes Técnicas e Educacional, como: Nutricionistas, Fonoaudióloga, Psicóloga, Terapeutas Ocupacionais, Fisioterapeutas, Psicopedagoga, Professoras de Referência com Capacitação Pedagógica em Autismo, Neuropediatria, Oficineira, Assistentes Sociais, Agentes Administrativos, Recepcionistas, Diretora e Coordenadores Especialistas em Educação Especial. O objetivo do estudo foi atender às crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos com TEA, nas dimensões de saúde e educação, de forma gratuita, bem como suporte Lei 12.764 de 27/ 12/ 2012. Foram utilizadas terapias com atendimento individualizado, acompanhamento nutricional (dieta sem glúten e caseína) e neuropediátrico, musicoterapia e Análise do Comportamento Aplicada, bem como Pedagógico e Oficinas de Convivência Familiar. Após um ano de funcionamento observou-se que a maioria dos autistas que realizam acompanhamento multidisciplinar na CEA diminuíram os déficits nas áreas que compõem o Transtorno do Espectro Autista, através de Intervenções Terapêuticas, Nutricionais e Pedagógicas. A Clínica - Escola do Autista é resultado do envolvimento da sociedade civil Itaboraíense, mais especificamente de um grupo de mães e pais de crianças autistas. A atuação em duas vertentes: saúde e educação proporciona aos autistas um acompanhamento multidisciplinar contínuo, fazendo com que os avanços sejam percebidos ao longo do processo Clínico – pedagógico.

Palavras-chave: acompanhamento nutricional, musicoterapia e análise do comportamento aplicada

16 - Desafios da inclusão com a Educação a Distância no Rio de Janeiro

Janete Oliveira dos Santos

Bolsista Cederj- tutora coordenadora de curso / Rocinha

A democratização e qualidade do ensino estão intrinsecamente relacionadas às políticas de inclusão social, no entanto, para que uma política de inclusão seja fidedigna a seus objetivos, é necessário conhecer o perfil dos sujeitos envolvidos, para contemplar suas necessidades em prol de uma sociedade igualitária, (Constituição Federal/988 e LDB/2006). Com base na premissa citada acima, este trabalho de pesquisa tem como objetivo analisar a política de inclusão social em EAD para o ensino superior, de acordo com os Referenciais de Qualidade para a educação superior (2013), investigando o perfil de alunos da modalidade, junto ao Consórcio de Educação Pública do Rio de Janeiro (CEDERJ). Foram focados como parâmetros norteadores: a avaliação da política de inclusão social com o uso da modalidade (EaD); investigar perfil dos alunos; o alcance e a eficácia dessa política de inclusão social para o ensino, bem como ser compatível com as necessidades dos discentes. Os dados foram colhidos via questionários eletrônicos, foram aplicados 261 questionários entre estudantes do consórcio Cederj. Como destaque nos resultados a diversidade de perfis dentro dos cursos, foram os dados mais expressivos. Além disso, foram detectadas mudanças significativas no perfil dos estudantes em comparação com o Censo do ano anterior a pesquisa (Censo, 2012). As mudanças apontam que é preciso atualização constante das instituições, levantando a importância de uma gestão acadêmica/administrativa eficiente, proativa, com capacidade integradora e otimizadora dos processos frente ao complexo universo do público atendido. Evidencia-se um caminho que busque mesclar os desafios de infraestrutura, humanização e diálogo: “O desafio está na articulação da alavancagem do potencial propulsor de desenvolvimento regional, inclusivo e cidadão”. SARTHER, 2008.

Palavras-chave: Cederj, democratização do ensino, políticas de inclusão social

17 - Cinesioterapia motora passivo/ativo assistida no transtorno do espectro autista: aumento do tônus muscular e coordenação motora nos alunos-paciente da clínica-escola do autista.

Kelly Silva de Carvalho

Clínica-Escola do Autista

O Autismo/Transtorno do Espectro Autista é um transtorno global do desenvolvimento marcado por três características fundamentais: déficits de interação social, comunicação e comportamento. O diagnóstico é clínico, norteia-se pelos critérios estabelecidos por DSM-5 e pelo CID - 10. ABA (Análise do Comportamento Aplicada). Tratamento reconhecido cientificamente pela sua eficácia. A maioria dos autistas apresentam hipotonia e déficit na coordenação motora. Hipotonia é a diminuição do tônus muscular, geralmente envolvendo redução da força muscular, causando flacidez. Coordenação motora é a capacidade de usar de forma mais eficiente os músculos esqueléticos resultando em uma ação global eficiente. Para melhora da hipotonia e coordenação motora, é utilizada na Clínica-Escola do Autista a Cinesioterapia, que significa terapia do movimento. É a designação dos processos terapêuticos que visam à reabilitação funcional através de realização de movimentos ativos e passivos. Objetivou-se com a técnica prevenir, eliminar ou diminuir distúrbios o movimento e função, bem como melhora do tônus muscular e coordenação motora. Como metodologia realizou-se um estudo observacional com 10 autistas que apresentavam diminuição do tônus muscular e déficit de coordenação motora. Avaliação fisioterapêutica e resistência ao movimento passivo flexão extensão antebraço e joelho. Analisou-se durante seis meses os autistas com hipotonia muscular nos atendimentos fisioterapêuticos. Foram utilizadas técnicas da Análise do Comportamento Aplicada, Cinesioterapia, informações colhidas pelos pais e avaliação semestral para confirmação do aumento do tônus e coordenação motora. Atualmente a técnica mais utilizada é a cinesioterapia por estar ligada a todas as outras formas de terapias físicas. Com a melhora do tônus muscular, consequentemente a coordenação motora ficará mais sincrônica, melhorando assim suas atividades de vida diária e autonomia não só para os autistas mas também para seus familiares.

Palavras-chave: diminuição do tônus muscular, déficit de coordenação motora, análise do comportamento aplicada

18 - Educação a Distância e Inclusão Social

Lenilda de Matos Pinheiro¹, Tania Marta Costa Nhary²

Universidade Nacional de Rosário¹, Universidade Estadual do Rio de Janeiro²

Este trabalho consiste numa análise reflexiva sobre a educação a distância (EAD) como forma de inclusão social. As reflexões são embasadas em concepções teóricas de autores como Belloni, Litto & Formiga, Pretto, Moran sobre o tema e resultam de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa. O objetivo deste trabalho é apresentar como a EAD se configura como fator de inclusão social, ou seja, mostrar a EAD como meio de diminuir as distâncias geográficas e de proporcionar o aumento do nível de escolaridade da população, assim como propiciar transformações sociais e econômicas por meio de inovação e inclusão social. O estudo se deu por meio de um levantamento bibliográfico da produção científica sobre o tema inclusão social e educação a distância, levantamento este realizado no período entre 19 de abril e 15 de maio de 2015. Utilizando a ferramenta Google Acadêmico e usando o critério assunto foram introduzidas as palavras-chave educação a distância e inclusão social onde se constatou 37 publicações entre artigos e livros. Passou-se então a leitura do material verificando-se se contemplavam a temática do estudo. Os resultados mostraram que a maioria dos textos analisados não tratam diretamente da inclusão social na educação a distância, que as publicações existentes, em geral tratam da inclusão como inclusão digital e ao uso das tecnologias da informação e da comunicação e que há uma escassez de trabalhos sobre o tema inclusão social e educação a distância. Concluímos que a EAD constitui uma forma de inclusão, pois viabiliza a formação de pessoas que por razões sociais, econômicas, de localização ou por indisponibilidade de tempo nos horários convencionais de aula são excluídos do processo educacional.

Palavras-chave: Google Acadêmico, processo educacional, inclusão digital

19 - A interdisciplinaridade entre a musicoterapia e o atendimento pedagógico: desenvolvimento da socialização e do raciocínio lógico com os alunos-pacientes na (da) clínica-escola do autista

Lindamara Bonfim Braga, Zaira Lúcia Leite Ribeiro Furtado

Clínica-Escola do Autista

A origem da interdisciplinaridade está nas transformações dos modos de produzir a ciência e de perceber a realidade e, igualmente, no desenvolvimento dos aspectos político-administrativos do ensino e da pesquisa nas organizações e instituições científicas. O pensar interdisciplinar parte da premissa de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. Tenta, pois, o diálogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpenetrar por elas. Assim, por exemplo, aceita o conhecimento do senso comum como válido, pois através do cotidiano que damos sentido a nossas vidas, ocorrendo no contexto terapêutico e educacional através da musicoterapia durante os Atendimentos de Fisioterapia e pedagógicos na Clínica-Escola do Autista para beneficiar os alunos-pacientes, transformando as crianças, adolescentes e adultos em sujeitos ativos que usam os sons musicais e desenvolvem potencialidades por meio da música, bem como aperfeiçoamento da socialização, coordenação motora, percepção sonora, percepção espacial, raciocínio lógico. Objetivou-se com o uso da musicoterapia durante os atendimentos terapêuticos e educacionais ampliação de interação social, diminuição de estereotipias, contato visual e tátil prolongados. Utiliza-se como metodologia instrumentos musicais (violão, teclado, pandeiro, flauta), aparelho de som, músicas instrumentais e o próprio esquema corporal de cada aluno-paciente. Observou-se maximização na comunicação verbal e não-verbal, concentração, percepção tátil, sonora, visual, cinestésica, proprioceptiva e minimização da ansiedade, agressividade, crises agressivas, automutilação, estereotipias e ecolalias. Foram atingidos os objetivos por parte das equipes terapêutica e pedagógica através da melhoria na qualidade de vida dos alunos-pacientes autistas.

Palavras-chave: músicas instrumentais, esquema corporal, percepção tátil, sonora, visual, cinestésica

20 - Os múltiplos olhares para a inclusão de crianças com deficiência intelectual nas escolas e na comunidade

Lucas Higino de Moraes

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Este trabalho tem por fundamento discutir como as escolas e a comunidade incluem os deficientes intelectuais nas suas ações e no seu trabalho pedagógico. O olhar sobre estas crianças devem estar pautadas sobre a concepção de que, ambos os espaços sociais, devem incluir e utilizar de materiais onde todas as pessoas inseridas na comunidade trabalhem juntos. Relações de mediação e valorização da ação, reconhecendo o meio no qual vivem, são fundamentais para o processo de internalização, ou seja, a criança visualiza a ação de um adulto (por meio da mediação), toma para si, opera sua internalização e posteriormente transmite outra ação – externalizando – aquilo que foi vivenciado por outra pessoa a partir de sua visão de sentido e significado. Estes fatores ampliam o reconhecimento deste sujeito nos espaços sociais. Com esta apresentação, objetiva-se a reflexão docente e comunitária para as atitudes que devemos possuir para contribuir com o desenvolvimento das funções psicológicas superiores a partir do trabalho pedagógico do professor (conceito científico) integrada as ações e necessidades deste sujeito enquanto ator social (conceito espontâneo). Além disso, esta visão está evidenciada a partir de referenciais metodológicos de cunho bibliográfico, destacando este para a teoria histórico-cultural – em seus principais conceitos – que expandem o olhar da comunidade em geral para este público estudado. Conclui-se que, não é necessário que a comunidade compreenda a teoria na íntegra, mas que observe, analise e pratique ações que incluam e valorizem as crianças com deficiência intelectual e, por parte da escola e da ação docente, necessário é o professor compreender o processo do desenvolvimento humano, analisar suas práticas, entender as problemáticas da comunidade e agir na tentativa de encontrar soluções práticas para o desenvolvimento da criança com necessidades especiais a partir da teoria histórico-cultural em relação aos processos psicológicos superiores.

Palavras-chave: funções psicológicas superiores, necessidades especiais, teoria histórico-cultural

21 - Reflexões sobre o ensino de soletrado digital na Universidade

Lucio Lugão de Macedo

Professor de LIBRAS

Ensino soletrado digital (alfabeto digital) é muito importante para comunicação entre ouvintes e surdos. Essa metodologia é a base aprendizagem de Libras para ouvintes. É uma atividade muito frequente nas primeiras aulas de Libras ou durante contatos esporádicos dos ouvintes com surdos. O soletrado digital é uma realização linguística que deve ser abordada tanto em sua forma produtiva (expressão) quanto receptiva (compreensão). Sua prática pode variar, dependendo do nível de proficiência dos alunos, mas funciona apenas com alunos alfabetizados, já que se trata de uma correlação do alfabeto da língua portuguesa. Essa comunicação, apresenta algumas reflexões sobre o ensino dessa língua nos cursos de licenciatura da Universidade. Os objetivos para o professor são: conhecer os aspectos de gramática da LIBRAS; utilizar os conhecimentos adquiridos para compreender a base de datilologia, soletrado digital, soletrado ritmo e soletrado puro; adaptar, com o aluno surdo, os textos produzidos por eles comparando LIBRAS e Português, para que possa verificar suas semelhanças e diferenças; usar - LIBRAS, sempre que necessário, para a compreensão dos conceitos e conteúdos curriculares. Para o intérprete o objetivo é utilizar como base o soletrado puro. Usa-se de todos os recursos disponíveis (datilologia, soletrado digital, soletrado ritmo e soletrado puro) além de tecnologias visuais para que o aluno seja capaz de gerar sua própria linguagem autonomia. Nos cursos personalizados, o aluno aprende em seu próprio ritmo, e o método é ajustável as suas possibilidades e necessidades. A boa comunicação de alunos ouvintes na universidade através do alfabeto manual como soletrado digital, muito contribui para a sociedade dos surdos.

Palavras-chave: histórico surdos, datilologia e soletrados digital

22 - Material didático acessível: uma ponte no processo ensino aprendizagem

Marcia Crístina Trolly da Silva, Cristina Maria Carvalho Delou

Universidade federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

Os materiais didáticos acessíveis são recursos pedagógicos utilizados na mediação do ensino para alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Estes materiais podem ser utilizados nas salas de aulas comuns ou nas salas de recursos para complementar ou suplementar a formação dos estudantes. A legislação brasileira prevê que recursos didáticos e pedagógicos devem eliminar as barreiras do processo ensino-aprendizagem. Materiais didáticos acessíveis também podem ser utilizados como jogos e brinquedos. Este estudo visa a construção de formas de compreensão e visibilidade para os sentidos na produção dos materiais didáticos acessíveis, utilizando-os como uma ponte no processo ensino aprendizagem. A confecção destes materiais didáticos acessíveis acontecem numa sala de recursos multifuncional apresentando exemplos de atividades. Cada material contém a sua ficha técnica, em que são explicitadas as suas propriedades que podem levar a uma reflexão sobre a natureza do sistema alfabético de escrita e como estimular e respeitar a construção do pensamento matemático e as formas de como as crianças se apropriam desses materiais. Para a confecção destes jogos e brincadeiras de baixo custo foram utilizados materiais recicláveis como: (tampinhas, caixas de palito de fósforos, papelão, papel, garrafas vazias, etc.), que depois de confeccionados recebem nomes como: Qual é o nome, Qual é a letra, Batalha das frutas, Batalha dos números, Mais um, Quatro na linha, Risque ou pinte, etc. Os resultados mostram que a produção de materiais didáticos acessíveis para o trabalho pedagógico realizado em Sala de Recursos, oportuniza a aprendizagem da leitura, da escrita e de cálculos, assim como a sua utilização no formato de jogos têm contribuído com a construção do pensamento lógico dos alunos. Constata-se, ainda, que os materiais didáticos acessíveis favorecem a aprendizagem significativa dos alunos e contribui para a participação ativa dos alunos em sala de aula. Ainda não existem Normas Técnicas para a confecção de materiais didáticos acessíveis. Enquanto isso, deve-se observar normas de segurança utilizadas na produção de brinquedos para a prevenção de acidentes comuns entre as crianças.

Palavras-chave: sala de recursos multifuncional, reciclagem, a prevenção de acidentes

23 - Da identificação, intervenção e auto-percepção: um olhar sobre as altas habilidades

Mariana de Barros Baptista, Lúcia de Mello e Souza Lehmann

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

Em defesa de uma educação inclusiva com eficácia e de qualidade, que atenda a todos os indivíduos, debates e estudos a respeito das singularidades dos sujeitos se tornam cada vez mais necessários na sociedade civil e no âmbito acadêmico. O público alvo da educação especial também inclui as pessoas com altas habilidades/superdotação. O termo é utilizado pela Legislação Brasileira para se referir aos indivíduos dotados de talentos especiais, de capacidade para o desempenho de uma ou mais atividades, de forma criativa e persistente. Este trabalho busca mapear o conceito de superdotação e termos correlacionados como o talento que pode manifestar-se nas mais diversas áreas, como a área acadêmica, a psicomotora, a intelectual e a artística. Através de estudos a respeito do diagnóstico e encaminhamento de indivíduos superdotados temos o objetivo de analisar a percepção que os indivíduos identificados como talentosos tem sobre si mesmo. A metodologia deste trabalho é a pesquisa bibliográfica e de campo, utilizando como estratégias as entrevistas, observações e intervenções num grupo de jovens com potencialidades e altas habilidades, com o propósito de obter informações acerca do tema e de como os sujeitos se percebem. Os resultados preliminares dessa pesquisa apontam que a auto-percepção do sujeito sobre suas Habilidades e uma ajuda e orientação desses indivíduos possibilita que os mesmos tenham respaldo na legislação brasileira de modo a buscar a garantia de seus direitos, o direito a aprender no seu ritmo, a ter novas possibilidades de evolução de acordo com os seus saberes. O entendimento educacional especializado pode funcionar como um processo mediador entre estes indivíduos e sua relação com o mundo. Instigar uma prática de ensino pautada na complexidade do saber e um ambiente escolar variado aponta para a conscientização das habilidades e singularidades e uma potencialização da utilização de recursos externos visando a potencialização do desenvolvimento dos sujeitos habilitados.

Palavras-chave: sujeitos habilitados, diagnóstico, processo mediador, evolução dos saberes

24 - A escolarização de alunos com deficiência intelectual: a avaliação da aprendizagem em foco

Mariana Corrêa Pitanga de Oliveira; Márcia Denise Pletsch

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

O tema desse trabalho é a avaliação da aprendizagem de alunos com deficiência intelectual, uma vez que em pesquisas recentes um dos principais dados constatados foi a não aprendizagem de conceitos científicos por esses sujeitos. Apoiados por essa temática, temos como objetivo analisar os processos avaliativos dirigidos para os alunos com deficiência intelectual. Para tal, adotamos como procedimento metodológico de nossa investigação a pesquisa qualitativa, baseada nos princípios do estudo de casos múltiplos, valorizando assim as singularidades dos sujeitos e à realidade pesquisada. Partindo desses pressupostos, utilizaremos como instrumentos de coleta de dados a observação participante, as entrevistas aberta e semiestruturada e a aplicação de testes padronizados de avaliação da aprendizagem. Como referencial teórico empregaremos a perspectiva histórico cultural de Vigotski, visando encontrar em seus conceitos, o suporte necessário para fundamentar nossas análises. Os resultados iniciais apontam que a aprendizagem de pessoas com deficiência intelectual exige o rompimento com critérios niveladores de ensino. Os dados também ressaltam a importância de uma prática avaliativa mediada frente às possibilidades de aprendizagem dos conceitos científicos que o decorrer desse processo explicita. Sendo assim, podemos concluir que a avaliação mediada possibilita o entrelaçar de fundamentados argumentos que contribuem significativamente para o desenvolvimento do elo existente na relação de ensino e aprendizagem entre docentes e alunos. Sob estes aspectos, esperamos que a presente investigação, em andamento, transcorra de modo a resultar em contribuições científicas sobre a avaliação de alunos com deficiência intelectual, bem como possibilite elaborar intervenções pedagógicas, que corroborem com mudanças na perspectiva avaliativa presente nas instituições de ensino e com a reorientação das políticas públicas educacionais.

Palavras-chave: Vigotski, intervenções pedagógicas, políticas públicas educacionais

25 - A importância do lúdico no ensino da libras para alunos ouvintes em uma escola de tempo integral

Natália Justem Freire

Escola Municipal de Tempo Integral Juíza Patrícia Lourival Acioli

O presente trabalho tem o objetivo de mostrar como o lúdico pode facilitar o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para alunos ouvintes. O interesse pela temática surgiu mediante minha vivência como educadora social de LIBRAS em uma escola de Tempo Integral localizado no bairro de Itambi município de Itaboraí/RJ. A pesquisa qualitativa e o trabalho de campo realizado na Escola de Tempo Integral Juíza Patrícia Lourival Acioli, foram os métodos escolhidos para dar base ao presente estudo. Partimos do princípio de que uma Escola de Tempo Integral é aquela em que os alunos permanecem em um período mínimo de 7 horas. Para isso, a escola deve criar meios para garantir conhecimentos aos alunos que extrapolem as disciplinas curriculares obrigatórias e tornar esses espaços, em lugares que os alunos tenham prazer de estar. Foi nesse cenário que a Língua Brasileira de Sinais entrou na escola Patrícia Acioli. Onde além de ser uma nova alternativa de linguagem a ser apreendida, foi uma excelente forma de contribuir para a comunicação (e consequente inclusão) de alunos ouvintes e pessoas surdas na sociedade. Com o entendimento de que a escola é lugar de cidadania e de adquirir conhecimentos e habilidades, que decidi aliar o lúdico ao ensino da LIBRAS como uma forma de melhorar a captação de conhecimentos transmitidos, favorecer a cooperação e o respeito entre os alunos e a eliminação do stress provocados por maçantes conteúdos de sala de aula. Foi através dos jogos, das atividades de artes, produção de textos, exibição de filmes, criação de oficinas, brinquedos e de atividades físicas aliadas aos conhecimentos da LIBRAS que pude colher bons frutos: os alunos ouvintes captaram o conhecimento, colocam em prática pelos corredores da escola os sinais aprendidos e demonstram interesse em aprender mais, para se comunicar com um aluno surdo que chegou a escola.

Palavras-chave: disciplinas curriculares, LIBRAS, jogos, filme, oficinas, brinquedos

26 - O surdo, a emoção e a criatividade na sala de artes

Noemi Beneques Horowicz¹, Luiz Antonio Botelho Andrade²

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

Este estudo parte de duas premissas fundamentais, a saber: (a) a educação é o processo pelo qual nos transformamos na convivência com o outro e (b) a arte, no espaço escolar, potencializa este transformar, sobretudo quando os educandos são surdos. Nesta perspectiva, buscamos analisar, em uma abordagem inclusiva, a importância da emoção e da criatividade na sala de artes para o sucesso escolar de alunos surdos. Para tanto, tiramos proveito de nossa relação profissional com alunos surdos na sala de artes e de uma série histórica de registros fotográficos, de mais de 20 anos, tendo como foco principal os produtos artísticos e seus protagonistas – os alunos surdos. Este material, contendo mais de 1000 fotografias, está sendo selecionado para uma análise iconológica e também como “imagem chave”, capaz de despertar, no aluno surdo que foi fotografado, lembranças, emoções e até mesmo uma breve reflexão sobre a importância da produção artística na sala de artes para o sucesso escolar. Nossos resultados preliminares fortalecem esta hipótese e, portanto, estamos contatando e convidando estes alunos, alguns dos quais já na fase adulta, para participarem de nossa pesquisa através de entrevistas, que serão realizadas por meio de um questionário semiestruturado, com perguntas abertas e fechadas, e também de uma entrevista filmada. Os depoimentos serão gravados, analisados em seu conteúdo e posteriormente editado para a produção de um vídeo educativo com vistas a sensibilizar os educadores para a importância da arte para o desenvolvimento da criatividade do aluno surdo no contexto escolar, de sua autoestima e sentimento de pertencimento mas, sobretudo, para chamar atenção da sociedade para a importância de uma educação mais respeitosa, diferenciada e inclusiva.

Palavras-chave: relação profissional, produção artística, questionário semiestruturado

27 - Projeto Turismo e Hospitalidade Inclusiva

Paloma Garcez; Jéssica Siqueira¹; Sônia Mendes. Carlos² Alberto Lidizia Soares³

Universidade Federal Fluminense¹,
Faculdade de Turismo e Hotelaria²;
Caep - Escola Especial Favo De Mel³

Este resumo versa sobre o trabalho realizado pela equipe do projeto Turismo e Hospitalidade Inclusiva, realizado pela Faculdade de Turismo e Hotelaria (FTH) da Universidade Federal Fluminense (UFF) em parceria com a Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) representada pela CAEP Escola Especial Favo de Mel no ano de 2013 a 2014, ainda em execução. O primeiro encontro entre as instituições ocorreu no Salão Estadual de Turismo do Rio de Janeiro em 2013 e como consequência surgiu a ideia de se trabalhar o turismo como fator de inclusão, uma vez que a CAEP é uma unidade que busca promover a inclusão em educação profissional de pessoas com deficiência intelectual (DI) com diferentes atividades voltadas ao tema. Nesse contexto, o projeto “Turismo e Hospitalidade Inclusiva” tende a atender os alunos desta unidade a partir das diversas situações de aprendizagem, com o objetivo de propor condições de autogerenciar suas vidas e possibilitar sua entrada no mercado de trabalho. O projeto é composto por 12 alunos da FTH, 1 professor e 1 técnico administrativo, e por 40 alunos e 10 professores da CAEP. O projeto vem trabalhando o contato entre os alunos de ambas as instituições através de visitas a atrativos turísticos, na organização de eventos como Agenda Acadêmica, confraternizações e dinâmicas. Assim é impossível não notar que o turismo que presa pela hospitalidade, não é hospitaleiro quando se fala na inclusão de profissionais com DI no mercado turístico. Portanto o projeto segue com o intuito de executar adequadamente as práticas para o mundo do trabalho e de lazer, prezando pelo intercâmbio de conhecimento dentro das unidades baseando-se no conceito de bidocência (Costa, 2013).

Palavras-chave: Escola Especial Favo de Mel no, deficiência intelectual, mercado de trabalho

28 - O atendimento individualizado para alunos-paciente na clínica-escola do autista Itaboraí/RJ: desenvolvimento de habilidades funcionais por meio da análise do comportamento aplicado (ABA)

Adriana Oliveira De Carvalho Ferreira , Michele Soares Rodrigues Paiva, Raquel Freitas Cairo

Clínica Escola do Autista

O atendimento individualizado para alunos – paciente matriculados na Clínica – Escola do Autista é uma abordagem, a fim de desenvolver/ potencializar Habilidades Funcionais de: Imitação, Linguagem Receptiva, Autocuidado, Sociais, Brincar, Psicomotoras, Pré – acadêmica e Acadêmica. O ensino individualizado é norteado de acordo com as necessidades biopsicossociais de cada um dos envolvidos neste processo, bem como, pela Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e com o auxílio permanente dos reforçadores tangíveis, sociais, atividades e físicos. Tais recursos funcionam como estímulos positivos, fazendo com que os Autistas se envolvam mais nas atividades pré - estabelecidas. A equipe pedagógica é composta por três Professoras de Referência com Capacitação Pedagógica em Autismo e uma Coordenadora Especialista em Educação Especial. As docentes realizam os atendimentos individuais em uma sala livre de estímulos distractores e estruturada viso-espacialmente. Objetiva - se a aquisição de habilidades funcionais e minimizar os prejuízos decorrentes da inabilidade da Teoria da Mente. Foram utilizados o Programa de Análise do Comportamento Aplicada (Applied Behavior Analysis-ABA), o Currículo Funcional e reforçadores. Os resultados demonstraram que os alunos – paciente apresentam maior concentração com manutenção de foco e ocorrem diminuição de: estereotípias, explosões de raiva, ansiedade, auto – mutilação, fuga, auto - estimulação e esquiva nas atividades propostas, ocasionando assim, o processo de assimilação e acomodação das habilidades acima citadas. A intervenção e alteração no ambiente em que o indivíduo encontra-se inserido são essenciais para a modificação de comportamentos. A finalidade de todo esse processo é o de prepará-los para frequentarem, posteriormente, a Classe Regular Inclusiva.

Palavras-chave: Capacitação Pedagógica, Teoria da Mente, estímulos distractores, viso-espacialmente

29 - Guia para a trilha adaptada do Parque Nacional da Tijuca: uma proposta multidisciplinar sob a perspectiva da educação inclusiva

Renata Maia Ribeiro de Barros Braga, Andréa Espinola de Siqueira, Erika Winagraski

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Instituto Nacional de Educação de Surdos Departamento de Ensino de Ciências e Biologia

O Parque Nacional da Tijuca representa um espaço não formal de ensino com potencial para a abordagem de diferentes conteúdos disciplinares da Educação Básica. A trilha adaptada às pessoas com necessidades especiais, inaugurada em 2011 (Caminho Dom Pedro Augusto), ainda é pouco conhecida, mas é um exemplo de iniciativa em favor da Inclusão. O objetivo deste trabalho foi desenvolver um guia de campo multidisciplinar para a trilha adaptada, sob a forma de um roteiro de visita que pudesse auxiliar visitantes e, sobretudo, professores em aulas externas desenvolvidas no local, possibilitando a participação de alunos com necessidades especiais. Para isso, realizaram-se oito visitas a campo, em busca de elementos característicos da trilha que pudessem ser didaticamente explorados de forma sensorial, visando à integração com a temática da Educação Inclusiva e o estímulo à interação entre os visitantes e o local em questão. Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram utilizados como base para a escolha dos temas curriculares que compõem o roteiro proposto. Para descrever as espécies botânicas da trilha, identificadas em Braille e sinalizadas por placas de alumínio, foi feita uma extensa pesquisa bibliográfica. As dezenove espécies foram descritas e os aspectos e as características perceptíveis às pessoas com necessidades especiais, como texturas e formas diferenciadas foram ressaltados. Tais atributos podem ser explorados como recurso didático para tratar de temas como taxonomia e diversidade biológica. Paralelamente aos conteúdos de Ciências e Biologia, o guia oferece informações históricas e artísticas relacionadas aos atrativos presentes no Caminho, assinalando seu caráter multidisciplinar e o estímulo a uma abordagem contextualizada na história do próprio Parque. O professor que venha a mediar a interação entre seus alunos e o local, pode contribuir com seus conhecimentos, ampliando as potencialidades e o aproveitamento da aula externa.

Palavras-chave: Caminho Dom Pedro Augusto, conteúdos de Ciências e Biologia, espécies botânicas

30 - A elaboração conceitual em alunos com deficiência intelectual: aspectos do processo de ensino aprendizagem

Roberta Pires Corrêa¹; Marcia Denise Pletsch²

Universidade Federal Fluminense

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Com a política de educação inclusiva os alunos com deficiência intelectual estão frequentando classes regulares de ensino, mas, somente a matrícula não garante a escolarização deste alunado. É preciso que eles estejam se apropriando dos conceitos científicos que a escola deve ofertar. Para Vigotski (1991) os conceitos cotidianos são aqueles produzidos em contextos informais de aprendizagem que são anteriores ao processo escolar. Já, os conceitos científicos, são generalizações de segunda ordem, ou seja, são mediados por outros conceitos e se caracterizam pela capacidade de estabelecer relações lógico-verbais como generalizar e abstrair. Assim a formação de conceitos implica na relação entre conhecimentos cotidianos e científicos e na interação que o sujeito estabelece com o meio histórico cultural. Neste processo a palavra reorganiza o pensamento para a resolução de atividades, tornando-se signo do conceito. Nesta perspectiva este trabalho que integra nossa pesquisa de mestrado, objetiva apresentar reflexões sobre a elaboração conceitual em sujeitos com deficiência intelectual à luz da perspectiva histórico cultural. Para este texto usamos a revisão da literatura especializada focando especialmente nas diretrizes de Vigotski em diálogo com pesquisas atuais na área. A partir da análise da literatura (FERREIRA & FERREIRA, 1994; PLETSCHE, 2009; BRAUN, 2012) percebemos que embora a escola tenha a tarefa de escolarizar, os alunos com deficiência intelectual não estão atingindo formas mais elaboradas de pensamento, uma vez que, as atividades ofertadas se resumem a recortar, colorir, colar e outras de cunho elementar que não levam a capacidade de abstração e generalização e logo não colaboram para a aquisição de conceitos científicos. A análise da bibliografia aponta para a necessidade de práticas pedagógicas que favoreçam a capacidade de elaborar conceitualmente o pensamento, possibilitando aos indivíduos com deficiência intelectual interpretar a realidade que os cerca.

Palavras-chave: Elaboração conceitual; Deficiência intelectual; processo de ensino - aprendizagem.

31 – Percepções de professores quanto à inclusão do deficiente visual

Sara Porto de Sousa Gomes¹; Angélica Ferreira Bêta Monteiro^{2,3}; Glauca Torres Aragon^{4,3}

Licenciatura em Ciências Biológicas, Polo São Francisco do Itabapoana, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro¹; Instituto Benjamim Constant²; Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, Universidade Federal Fluminense³; Laboratório de Ciências Ambientais, CBB, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro⁴.

No Brasil, diversas leis estabelecem o direito do aluno deficiente à inclusão escolar, a qual vem sendo praticada de diferentes maneiras nas instituições educativas. Porém, observa-se que o preparo dos professores para o atendimento desses alunos nas classes regulares vem deixando a desejar, fato que reflete a pouca ou nenhuma formação desses profissionais para o acolhimento do alunado com deficiência. Com base nesse contexto, esta pesquisa focou na investigação da percepção dos professores de classes regulares quanto à inclusão social escolar e os processos de aprendizagem de alunos com deficiência visual. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, oriunda de um recorte da dissertação de mestrado de Angélica Ferreira Bêta Monteiro, na qual foram analisadas duas entrevistas, com perguntas semiestruturadas, que foram feitas a professores do ensino básico regular do município de Queimados, localizado na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. Foram entrevistadas duas professoras do ensino fundamental com alunos DV incluídos em suas turmas; uma turma de 3º ano, apresentando dois alunos com baixa visão; e uma turma de 4º ano, com um aluno com quadro de autismo e baixa visão. Embora relatada boa frequência dos alunos incluídos no 3º ano, foram mencionadas diversas dificuldades no que diz respeito à aprendizagem. Segundo a professora, apesar de um grande esforço, os mesmos não conseguem acompanhar a turma. Já na turma de 4º ano, o relato é de baixa frequência e pouco aproveitamento do aluno DV. Segundo a docente, o aluno só realiza (quando realiza) exercícios de coordenação motora, e ficou claro que o autismo sobrepôs o quadro de baixa visão do aluno. As dificuldades encontradas nos relatos das professoras concentram-se na falta de preparo das mesmas, na falta de estrutura das escolas para o acolhimento desses alunos, na falta de tempo e recursos para trabalhar individualmente com os alunos DV devido à grande demanda nas salas superlotadas, dentre outros fatores.

Palavras-chave: aprendizagem, perguntas semiestruturadas, estrutura das escolas, aproveitamento escolar

32 - Acompanhando a proposta de mediação escolar e as tensões entre políticas e práticas na educação inclusiva no CIEP 411 no município de São Gonçalo

Silvia Mellina Chinen

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Este trabalho é efeito do projeto de pesquisa "Tensões Entre Políticas e Experiências (Da-Na Diferença) na Rede Municipal de Ensino de São Gonçalo". O projeto coordenado pela prof.^a Anelice Ribetto na FFP/UERJ acontece desde 2013 e tem como objetivo cartografar as tensões entre as chamadas políticas de educação inclusiva e os esforços e efeitos da materialização destas políticas nas experiências de professores e alunos na rede municipal de ensino de São Gonçalo. Como um desdobramento, meu projeto de Iniciação científica se propõe a acompanhar a proposta de mediação escolar e as tensões entre políticas e práticas na educação inclusiva no CIEP 411(Dr. Armando Leão Ferreira) no município de São Gonçalo, realizando um exercício de pensamento sobre este processo. A mediação escolar tem como função dar suporte diário ao aluno com necessidades educacionais especiais, dividindo o espaço da sala de aula com o professor regente (SÃO GONÇALO, Resolução CME Nº001/14,2014 p.5). Para o desenvolvimento desta pesquisa empregamos alguns procedimentos metodológicos entre os quais ressaltamos: estudo do marco jurídico, as principais leis que norteiam o chamado campo da Educação Especial no âmbito Federal e Municipal, estudo, análise quantitativo de dados oficiais sobre a Educação Especial no Município de São Gonçalo e tensionamento dos mesmos a partir da realização de entrevistas e acompanhamento da professora de apoio que atua no CIEP 411, observando espaços, planejamentos, atividades, avaliação, etc. Temos como resultado o levantamento das políticas públicas de Educação Inclusiva do Município de São Gonçalo e a sistematização das práticas de mediação escolar no CIEP 411.

Palavras-chave: entrevistas, políticas públicas, procedimentos metodológicos

33 - Uso de tecnologia assistiva no ensino de biologia para deficientes visuais

Simone José Maciel da Rocha, Edson Pereira da Silva

Universidade Federal Fluminense
Laboratório de Genética Marinha e Evolução
Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

O ensino inclusivo depende de práticas pedagógicas centradas no aluno, considerando suas especificidades e potencialidades. Neste sentido, são necessários recursos, estratégias e equipamentos que eliminem barreiras de comunicação e informação, garantindo, assim, o acesso ao conhecimento. A Tecnologia Assistiva (TA) tem esta função de viabilizar produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que promovam a funcionalidade de pessoas com deficiência. Neste trabalho, é apresentada uma experiência de ensino de Biologia mediada por TA em turmas mistas (com alunos cegos e normovidentes). Os conteúdos explorados foram árvores filogenéticas, ciclos reprodutivos vegetais e sistemas do corpo humano. Para construção do material foi utilizado o software livre “Monet” que possibilita a elaboração de imagens e posterior impressão em braile. As figuras, tabelas e gráficos impressos foram àqueles mesmos que o professor registra no quadro durante as suas aulas. Pode ser observado que o material teve aceitabilidade por parte dos alunos com deficiência visual, que assumiram uma postura mais atenta e motivada durante a aula, pois tinham a oportunidade de acessar, com autonomia, as mesmas informações verbalizadas pelo professor a partir de seus registros no quadro. Muitos alunos relataram que as imagens facilitavam a compreensão das informações discutidas, pois tornavam os conteúdos mais atrativos e o discurso do professor ganhava maior significado. Por outro lado, as imagens “brailizadas” chamaram a atenção, também, dos alunos normovidentes, determinando maior interação entre os alunos em sala de aula. Como a impressão do material é de baixo custo, foi possível produção de matérias de apoio individual, viabilizando, assim, o estudo extra-classe. Além disso, com este sistema o professor tem, ainda, a facilidade de construir um banco de dados de esquemas, gráficos e imagens que podem ser impressos sempre que necessário.

Palavras-chave: alunos cegos, alunos normovidentes, esquemas, gráficos, imagens

34 - A importância da ludicidade no contexto escolar inclusivo

Sueli Soares de Sá Mancebo, Paulo Pires de Queiroz

Universidade Nacional de Rosario (Argentina)

Universidade Federal Fluminense

Este artigo é uma síntese da revisão dos estudos sobre a importância de utilizar o lúdico no contexto escolar inclusivo, com base nas Teorias do conhecimento construída por Jean Piaget; do desenvolvimento do indivíduo, ressaltando o Processo Sócio-histórico de Lev Vygotsky; da Psicogenética de Henri Wallon e do Instrumentalismo Evolucionista de Jerome Bruner. O objetivo do trabalho é apontar as teorias de Piaget, Vygotsky, Wallon e Bruner como proposta pedagógica para ser trabalhada com a ludicidade na inclusão em sala de aula. A pesquisa se processou por meio de um levantamento bibliográfico obtidas através das palavras chave: ludicidade e inclusão escolar nas obras desses autores, resgatando algumas pesquisas já realizadas. As contribuições desses autores foram pesquisas em 54 documentos (artigos, teses e livros) do Google acadêmico entre 18 de abril e 12 de maio de 2015. Os resultados apontaram para a compreensão de que a ação de sujeitos ativos no processo de aprendizagem são concepções recentes e que estão a marcar, com bases científicas, as novas propostas de ensino. As atividades lúdicas podem servir como incentivadoras, tornando as aulas mais atraentes, possibilitando assim uma aprendizagem significativa e construída de forma participante. Além disso, o meio cultural e as teorias de cunho sociointeracionista exerceram influencias nas propostas de ensino à reflexão acerca do conceito de educação e como ele é constituído baseado nas teorias da aprendizagem, uma vez que se conhece o arraigado discurso de indefinição na dialética teoria-prática docente e o quão é imprescindível à definição coesa desse conceito, contextualizada política e historicamente para o norteamiento do processo educativo. Acreditando que todos têm possibilidades de aprimoramento e dependemos uns dos outros para nos constituirmos em uma sociedade melhor.

Palavras-chave: Piaget, Lev Vygotsky, Henri Wallon, Jerome Bruner

35 - Utilização da oficina lúdica “jogo de memória científica em libras” para difusão e interação com a libras.

Tathianna Dawes¹, Lucianne Fraga^{1,2}, Gustavo Alves²

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

Pós-graduação em Ciências e Biotecnologia

A sociedade precisa se adaptar às necessidades dos indivíduos com surdez, dividindo espaços formais e não formais com igualdade e, principalmente, com respeito e aceitação às diferenças. Com esta visão, o “Jogo da memória científica em LIBRAS” foi apresentado durante o curso de verão “Sensibilizando para ciências e inclusão”, uma das atividades do Programa Novos Talentos da Capes, cujo objetivo é sensibilizar os professores aos temas relacionados às Ciências e Inclusão através de oficinas interativas, lúdicas e multidisciplinares. O curso ocorreu durante uma semana das férias escolares, com professores da rede municipal do Rio Bonito e Belford Roxo, no qual na parte da manhã ocorreram minicursos teóricos sobre os temas das oficinas interativas que ocorreram no turno da tarde. As oficinas interativas compreendiam a demonstração, confecção e distribuição de material didático prático, lúdico e multidisciplinar de caráter inclusivo envolvendo conteúdos de Ciências. Com intuito de sensibilizar o público sobre surdez e LIBRAS, pela manhã, foi realizada uma palestra sobre a importância do bilinguismo, que deve ser estimulado com as duas línguas: LIBRAS e Língua Portuguesa. Em seguida, houve uma aula sobre o funcionamento da audição e, no turno da tarde, a aplicação da oficina. O “Jogo da memória científica em LIBRAS” consiste de cartas com imagens científicas como microscópio, coração, célula, água e esqueleto e suas cartas parceiras com ilustrações dos respectivos sinais em LIBRAS. Como resultados temos que os professores cursistas tiveram a oportunidade de confeccionar o seu jogo, além de aprender ou treinar alguns dos sinais em LIBRAS. A maioria dos cursistas demonstrou entusiasmo ao realizar a oficina, informando que apesar de trabalharem com alunos incluídos, não sabiam LIBRAS. Desta maneira, podemos concluir que o jogo foi uma importante ferramenta para estimular e difundir a LIBRAS entre os participantes do curso incentivando o processo de inclusão na sociedade.

Palavras-chave: Programa Novos Talentos, oficinas interativas, importância do bilinguismo

36 - “Surdo”: identidade ou identificação?

Viviane Espírito Santo dos Santos, Heloisa Caldas

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Programa de Pós-Graduação em Psicanálise*

O presente trabalho visa articular o conceito de “identidade surda” ao conceito freudiano de identificação. O objetivo foi questionar que ressonâncias do campo social podem ser verificadas em um tratamento analítico de um sujeito “surdo” e que implicações tem que para um sujeito se dizer surdo e sustentar uma identidade surda. Foram realizadas pesquisa bibliográfica e avaliação da experiência clínica. Freud, em “Psicologia das Massas e análise do eu”, diz que a identificação é a primeiríssima exteriorização de um laço afetivo com uma outra pessoa. Cabe perguntar se a identidade surda também é uma forma de identificação estruturante para um sujeito. A “identidade surda” é uma identidade de grupo na qual pode-se questionar a posição social dada aqueles que se inserem no grupo de “surdos”. Desejamos pesquisar o que leva a essa identificação, que efeitos podem ser recolhidos daqueles que se agrupam sustentados pela língua brasileira de sinais e como sustentam uma cultura e uma identidade com os membros desta comunidade. Levamos em consideração que, como Santana e Bergamo (2005) apresentam, a identidade é uma construção permanente que faz fronteira entre a identificação do sujeito aos semelhantes e a obtenção do reconhecimento dos demais membros do grupo social ao qual pertence. A identidade resulta de uma construção discursiva que se baseia em determinado parâmetro discursivo, no caso dos surdos, sobre a língua de sinais. Consideramos que há pontos da identidade surda, como identidade de grupo, que retornam no sintoma, sob a égide de um significante: “surdo”.

Palavras-chave: conceito freudiano de identificação, pesquisa bibliográfica, avaliação da experiência clínica

37 - O atendimento individualizado para alunos-paciente na clínica-escola do autista Itaboraí/ RJ: desenvolvimento de habilidades funcionais por meio da análise do comportamento aplicada (ABA)

Adriana Oliveira De Carvalho Ferreira, Michele Soares Rodrigues Paiva, Raquel Freitas Cairo

Clínica–Escola do Autista

O atendimento individualizado para alunos – paciente matriculados na Clínica – Escola do Autista é uma abordagem, a fim de desenvolver/ potencializar Habilidades Funcionais de: Imitação, Linguagem Receptiva, Autocuidado, Sociais, Brincar, Psicomotoras, Pré – acadêmica e Acadêmica. O ensino individualizado é norteado de acordo com as necessidades biopsicossociais de cada um dos envolvidos neste processo, bem como, pela Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e com o auxílio permanente dos reforçadores tangíveis, sociais, atividades e físicos. Tais recursos funcionam como estímulos positivos, fazendo com que os Autistas se envolvam mais nas atividades pré-estabelecidas. A equipe pedagógica é composta por três Professoras de Referência com Capacitação Pedagógica em Autismo e uma Coordenadora Especialista em Educação Especial. As docentes realizam os atendimentos individuais em uma sala livre de estímulos distractores e estruturada viso-espacialmente. Objetiva - se a aquisição de habilidades funcionais e minimizar os prejuízos decorrentes da inabilidade da Teoria da Mente. Foram utilizados o Programa de Análise do Comportamento Aplicada (Applied Behavior Analysis-ABA), o Currículo Funcional e reforçadores. Os resultados demonstraram que os alunos – paciente apresentam maior concentração com manutenção de foco e ocorrem diminuição de: estereotípias, explosões de raiva, ansiedade, auto – mutilação, fuga, auto - estimulação e esquiva nas atividades propostas, ocasionando assim, o processo de assimilação e acomodação das habilidades acima citadas. A intervenção e alteração no ambiente em que o indivíduo se encontra inserido são essenciais para a modificação de comportamentos. A finalidade de todo esse processo é o de prepará-los para frequentarem, posteriormente, a Classe Regular Inclusiva.

Palavras-chave: habilidades funcionais de: imitação, linguagem receptiva, autocuidado, sociais, brincar

38 - Uma oficina introdutória de língua brasileira de sinais para alunos de colégios públicos de Niterói, RJ

Alex Sandro Lins Ramos¹, Stella Manes da Silva Moreira², Noemi Beneques Horowicz³, Juliete Viana Felinto de Souza⁴, Aline Angel Varges⁵, Ruth Maria Mariani Braz⁶

Curso de Pedagogia, Universidade Federal Fluminense¹, Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal Fluminense², Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, Universidade Federal Fluminense^{3 e 6}, Curso de Turismo, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro⁴, Jornalista⁵.

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é a segunda língua oficial Brasileira, reconhecida em 2002 em todo território nacional. A LIBRAS é uma língua própria que difere do Português escrito e falado de diversas formas, sendo caracterizada pela utilização de sinais, baseados em pontos de articulação, configuração de mãos, expressão facial e direção das mãos. Com objetivo de instruir alunos de colégios públicos sobre a importância desta língua, foi proposta uma oficina de introdução a LIBRAS. A atividade foi realizada durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, situada no Horto do Fonseca (Niterói), em parceria com grupo Ciências Sobre Tendas da Universidade Federal Fluminense. Primeiramente foi discutida uma breve introdução sobre a história da Língua de Sinais Brasileira, e as diferenças desta para a Língua Portuguesa. Em seguida foi ensinado o alfabeto manual, os números e também sinais básicos como cumprimentos e animais mais comuns. A partir disto foi utilizado um jogo da memória com imagens destes animais que fazem par com imagens de pessoas fazendo o sinal do animal, para que eles pudessem formar o par. O resultado foi um grande interesse pela atividade, curiosidade sobre a LIBRAS e perguntas sobre sinais específicos para um aprendizado mais profundo. O interesse pela LIBRAS despertado pela atividade é de extrema relevância, já que a inclusão de surdos se faz cada vez mais necessária para a formação de uma sociedade inclusiva e sustentável.

Palavras-chave: Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, Horto do Fonseca, animais mais comuns

39 - Produção de vídeos sobre o tema “meio ambiente” – uma atividade de educação ambiental com alunos surdos

Aline Angel Vargas¹, Stella Manes da Silva Moreira², Noemi Beneques Horowicz³, Juliete Viana Felinto de Souza⁴, Alex Sandro Lins Ramos⁵, Sandro Portella⁶, Ricardo Malheiros⁷, Ruth Maria Mariani Braz⁸

Jornalista¹, Curso de Ciências Biológicas - Universidade Federal Fluminense², Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão - Universidade Federal Fluminense^{3, 7 e 8}, Curso de Turismo - Universidade Federal Rural do Rio De Janeiro⁴, Curso de Pedagogia - Universidade Federal Fluminense⁵, Pós-graduação em Pedagogia Bílingue no Instituto Nacional de Educação de Surdos⁶

A educação ambiental é um tema atual e de extrema importância, capaz de ser abordado em diversos ambientes educativos. A quantidade de lixo gerada atualmente, e principalmente criada numa velocidade exorbitante é um grande problema da sociedade atual. A produção de vídeo se destaca como uma ferramenta que propicia um ambiente lúdico e educativo para atividades interativas, baseadas na capacidade criativa dos alunos participantes. Sendo assim, este trabalho objetivou realizar uma abordagem de educação ambiental teórica, seguida de uma produção de vídeo sobre o tema “meio ambiente” com base nos conhecimentos adquiridos para que seja estimulada sua preservação. O trabalho foi realizado no dia 30 de setembro de 2015, das 10h às 17h, na escola estadual Santa Luzia localizada em Duque de Caxias, com ensino para alunos ouvintes e alunos surdos. A atividade incluiu por volta de 30 alunos, que se dividiram grupos de 5 pessoas e discutiram os temas intensamente, gerando um vídeo por grupo com temáticas variadas incluindo desmatamento, reciclagem e preservação das florestas. Os alunos participantes se interessaram muito pela atividade, onde eles se tornaram produtores e protagonistas da criação, aprendendo ativamente os conceitos de preservação do meio ambiente apresentados de forma teórica anteriormente. A educação ambiental através das artes visuais permite que sejam criados produtos artísticos educativos, com o intuito de enfatizar a sensibilização ambiental. Desta forma, o que foi ensinado apenas na teoria ganha um novo sentido, sendo ele lúdico e acadêmico, apenas dependendo da criatividade dos alunos.

Palavras-chave: lixo, desmatamento, reciclagem, preservação das florestas

40 - A apresentação do curta-metragem “Eu não quero voltar sozinho” como um mediador do processo de diminuição da exclusão social no Colégio Pedro II

Ana Maria Peixoto, Bruno Cesar Soares Dile Robalinho e Pedro Rafael Oliveira Pinto.

Colégio Pedro II

O trabalho objetiva contribuir para o fim do processo de exclusão dentro do Campus São Cristóvão III do Colégio Pedro II. Para tal, estimulamos um debate acerca de uma perspectiva sensorial e de gênero com o curta “Eu Não Quero Voltar Sozinho” como recurso facilitador do alcance do objetivo. A justificativa para a realização deste concentra-se na consolidação da escola como campo de lutas e, também, reprodutora de estratos sociais, nos quais graves máculas acabam por ser perpetuadas. Então, práticas profissionais dentro deste ambiente precisam ser instituídas e estimuladas para que sejam dirimidas as inferiorizações das minorias. A Metodologia parte, além do referencial teórico, de uma atividade a qual foi direcionada aos alunos do Ensino Médio, contando com a participação do Núcleo de Estudos em Diversidade de Gênero do campus, a qual foi importante no sucesso. Primeiro, assistiu-se ao curta, tendo sido a primeira vez na instituição que os alunos cegos e ou baixa visão puderam dispor do recurso de áudio descrição, o que viabilizou sua maior compreensão. Depois, após as indagações acerca do exposto, da percepção da personagem central quanto a sua condição, foi proposta uma atividade de encerramento chamada “rompendo os grilhões” em que premissas sociais foram lidas (frases escritas ampliadas e em Braille). Inspirada no texto “A Alegoria da Caverna”, os alunos puderam desmistificar alguns padrões estabelecidos que causavam a exclusão de uma parte da mesma. Algumas tais quais: “Toda pessoa homossexual gosta de ser chamada pelo gênero oposto ao seu órgão sexual de nascimento”, “Todo cego tem talento para a música”. Os resultados alcançados demonstram que em um mesmo ambiente, reunimos alunos com e sem deficiência, docentes, técnicos. Todos discutindo a ruptura de preconceitos que acabam por consolidar padrões. Conseguimos, ainda, exibir uma metodologia a ser utilizada com alunos DVs em sala, o que indica práticas inclusivas no uso de recursos audiovisuais.

Palavras-chave: ensino médio, ruptura de preconceitos, Braille

41 - A construção de conceitos matemáticos com um aluno autista: um relato de experiência no Centro de Atendimento Educacional Especializado Centro (CAEE/Centro) – Juiz de Fora

Ana Paula Xavier, Martins, Gabriel Pigozzo Tanus Cherp,
Ruth Maria Mariani, Cláudia Mara Lara Melo Coutinho

*Universidade Federal Fluminense
Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão*

O termo autista foi introduzido em 1911 por Bleuler “para designar a perda de contato com a realidade e consequente dificuldade ou impossibilidade de comunicação”. Hoje, com os novos estudos e descobertas na área, o termo autista é usado para definir um indivíduo que apresenta alterações no neurodesenvolvimento com prejuízo da sociabilidade. Esta síndrome neuropsiquiátrica que se enquadra nos Transtornos do Espectro Autista (TEA) e que apresenta inúmeros traços clínicos resultantes de variáveis biológicas e sociais. O presente trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência de um aluno de seis anos, que aqui chamaremos de Marco. Marco apresenta diagnóstico de TEA e é acompanhado no CAEE/Centro da cidade de Juiz de Fora. Particularmente, trataremos, aqui, do acompanhamento de Marco no referido centro em relação à construção de conceitos de quantificação matemática, identificados a partir de observação assistemática e de registros semanais. Objetivamos em nosso estudo explorar e demonstrar as potencialidades de uma criança autista, entendendo que a infância é uma importante janela de desenvolvimento cognitivo por conta da intensa plasticidade cerebral nesta fase da vida. Até sua chegada ao CAEE/Centro, Marco nunca havia sido submetido a nenhum acompanhamento profissional educacional ou psicopedagógico, de forma que seus pequenos, mas significativos avanços, como por exemplo, identificação de número relacionado a quantidade, desenvolvimento da capacidade de ordenação, classificação e seriação, foram conquistados durante desenvolvimento do presente trabalho. Os Centros de Atendimento Especializado (CAEE's) estão voltados para incentivar a descoberta e a inventividade, bem como promover a maior autonomia possível dos atendidos em sua construção de conhecimento, explorando de todas as formas possíveis às potencialidades do aluno em seu processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: neurodesenvolvimento, desenvolvimento cognitivo, plasticidade cerebral

42 - Jogos educativos acessíveis a deficientes visuais: um levantamento bibliográfico

Andréia Guerra Pimentel¹ e Glaucia Torres Aragon².

Universidade Federal Fluminense¹

Universidade Estadual Norte Fluminense².

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

Nas escolas regulares, jogos educativos podem promover interação entre alunos com e sem deficiência visual. Neste contexto, recursos de uso comum favorecem a aprendizagem colaborativa. Objetiva-se realizar levantamento bibliográfico e verificar o número de publicações de artigos científicos relacionados a jogos educativos e deficiente visual. Como metodologia buscamos artigos nas bases de dados dos sites: Periódicos da Capes e Scielo, no período de 2005 à 2015. Como descritores usamos: jogos educativos, deficiente visual, jogos educativos+deficiente visual, educative games, visual impaired e educative games+visual impaired. Lemos os artigos encontrados sobre jogos educativos+deficiente visual. A seguir, formamos duas categorias: a 1 com jogos educativos relacionados a deficiência visual e a 2 sem tal relação. A 2 foi subdividida em a e b. A 2.a relacionada apenas a deficiente visual e a 2.b apenas a jogos educativos. Como resultados encontramos no site Periódicos da Capes: 7 para jogos educativos, 11 para deficiente visual, nenhum para jogos educativos+deficiente visual, 4 para educative games, 465 para visual impaired e nenhum para educative games+visual impaired. No Scielo encontramos: 3 para jogos educativos, 9 para deficiente visual, 12 para jogos educativos+deficiente visual, 1 para educative games, nenhum para visual impaired e 1 para educative games+visual impaired. Após leitura dos artigos do Scielo sobre jogos didáticos+deficiente visual, verificamos o seguinte: na categoria 1, nos 2 artigos selecionados os jogos educativos são usados na avaliação de pessoas com deficiência visual; na categoria 2.a, 7 artigos apenas sobre deficiente visual (em 4 destes cita-se a importância dos recursos didáticos na educação) e na 2.b, 3 artigos sobre jogos educativos. Concluímos, diante da escassez de dados nas fontes pesquisadas, ser necessário produzir trabalhos acadêmicos sobre o uso de jogos educativos para o deficiente visual incluídos nas escolas regulares.

Palavras-chave: interação entre alunos, escassez de dados, videntes

43 - Educação de surdos e questões de linguagem

Angela Simone de Mattos Esteves, Dagmar de Mello Silva

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

Este trabalho é parte de uma pesquisa maior que visa analisar e elaborar metodologias que auxiliem o processo de letramento visual de alunos surdos em idade adolescente/adulta em Língua Portuguesa escrita como L2. Sendo assim, trata-se da análise de resultados de uma aluna surda-autista com 32 anos no 6º ano do E.F.II que frequenta a sala de recursos de uma escola da rede estadual de ensino duas vezes por semana com duas horas de atendimento em cada dia. O objetivo foi correlacionar a linguagem visual com a linguagem verbal. Elaborou-se um jogo que correlaciona sinais em Libras, imagens representativas desses sinais, Língua Portuguesa escrita para nomear essas imagens que também estão sinalizadas e a datilologia. Resultado parcial dessa análise: a aluna é capaz de correlacionar o sinal à imagem impressa que o representa assim como reconhecer e reproduzir com as cartas do alfabeto em datilologia a palavra que a professora fez com as mãos em datilologia. Este trabalho indica que a correlação de imagens atreladas à linguagem verbal escrita e/ou sinalizada auxilia no processo de significação e letramento da aluna.

Palavras-chave: letramento visual, surda-autista, linguagem visual, linguagem verbal

44 - Áudio livro e a divulgação de temas de fronteira em biologia: um instrumento de inclusão de pessoas com deficiência visual e de conhecimento para professores da educação básica

Neuza Rejane Wille Lima^{1,2}, Gabrielle Lima Braga¹, Heloá Caramuru Carlos^{1,2}, Augusto Barros Mendes^{1,3}, Cinthya Simone Gomes Santos^{1,3}, Helena Carla Castro^{1,2,4}

Propet Biofronteiras - Instituto de Biologia - Universidade Federal Fluminense¹; Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão - Instituto de Biologia - Universidade Federal Fluminense²; Programa de Pós-Graduado em Biologia Ambiente Marinho e Costeiro - Instituto de Biologia - Universidade Federal Fluminense³; Programa de Pós-Graduado em Ciência e Biotecnologia - Instituto de Biologia - Universidade Federal Fluminense⁴

O desenvolvimento de recursos tecnológicos para auxiliar pessoas com deficiência em suas atividades diárias (pessoas com dislexia, bem como a mobilidade e deficiência visual) designadas como as tecnologias de apoio, inclui a produção de diferentes tipos de livros digitais, como livros falados. O principal objetivo do presente trabalho é descrever a estratégia do programa ProPETBiofronteiras ("Projeto de Programa de Educação Tutorial") que vem sendo desenvolvido na Universidade Federal Fluminense desde 2013 para produzir um áudio livro que trata de tópicos considerados como temas de fronteira em Biologia, utilizando material originalmente obtido durante o primeiro ano de atividades. The áudio livro foi produzido pela Fundação Dorina Nowill para Cegos e possui oito capítulos que incluiu a descrição de mini palestras, oficinas e entrevistas sobre os avanços em neurociências e educação, novo tratamento para AIDS, biotecnologia e educação para surdos ou para pessoas com altas habilidades ou superdotação. Nosso próximo passo é apresentar o áudio livro para estudantes deficientes visuais do Instituto Benjamin Constant a fim de pedir-lhes para avaliar a qualidade do conteúdo e do formato deste.

Palavra-chave: tecnologias de assistência, educação científica, mini palestras, oficinas e entrevistas

45 - Síndrome de Irlen - déficits na via neurológica magnocelular modelo de árvore em relevo para auxiliar no processo ensino-aprendizagem árvores em estrutura de dados para alunos cegos

Barbara Assis Silva Barbosa¹, Cristiano César dos Santos Andrade², Ediclêa Mascarenhas Fernandes³

1Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Cederj/Belford Roxo¹, Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, Universidade Federal Fluminense², Faculdade de Educação da 1Universidade do Estado do Rio de Janeiro³

A Síndrome de Irlen (SI) é uma disfunção na percepção do processamento daquilo que os olhos captam e enviam para o cérebro, fazendo com que as informações cheguem fragmentadas e imagens e letras se movam em diferentes distorções. A SI pode apresentar vários sintomas, tais como: enjoos; cansaço; dores de cabeça e no estômago; estresse visual e a perda de foco e da atenção, déficit de aprendizagem, etc. A sobrecarga de alguns destes sintomas leva a uma sonolência profunda após quinze minutos de esforço visual em diversas situações (durante a leitura ou andando em transportes públicos, por exemplo). O cérebro de um sujeito com SI possui sensibilidade a luz, pois esta, quando refletida em uma superfície branca, causa sensação de dor nos olhos e na cabeça. Em níveis moderado e leve de SI, o uso de Overlay, que são sobreposições Irlen, e alguns materiais adaptados são suficientes. Já no nível severo é necessário o uso de Filtros Irlen em óculos. As Pesquisas sobre a SI iniciaram em 1980 nos Estados Unidos na Universidade da Califórnia, onde Helen Irlen, uma psicóloga educacional, realizou pesquisas com alunos e descobriu que fazendo intervenção filtrando a cor acabaria com as dificuldades de percepção. Na Califórnia, uma triagem realizada nas escolas tem evitado o fracasso escolar na alfabetização de crianças com este transtorno neurovisual. Além das dores nos olhos e na cabeça, ainda ocorrem possíveis desequilíbrios e má postura corporal, está em consequência da fuga da luminosidade. Com a tecnologia não invasiva dos filtros Irlen nos óculos, o cérebro processa adequadamente toda informação captada pelo olho estabilizando a SI. Por não estar relacionada com habilidades visuais, a SI não é detectada com exames de optometria, mas sim através de Screening de Percepção. Aqui no Brasil pesquisas e intervenção são realizados na UFMG e Hospital dos Olhos Dr Ricardo Guimarães. E houve rastreamento das crianças com dificuldade de leitura na Escola Estadual Engenheiro Silvio Fonseca que caracterizou um estudo piloto em 14 crianças. Os resultados indicaram que a frequência de ocorrência da SMI é de 17% entre alunos com dificuldades de leitura e com uso overlays este índice diminui.

Palavra-chave: Síndrome de Meares-Irlen; Sistema de rastreamento ocular, transtorno neurovisual

46 - O Trabamat como tecnologia educacional no ensino de matemática na educação de jovens, adultos e idosos

Camila Matheus Rodrigues da Silva, Rejany dos Santos Dominick

*Universidade Federal Fluminense
Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão*

O jogo como tecnologia educacional pode contribuir para o ensino de matemática na diversidade da educação de jovens, adultos e idosos (EJA-I) como caminho inclusivo. Nessa perspectiva apresento o jogo TRABAMAT desenvolvido como produto do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão / UFF. TRABAMAT é um jogo misto de tabuleiro com quebra-cabeça, contendo problemas matemáticos contextualizados com situações do cotidiano e do trabalho. O objetivo deste estudo é propor um jogo que promova a resolução de problemas reais e ligados ao cotidiano, favorecendo a reflexão sobre a importância e a aplicação dos conhecimentos matemáticos no dia a dia do estudante e na vida em sociedade. Pesquisa quali- quantitativa que permitiu elaborar estratégias de ensino contextualizadas e critérios para construção do TRABAMAT. A pesquisa foi realizada com 16 alunos da turma 601 e 12 alunos da turma 701 da EJA-I, do 2º semestre de 2014. A partir da aplicação de questionário de perfil das turmas possibilitou conhecer os alunos em seus aspectos sócios afetivos, suas preferências e escolhas. A aplicação de questionário sócio econômico possibilitou conhecer os alunos sobre suas diversidades econômicas, raciais, regionais e religiosas. Avaliação diagnóstica dos conteúdos matemáticos foi realizada através de um Pré-teste. Para a ilustração do TRABAMAT, foi escolhido o ramo da simetria para introduzir o educando na beleza e na arte de MC Escher. Como resultados houve a melhoria das relações humanas, aumento da autoestima e a inclusão dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação. A equipe de profissionais, quando integrada, resulta num processo de ensino/aprendizagem para todos os profissionais e discentes. O inesperado em sala de aula possibilitou refletir sobre outras aprendizagens numa tecnologia educacional. O TRABAMAT é uma tecnologia educacional que auxiliou no aprendizado e possibilitou o prazer pela própria atividade.

Palavras-chave: estratégias de ensino contextualizadas, autoestima, ensino/aprendizagem

47 - Proposta de atividades para implementação do plano pedagógico individualizado: papel dos professores na construção de métodos de avaliação e práticas pedagógicas para estudantes com deficiência intelectual

Carla de Carvalho Macedo Silva, Ana Claudia Herdy Torres Teixeira, Manuel Gustavo Leitão Ribeiro

*Universidade Federal Fluminense
Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão*

O crescente número de alunos com deficiência intelectual (DI) matriculados nas escolas desafia os profissionais da educação quanto à adequação do currículo para que estes alunos tenham condições de desenvolver suas funções intelectuais, comportamento adaptativo, formação da identidade pessoal, social e cultural, bem como funções psicomotoras, de acordo com necessidades individuais. Neste trabalho buscou-se reunir professores de escolas de anos iniciais do Ensino Fundamental de Nova Friburgo que atuem diretamente com estudantes que apresentam DI, com o objetivo de ouvir relatos, experiências e as principais dificuldades encontradas ao lidar com esses alunos em sala-de-aula. Foram ouvidos 17 profissionais de 10 escolas, aos quais foi enfatizado o papel fundamental que desempenham na construção de mediações pedagógicas. Os professores relataram alguns casos exitosos da prática inclusiva e citaram como fatores principais a relação direta entre professor e aluno, a avaliação pedagógica cuidadosa, a proposição de atividades significativas e desafiadoras, a interlocução entre professor do ensino regular e professor mediador. Destacaram como principais dificuldades o convencimento da participação das famílias no processo; a relação com a área clínica nem sempre positiva e efetiva; a ausência de treinamento para os professores e de clareza dos objetivos a serem alcançados com aqueles alunos. Com base nestes relatos, foram definidas as seguintes perspectivas de trabalho: 1) realização de encontros semanais com estes professores, com duração de aproximadamente 2 horas, para realização de estudos sobre a aprendizagem de alunos com DI. De forma a permitir a participação do maior número possível de professores, foi proposto um cronograma de reuniões a ser cumprido no horário de planejamento das escolas; 2) desenvolver, juntamente com os professores participantes, uma metodologia para elaboração, sistematização, implementação e avaliação dos Planos Pedagógicos Individualizados.

Palavras-chave: relatos, experiências, aprendizagem

48 - Criação de um banco de dados em libras para divulgação de ensino de biociências para indivíduos com necessidades educacionais específicas

Carlos Henrique Amaral da Silva, Alifer Sales Batista Tinoco Alves, Larissa Rangel Lira da Silva, Fatima Regina Gomes, Alexandre Neves Louzada, Helena Carla Castro, Cristina Maria Carvalho Delou, Luiz Anastácio Alves, Elenilde Maria dos Santos

FAETEC (Oscar Tenório)
Fundação Oswaldo Cruz
Universidade Federal Fluminense
Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

O surdo enfrenta dificuldades diárias que vão desde a comunicação até as barreiras sociais e educacionais. Com o objetivo de aproximar os surdos ao ensino de Biociências disponibilizamos um material didático adaptado e acessível, através de um Banco de Dados. Desenvolvemos um Banco de Dados com recursos didáticos inclusivos em LIBRAS sobre Biociências. Este Banco de Dados será inserido de forma gratuita no site www.lcc.kftox.com com o tema “Ciências: uma forma animada de aprender!”. Para avaliar esta finalidade, foram utilizados os seguintes métodos: quantitativo e o método qualitativo. O Glossário Científico foi construído a partir dos vídeos cedidos pela Dra Vivian Rumjanek – realização: IBqM/UFRJ. Participaram 17 alunos (16 ouvintes e 1 surdo) do segundo ano do ensino médio da FAETEC. O teste do software ocorreu no laboratório de informática por 1 hora e contaram com a presença de dois docentes de informática e de um intérprete de Libras. Após, os alunos responderam a um questionário com 14 afirmativas relacionadas à organização do Software. Cada afirmativa continha cinco opções de resposta seguindo a Escala de Likert. Os dados estatísticos obtidos foram tratados percentualmente utilizando o programa Microsoft Excel, versão 2000. De acordo com os resultados obtidos dos questionários, foi possível constatar a aceitabilidade (71%) e os alunos alegaram que o tema ficou muito mais interessante (88%) de ser aprendido, além de demonstrarem interesse pela LIBRAS. Concluímos a partir destes resultados obtidos por parte dos alunos, que contribuímos para o ensino de Biociências e valorização de Libras como forma de comunicação e expressão da comunidade Surda, inserindo-se nas recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Palavras-chave: vídeos, glossário científico, questionário

49 - Construindo estratégias de avaliação de AH ou SD a partir do SAERJINHO

Claudiane Figueiredo Ribeiro, Lucia de Mello e Souza Lehmann

*Universidade Federal Fluminense
Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão*

O sujeito com Altas habilidades ou Superdotação (AH ou SD) demonstra potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, apresentar criatividade, envolvimento na realização de tarefas em áreas de seu interesse. Essa identificação encontra barreiras atitudinais, impedindo o reconhecimento e o atendimento especializado, não se aproveitando as potencialidades desses sujeitos. Gardner considera o raciocínio lógico-matemático e habilidade linguística em níveis elevados como possíveis características de alunos superdotados. Renzulli cita a capacidade acima da média em alguma habilidade acadêmica como indicativo de AH ou SD. Com o objetivo de desenvolver uma metodologia de identificação de alunos AH ou SD, em uma escola regular, a partir do Sistema de Avaliação do Estado do Rio de Janeiro (SAERJINHO), priorizando as áreas de Língua Portuguesa (L P) e Matemática (M), este trabalho propõe delimitar e tabular as notas das avaliações bimestrais, num total de 3 turmas de 9º ano E. F. e 4 turmas do 1º ano E. M., identificando num universo de 140 alunos, os indivíduos com rendimento acima da média, visando desenvolver um programa de enriquecimento curricular. A partir de um corte no percentual de 80% de acertos, em pelo menos uma das áreas, os estudantes foram convidados a participar do programa, favorecendo o processo de identificação de habilidades confirmando ou não a categoria. Resultados preliminares apontam para uma quantidade aproximada de 12% de alunos com alto rendimento em (L P) e apenas 2% em (M). Entre outros dados verificamos que todos os alunos que tiveram rendimento elevado em (M) também tiveram em (L P). A continuidade do trabalho implica na obtenção e cruzamento de outros dados, validando a estratégia e inclusão dos alunos no programa de enriquecimento curricular. O estudo permitirá uma atualização do trabalho da escola e uma comparação com outros estudos obtidos.

Palavras-chave: barreiras atitudinais, enriquecimento curricular, rendimento

50 - Modelo de árvore em relevo para auxiliar no processo ensino-aprendizagem árvores em estrutura de dados para alunos cegos

Cristiano César dos Santos Andrade¹, Edicléa Mascarenhas Fernandes²

Universidade Federal Fluminense
Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Faculdade de Educação

Em computação, as árvores são estruturas complexas, conjunto finito de elementos denominados nós onde cada nó da árvore é a raiz de uma subárvore, utilizadas em diversas aplicações para modelar inúmeros problemas práticos, mas que admitem um tratamento computacional simples e eficiente. Elas podem ser estritamente binária, cheia, completa ou zig-zague e ainda podem ter os seus nós visitados sistematicamente, em três ordens: pré-ordem, ordem simétrica e pós-ordem. O conceito de Árvore ou Árvore Binária, pode ser representado graficamente com uma linha unindo cada nó às raízes das suas subárvores, exibindo de forma clara as relações existentes entre os nós da estrutura. A fim de contribuir para que um aluno cego possa entender o conceito de árvore em estrutura de dados e ainda percorrê-la, foi validada uma proposta de árvore em relevo. Uma pesquisa de campo de natureza qualitativa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Fluminense, sob nº 43048015.1.0000.5243, parte da dissertação do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, que envolveu uma etapa de revisão bibliográfica, a produção de material didático em relevo e a validação de uma proposta de árvore binária em relevo, em um processo que contou com um plano de aula e se deu em um ambiente físico de aprendizagem onde ocorreram os seguintes momentos: orientação inicial dos objetivos; transmissão/assimilação do conteúdo; consolidação e aprimoramento dos conhecimentos; aplicação de conhecimentos e verificação e avaliação dos conhecimentos. A validação do modelo de árvore em relevo ocorreu em 02 de outubro de 2010 às 16:30 e mostrou-se eficiente, uma vez que o aluno cego conseguiu identificar os tipos de árvores (estritamente binária, cheia, completa e zig-zague), percorrê-las (em pré-ordem, em ordem simétrica e em pós-ordem) e identificar os níveis e o tamanho de uma árvore.

Palavras-chave: pré-ordem, ordem simétrica e pós-ordem,

51 – Tecnologia, acessibilidade e construção do conhecimento na resolução de problemas matemáticos.

Danilo Couto Teixeira de Carvalho, Ruth Mariani Braz

*Universidade Federal Fluminense
Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão*

Este projeto de pesquisa analisou as possibilidades e efeitos da aplicação e uso de tirinhas de humor (quadrinhos), numa turma do 1º ano do ensino médio, com o conteúdo de geometria por ser o conteúdo do currículo de matemática mais presente nos três anos do Ensino Médio. Adotamos uma metodologia de pesquisa qualitativa e descritiva; com situações de resoluções de problemas e o uso da tecnologia para identificar as possibilidades que envolviam a construção do conhecimento. A parte experimental da pesquisa, envolvendo uma turma com alguns alunos deficientes auditivos foi desenvolvida por meio de etapas desde a escolha do tema a ser confeccionado a tirinha até a execução e finalização. Como resultados qualitativos, por meio de avaliações bimestrais, percebemos que em cada um dos quatro grupos de três alunos onde havia um aluno surdo pode se constatar um desenvolvimento mais uniforme na construção e no resgate das operações básicas matemáticas até aos procedimentos para o cálculo matemático onde ele sai da condição de inativo para a de forte participante e algumas vezes líder. Os alunos desenvolveram junto ao professor, uma construção de raciocínio baseado nas suas experiências diárias, com a finalidade de extrair o máximo de aproveitamento do lúdico oferecido que estimulou a criatividade, a resolução de problemas, a cooperação, contribuindo assim para o processo ensino-aprendizagem. Estimulamos a construção do conhecimento pelo intermédio da tecnologia como instrumento de acessibilidade, acreditamos que este trabalho possa servir de inspiração para que cada vez mais professores e alunos sejam construtores de um novo modelo de ensino em que o aluno é o agente principal na construção do seu conhecimento.

Palavras-chave: história em quadrinhos, ensino médio, deficientes auditivos, surdos

52 – CALCULIBRAS – Matemática em Libras na Web

Danilo Couto Teixeira de Carvalho, Ruth Mariani Braz

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

O projeto CALCULIBRAS, entendendo o comprometimento do acesso dos alunos surdos aos conteúdos na área de matemática pela (LIBRAS) devido a carência de sinais matemáticos (ex: equiláteros, isósceles) e/ou específicos (ex: função quadrática, função afim) o que priva o acesso à informação e o direito à cidadania plena garantida por lei, tem por finalidade principal e já apresentando resultados preliminares, a construção de um glossário, com termos da Matemática que poderão auxiliar o aprendizado dos surdos com singularidades linguísticas e a construção de vídeo aulas, de consulta on line em blog educativo. já O Blog está em fase de construção, adaptadas a língua de sinais envolvendo conceitos matemáticos básicos de geometria, para auxílio na resolução de problemas matemáticos. Como resultados numéricos é possível saber em pesquisa rigorosamente detalhada, em registros na WEB que disponibilizem o conteúdo matemático estudado, registros no Youtube e dicionários on-line de vários estados, que de 200 palavras estudadas, em torno de 100 palavras de geometria plana não possuem sinais definidos em Libras, 50 palavras possuem dois ou mais sinais e apenas 50 palavras possuem um único sinal consolidado e confirmado pela comunidade. Neste contexto, este projeto específico, vem observando os termos sobre o tema não existentes na Língua de sinais, criando vídeo aulas e promovendo a adaptação da leitura pelo vídeo em linguagem de sinais e surpreendendo a equipe envolvida na descoberta, contribuindo assim para a criação desta nova ferramenta. Com uma melhor divulgação e debate sobre a ausência de sinais para os termos científicos nas subáreas de Ciências Matemáticas na comunidade acadêmica, poderemos estar estimulando a criação de novos termos na área de matemática e também em outras áreas.

Palavras-chave: surdos, equiláteros, isósceles, função quadrática, função afim

53 - Adaptação de software educacional para divulgação de ensino de biociências para indivíduos com necessidades especiais na perspectiva da surdez

Fátima Regina Gomes, Eliza Cristina Silva Borges, Victor Hugo Gramosa Rodrigues, Carlos Henrique Amaral da Silva, Alexandre Neves Louzada, Helena Carla Castro, Cristina Maria Carvalho Delou, Luiz Anastácio Alves, Elenilde Maria dos Santos

FAETEC (OSCAR TENÓRIO) / FIOCRUZ / UFF

Este projeto adaptou para LIBRAS o SOFTWARE Ciências: uma forma “animada” de aprender módulo: Fisiologia Celular, disponível no site www.lcc.kftox.com a fim de facilitar os conteúdos abordados na disciplina de Imunologia. Este recurso educacional tem como objetivo auxiliar os estudantes surdos no ensino de Biociências. Utilizamos vídeos gravados em Libras e para verificarmos se o software foi eficaz, testamos com 17 estudantes (16 ouvintes e 1 surdo profundo) do segundo ano do ensino médio e este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da FAETEC. Utilizamos questionários pré e pós-eventos com 8 questões sobre o tema que estão disponíveis na internet. Os dados estatísticos foram tratados percentualmente com Microsoft Excel, versão 2000. Os participantes foram reunidos no laboratório de informática com 2 professores de informática, 1 de Biologia e 1 intérprete de Libras. Os alunos responderam o questionário pré-evento em 40 minutos, após, os testes foram recolhidos e os participantes passaram a utilizar o software. Decorrido 1 hora de uso livre, os alunos fizeram o questionário pós-evento, e tiveram mais 40 minutos. Os testes pré e pós-evento eram os mesmos, porém, eles não tinham essa informação. Ao compararmos os acertos no pós-evento (11,75%) observamos que o desempenho não melhorou em relação aos acertos do pré-evento (11,00%). Os participantes disseram que o tema era difícil. A aluna surda aprovou o software com o auxílio de filmagens em LIBRAS. Embora os participantes revelassem que a ferramenta didática era “divertida” e “interessante”, os resultados dos questionários pós-evento não apresentou aumento de acertos ($p < 0,05$) significativos, o que nos levou a concluir que o conteúdo estava muito complexo. Empenharemos esforços em facilitar o acesso sobre temas de Biociências e incentivar autoria do pensamento dos discentes, como forma de contribuir para o reconhecimento e valorização de Libras como forma de comunicação e expressão da comunidade Surda.

Palavras-chave: questionários, fisiologia celular, Imunologia, LIBRAS

54 - A formação docente para o ensino da língua brasileira de sinais (libras): Um recorte do município de Juiz de Fora – M.G

Gabriel Pigozzo Tanus Cherp Martins, Ana Paula Xavier, Ruth Maria Mariani, Cláudia Mara Lara Melo Coutinho, Helena Carla Castro

*Universidade Federal Fluminense
Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão*

O presente estudo, realizado entre junho e julho de 2015, refletiu sobre a formação docente ouvinte para o ensino de Libras como segunda língua (L2) para alunos ouvintes das escolas da Rede Municipal de Juiz de Fora. No atual momento de formação destes docentes no referido município, utilizamos de uma revisão bibliográfica sobre formação de professores de Libras, como por exemplo, Cerny e Quadros (2009); Machado e Lírio (2011); Damázio (2007), e uma pesquisa nos sites das Instituições de ensino Superior (IES) do município (Facsum, Granbery, CES, UFJF, Unipac, Machado Sobrinho), averiguamos à inclusão ou não da disciplina de Libras no currículo das licenciaturas e também da formação específica (Letras-Libras), ou não, destes profissionais. É sabido que a formação de professores para atuação nesta área vem sendo discutida por inúmeros pesquisadores, que se debruçam sobre a temática em questão, a fim de identificar lacunas neste processo e consequentemente criação de estratégias que visem um melhor ensino da Libras nas escolas. Podemos verificar no Decreto 5626/05, a previsibilidade onde a disciplina de LIBRAS conste nos currículos das IES nos cursos de licenciatura de forma obrigatória e nas demais graduações, de forma optativa. Identificamos que, geralmente, quando é ofertada é em um único módulo ou crédito, com poucas aulas semanais e por profissionais que, na maioria das vezes, desconhecem elementos que permeiam a Libras e suas implicações sociais e históricas, que influenciam no ensino e no uso desta língua. A partir de nosso olhar, nossa pesquisa, nossa vivência e prática, percebemos que a formação inicial e a continuada fazem toda a diferença na atuação deste profissional e no ensino da Libras. Algumas questões de formação precisam ser revistas para que a excelência no ensino possa ser o objetivo dos docentes.

Palavras-chave: currículo das licenciaturas, formação inicial, formação continuada

55 - Método de alfabetização para alunos autistas (MAPA): alternativa da clínica-escola do autista

Gisele Soares Rodrigues do Nascimento, Cristina Maria Carvalho Delou

Clínica-Escola do Autista

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

Com as políticas de inclusão aumentou o número de alunos autistas nas escolas, contudo os professores não estão preparados para alfabetizar esses alunos. A aprovação da Lei Nº 12.764 de 27/12/2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, mostra a urgência de ações que viabilizem a inclusão efetiva dos alunos autistas. Na vanguarda desta política de inclusão, o município de Itaboraí/RJ inaugurou a Clínica-Escola do Autista, vinculada à Secretaria Municipal de Educação e Cultura, e colocou em ação o Método de Alfabetização para Alunos Autistas (MAPA), uma metodologia criada no município como alternativa para o processo ensino-aprendizagem de alunos autistas. O objetivo geral desse estudo visa avaliar a eficácia pedagógica do Método de Alfabetização para Alunos Autistas (MAPA), como alternativa para o processo ensino-aprendizagem de alunos autistas. A metodologia que vem sendo utilizada é o Estudo de Caso que inclui análise documental, entrevistas semiestruturadas, questionários on-line, observação participante para efeito de descrição e avaliação de aprendizagens efetivas. Os sujeitos são professores (n= 3), responsáveis (n=10) e alunos autistas (n=10) em fase de alfabetização ou alfabetizados pelo MAPA, utilizado na Clínica-Escola do Autista (SEMEC-Itaboraí). Os resultados preliminares obtidos a partir de n=4 entrevistas e n= 4 questionários desmistificam a concepção de que o autismo impede a criança ou adolescente de serem alfabetizados, ressaltando que os docentes precisam ser qualificados para o manejo comportamental que é ininterrupto e para a utilização correta de como ensinar a leitura e escrita aos autistas. Confirmada a eficácia pedagógica do Método de Alfabetização para Alunos Autistas (MAPA), utilizado na Clínica-Escola do Autista (SEMEC-Itaboraí), como alternativa para o processo ensino-aprendizagem de alunos autistas e apresenta-lo à sociedade por meio de um Manual On-line.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem, entrevistas semiestruturadas, questionários on-line

56 - Projeto escola de pais – ressignificando a relação família x escola no desenvolvimento educacional das crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista

Giselli Domiciano¹, Rosanna Lauriano¹, Patricia Caseiro¹, Maria Lucia Moreira¹, Enio Dias Junior^{1,2,3}, Bianca Fonseca^{1,2}

Movimento Uniforme Reeducação Cognitivo-motora Ltda.¹; Setor de Incubação, Empreendedorismo e Inovação (SIEI) - Instituto Nacional de Tecnologia – INT/MCTI²; Rede Pública de Ensino do Município do Rio de Janeiro e Belford Roxo³

As políticas públicas de educação enfatizam a inclusão social e educacional e a importância do desenvolvimento cognitivo a fim de que o aluno se desenvolva de forma global buscando sua autonomia. Em especial, o autismo que vem crescendo na população mundial, é um transtorno de desenvolvimento caracterizado pelo prejuízo na interação social e comunicação, além de um leque restrito de interesses e atividades. Neste sentido, a participação bem como o diálogo permanente com os pais de crianças e adolescentes autistas é essencial para ressignificar o acompanhamento participação efetivo da família no desenvolvimento escolar destes, uma vez que é necessária a sensibilização de pais e professores para o desenvolvimento da vida escolar dos alunos, avaliando as expectativas depositadas no futuro destes e no desafio da inserção em sociedade. A participação da família é primordial para o processo de aprendizagem. Para este trabalho, inicialmente estamos realizando encontros quinzenais com 2 casais, pais e crianças autistas não-verbais para a realização de um diálogo a sobre ação educativa e comportamento em público. Desta forma, o objetivo foi identificar e trazer propostas que superam as principais dúvidas sobre o transtorno do espectro autista que os pais apresentam abrindo um espaço para a troca de experiências entre professores e pais, e entre as próprias famílias assistidas pelo projeto. A relevância deste foi mostrar as dificuldades enfrentadas no dia a dia escolar e apresentar proposta para modular o comportamento e auxiliar na interpretação das ações das crianças e adolescentes, demonstrando que é preciso parceria para a plena realização e continuidade do trabalho realizado pelos profissionais educadores. A união de pais, família e escola consolida uma base para a construção e o desenvolvimento do saber com a aplicação das técnicas profissionais transformadoras do ambiente, favorecendo assim a inserção e a evolução dessas crianças e adolescentes no convívio social.

Palavras-chave: crianças, adolescentes, convívio social

57 - A jornada das lombrigas: atividade lúdica sobre *Ascaris lumbricoides*, Linnaeus, 1758 para alunos ouvintes e surdos da rede pública de ensino de Niterói, RJ

Heloá Caramuru Carlos, Suzete Araujo Oliveira Gomes e Ruth Maria Mariani Braz

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

As parasitoses intestinais estão relacionadas com os principais problemas de saúde pública nos países em desenvolvimento, sendo sua ocorrência relacionada à falta de saneamento básico e de educação sanitária. Dados da literatura relatam que uma das parasitoses mais encontradas é a Ascaridíase, provocada por *Ascaris lumbricoides*, popularmente chamada de lombriga. Entretanto, a dificuldade da abordagem desse tema com alunos ouvintes, surdos e deficientes auditivos, aliada à falta de recursos didáticos apropriados, têm proporcionado problemas na compreensão e assimilação dos conteúdos associados. O objetivo desse trabalho foi criar e aplicar um jogo sobre o tema, com o propósito de orientar e construir noções de educação sanitária e higiene pessoal, contribuindo assim para o ensino-aprendizagem sobre o parasito *Ascaris lumbricoides*. O jogo foi aplicado no Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (IEPIC) em Niterói – RJ para alunos ouvintes e surdos entre 14 e 18 anos do primeiro e segundo ano do ensino médio. O trabalho foi iniciado com um pré-teste sobre o tema abordado nessa pesquisa. Em seguida, foi apresentada a aula correspondente e imediatamente houve a aplicação do jogo, e por fim o pós-teste. O jogo, composto por um tabuleiro, contém casas ocultas e, para avançar, os alunos têm que identifica-las, uma vez que cada uma delas representam órgãos que fazem parte do ciclo biológico do parasito. Para que os alunos encontrem o “caminho” correto, existem pistas com as características relacionadas a cada órgão. Os resultados demonstraram claramente uma maior compreensão sobre o ciclo biológico do parasito e sobre a doença, a ascaridíase, contribuindo para a conscientização sobre verminoses populares como a lombriga ou *Ascaris lumbricoides*, proporcionando mudanças nos seus hábitos de higiene e saúde.

Palavras-chave: parasitoses intestinais, pré-teste, Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho

58 - Uma abordagem lúdica de ensino de Braille para crianças

Juliete Viana Felinto de Souza¹, Stella Manes da Silva Moreira², Noemi Beneques Horowicz³, Aline Angel Varges⁴, Alex Sandro Lins Ramos⁵, Ruth Maria Mariani Braz⁶

Curso de Turismo - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro¹; Curso de Ciências Biológicas - Universidade Federal Fluminense²; Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão - Universidade Federal Fluminense^{3 e 6}; Jornalista⁴; Curso de Pedagogia - Universidade Federal Fluminense⁵.

O Braille é uma das formas de comunicação de pessoas com deficiência visual, sejam cegos ou pessoas com baixa visão. Por meio do código Braille, é possível o entendimento de textos sob a leitura tátil das frases. A atividade teve como objetivo o ensino de uma introdução para o aprendizado de Braille que possa estimular o interesse pela inclusão de pessoas com necessidades especiais. Desta forma, foi proposta uma atividade lúdica para o ensino e aprendizado do alfabeto Braille para crianças de colégios públicos de Niterói. A atividade foi realizada no dia 23 de outubro de 2015, das 9 às 17 horas, durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, realizada no Horto do Fonseca (Niterói) em parceria com grupo Ciências Sobre Tendas da Universidade Federal Fluminense. O evento recebeu diversas escolas públicas e particulares de Niterói e frequentadores do Horto. Primeiramente foi explicado o que é este sistema de escrita e mostrado um exemplo de livro e revista impressos em Braille. Em seguida foram ensinados os códigos Braille, para que os alunos tivessem um primeiro contato com as letras. A dinâmica proposta foi que cada aluno escrevesse o próprio nome nas células Braille disponibilizadas. Em seguida, os alunos que não se conheciam trocaram os papéis para que pudessem adivinhar o nome uns dos outros, bem como, foi estimulada a digitação de objetos do cotidiano escolar. Foram exibidos produtos do dia-a-dia que possuem informações relevantes impressas em Braille, como remédios, copos de refrigerante, garrafinha d'água, entre outros. E por fim foi explicado o papel das tecnologias assistivas e eles puderam escrever em Braille utilizando uma reglete. A atividade foi muito produtiva e os alunos demonstraram grande interesse, com muitas perguntas. O aprendizado do alfabeto em código Braille pode ser a porta de entrada para despertar o interesse de alunos em conhecer mais sobre a cegueira e tecnologias assistivas para que haja inclusão e a melhoria da qualidade de vida destes cidadãos.

Palavras-chave: remédios, copos de refrigerante, garrafinha d'água, Ciências Sobre Tendas

59 - A interdisciplinaridade entre a musicoterapia e o atendimento pedagógico: desenvolvimento da socialização e do raciocínio lógico com os alunos-pacientes na (da) clínica-escola do autista

Lindamara Bonfim Braga

Clínica-Escola do Autista

A origem da interdisciplinaridade está nas transformações dos modos de produzir a ciência e de perceber a realidade e, igualmente, no desenvolvimento dos aspectos político-administrativos do ensino e da pesquisa nas organizações e instituições científicas. O pensar interdisciplinar parte da premissa de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. Tenta, pois, o diálogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpenetrar por elas. Assim, por exemplo, aceita o conhecimento do senso comum como válido, pois através do cotidiano que damos sentido a nossas vidas, ocorrendo no contexto terapêutico e educacional através da musicoterapia durante os atendimentos de Fisioterapia e pedagógicos na Clínica-Escola do Autista para beneficiar os alunos-pacientes, transformando as crianças, adolescentes e adultos em sujeitos ativos que usam os sons musicais e desenvolvem potencialidades por meio da música, bem como aperfeiçoamento da socialização, coordenação motora, percepção sonora, percepção espacial, raciocínio lógico. Objetivou-se com o uso da musicoterapia durante os atendimentos terapêuticos e educacionais ampliação de interação social, diminuição de estereotipias, contato visual e tátil prolongados. A metodologia incluiu o Estudo de Caso por meio de observação participante para efeito de descrição. Utilizou-se instrumentos musicais (violão, teclado, pandeiro, flauta), aparelho de som, músicas instrumentais e o próprio esquema corporal de cada aluno-paciente. Cada atendimento teve 30 minutos de duração, com n= 28 alunos-pacientes atendidos em 1 ano e 6 meses. Observou-se maximização na comunicação verbal e não-verbal, concentração, percepção tátil, sonora, visual, cinestésica, proprioceptiva e minimização da ansiedade, agressividade, crises agressivas, automutilação, estereotipias e ecolalias. Foram atingidos os objetivos por parte das equipes terapêutica e pedagógica através da melhoria na qualidade de vida dos alunos-pacientes autistas.

Palavras-chave: na comunicação verbal e não-verbal, concentração, percepção tátil, sonora, visual, cinestésica, minimização da ansiedade e crises agressivas

60 - Natação para surdos – aprendizagem, saúde e inclusão social.

Lucia Maria Fonseca Tenório¹, Murilo Castello Branco², Norma da Silva Chaves³

Instituto Nacional de Educação de Surdos

As atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física procuram despertar o interesse do aluno sobre o conhecimento e aplicação das possibilidades de movimento do seu corpo, no espaço, no tempo, em diferentes locais e na utilização de materiais. Na atividade física, assim como na fala, a respiração tem um papel importante visando a qualidade do movimento bem como da produção da voz. O surdo que usa sua voz de forma limitada, respira mal e pode apresentar problemas no seu aparelho respiratório ou redução na sua atividade. A respiração, assim como outras funções do organismo, pode se degenerar quando não usada adequadamente. A Educação Física em especial a natação tem um papel singular no trabalho respiratório, podendo melhorar seu volume e capacidade. Assim, o trabalho de natação foi organizado de forma a atender aos alunos surdos de acordo com suas especificidades, visto que alguns alunos apresentavam outros comprometimentos além da surdez. Foram atendidos, durante 3 três anos consecutivos, sempre no 1º e 4º Bimestre letivo, os alunos do Serviço de Ensino Fundamental 1º segmento, média de 100 alunos. As atividades propostas foram divididas basicamente em três níveis de acordo com o estágio de desenvolvimento do aluno: adaptação ao meio líquido, aprendizado e aperfeiçoamento. Os jogos e brincadeiras também estiveram presentes durante todo o processo. Percebemos ao final de cada período o avanço significativo não só do aprendizado do nado como também do desenvolvimento da auto estima e segurança, fatores fundamentais na constituição do sujeito. O trabalho em questão, além do aprendizado da natação e seus benefícios para a saúde, trouxe outro objetivo, não menos importante, mas que vai para além dos muros da escola. A cidade do Rio de Janeiro, litorânea, banhada pelo oceano, tem nas praias uma opção de lazer popular, imprimindo a natação uma visão preventiva e utilitária, contribuindo para uma verdadeira inclusão social.

Palavras-chave: Educação Física, Ensino Fundamental, jogos, brincadeiras

61 - Relato de experiência sobre o curso: sensibilizando e acessibilizando seu ambiente de trabalho.

Ludmila Veiga Faria Franco, Dilvani Oliveira Santos

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

Este trabalho trata-se de um relato de experiência sobre o curso: “Sensibilizando e acessibilizando seu ambiente de trabalho”. Que iniciou no 2º semestre de 2015 e compreenderá o período de 20/08 a 10/12 do referente ano. Este encontra-se em desenvolvimento e tem como público alvo profissionais de diferentes áreas. O objetivo do trabalho é despertar e sensibilizar os profissionais acerca da temática inclusão e acessibilidade. Participam do grupo, 30 profissionais de diferentes áreas. Até o momento foram realizados 7 encontros do total de 15 previstos. Estamos levantando as principais dúvidas que os profissionais encontram a respeito da temática: Inclusão, sensibilização e acessibilidade, e ao longo dos encontros tais estão sendo esclarecidos, com estratégia participativa, uso de dinâmicas, recursos didáticos, bate papo com pessoas com deficiência e vivências práticas. A experiência permite conhecer as peculiaridades dos profissionais e auxiliá-los nas orientações acerca da inclusão e acessibilidade. Os resultados obtidos até o momento mostram que, a troca de experiências e a oportunidade de esclarecimento de dúvidas tem levado os profissionais a mudarem suas práticas e olhares acerca da inclusão e da acessibilidade. Concluindo, os 30 profissionais, tem levado os conhecimentos para seus ambientes de trabalho através de oficinas para sua equipe. a sensibilização, a oportunidade de informação e vivência com práticas de inclusão favorece mudanças atitudinais, quebra de paradigmas e desmistificação acerca das deficiências.

PALAVRAS-CHAVE: Sensibilizar, Inclusão, Acessibilidade

62 - Recursos didáticos no ensino de biologia: sistema urinário humano adaptado para alunos com deficiência visual

Natasha Conceição Gomes de Carvalho, Bruna Barbosa de Oliveira, Jade Manhães de Souza Bastos, Raphael de Oliveira Machado Peres, Samara Jared Mendes Amaral, Fábio Nuno Marques da Vinha

Colégio Pedro II – Campus Duque de Caxias

Políticas públicas voltadas para a Educação Inclusiva promoveram mudanças na forma de pensar os sistemas de ensino, direcionando ações para a educação especial. Acompanhando tais políticas, houve um crescimento de 85,8% no número de matrículas de alunos deficientes nas classes comuns de colégios públicos, segundo dados do Censo entre 2008 e 2014. No entanto, promover a inclusão de tais alunos ainda é um grande desafio, devido à dificuldade de acesso aos conteúdos escolares e de mediação adequada. Nesse sentido, o uso dos recursos didáticos é fundamental na aprendizagem dos alunos deficientes visuais e estes precisam estar adaptados às suas necessidades perceptuais. Dada a eficácia dos materiais adaptados, o objetivo do presente trabalho foi a construção de modelos didáticos do sistema urinário humano e do néfron para alunos selecionar as texturas, confeccionar os modelos e por último, a avaliação pelos alunos deficientes visuais. As estruturas do sistema urinário adaptado apresentam as mesmas medidas de uma deficientes visuais. O trabalho consistiu em pesquisar as figuras que foram adaptadas, pessoa mediana e o néfron foi ampliado para um formato que permita percebê-lo de forma globalizada. Na confecção dos modelos foram utilizados materiais de baixo custo, de fácil manipulação e acessíveis, além de legendas em braille. Para complementar, foram produzidos resumos com as principais informações sobre a anatomia e fisiologia do sistema urinário humano que foram transcritos para o braille. Depois de prontos, os modelos e textos foram utilizados pelos professores do campus Duque de Caxias na turma que tem uma aluna deficiente visual, sendo possível concluir que tais materiais potencializaram a aprendizagem dos conteúdos pela discente, contribuindo para sua efetiva participação em todas as aulas e atividades de Biologia. Além disso, pode-se inferir que a construção dos modelos didáticos é bastante viável, já que o custo médio por modelo e o tempo de confecção são baixos.

Palavras-chave: Braille, sistema urinário, néfron, anatomia, fisiologia

63 – Videoaulas: a criatividade e a sustentabilidade nas artes visuais

Noemi Beneques Horowicz, Stella Manes da Silva Moreira, Aline Angel Vargas, Juliete Viana Felinto de Souza, Alex Sandro Lins Ramos, Ruth Maria Mariani Braz

*Universidade Federal Fluminense
Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão*

As atividades desenvolvidas nas salas de artes visuais possibilitam a interdisciplinaridade dos conteúdos sobre educação ambiental através da prática. Proporcionando aos alunos a compreensão dos conteúdos desenvolvidos, através do fazer artístico, além da aprendizagem e o seu desenvolvimento integral. Assim, o presente estudo tem por objetivo criar vídeoaulas explicativas em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), abordando conteúdos direcionados à sustentabilidade, com base no reaproveitamento de materiais e confecção de brinquedos e/ou produções artísticas. Desta forma, esse estudo pretende participar do movimento de novas visões frente à educação inclusiva, estimulando a utilização do potencial criativo, bem como a preocupação com uma sociedade justa. Para a divulgação dos trabalhos utilizamos as redes sociais por meio de uma página no Facebook e a postagem dos vídeos no Youtube por meio de uma página disponível. O estudo em questão, além de ter como foco a arte educação, no sentido de ajudar no desenvolvimento do aluno, visa desenvolver a forma de percepção da capacidade de expressar a sua criatividade. A base de tudo isso é a possibilidade de investir nas artes visuais como o fio condutor para a execução deste estudo. O trabalho de artes com alunos surdos desperta a atenção para a formação de um cidadão mais consciente e inserido numa sociedade, além de promover a importância do criar, inventar, reutilizar, transformar na perspectiva da sustentabilidade. As videoaulas estão em fase de produção, apenas duas foram postadas no Youtube e o link compartilhado no Facebook e Blog. Os acessos aos vídeos estão sendo contabilizados pelo número de visualizações e compartilhamentos, disponíveis em:

<https://www.youtube.com/channel/UCcM-LkQmUT3JrrOTHiETbjQ>

https://www.facebook.com/criartelibras/?ref=aymt_homepage_panel

<http://criartelibras.blogspot.com.br/>

Palavras-chave: interdisciplinaridade, educação ambiental, Facebook, Youtube

64 - Dupla exclusão: o jovem superdotado de camadas populares

Paula Teresa Pessoa Cavalcanti; Lucia de Mello e Souza Lehmann

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

A experiência com jovens superdotados de camadas populares no Rio de Janeiro aponta para especificidades na vida destes jovens. Tomando como referência jovens identificados como superdotados, participantes de uma instituição social, o Instituto Lecca, que atua na cidade do Rio de Janeiro, temos como proposta apresentar a percepção desses jovens de suas trajetórias. Como objetivo buscamos conhecer as características desse jovem e entender o que acontece quando seu talento é reconhecido na infância. Para organização do trabalho, coleta de dados e análise dos resultados são utilizados referenciais do conceito de Altas habilidades ou Superdotação, dialogando com autores que estudam o jovem contemporâneo na sociedade brasileira. A metodologia utilizada no estudo se compõe de entrevistas e observação com 24 jovens que foram identificados pela instituição quando crianças e que receberam atendimento durante dois anos diariamente e acompanhamento nos demais anos. Os resultados preliminares indicam que esses jovens não consideravam possibilidade de escolher uma carreira universitária, tinham pouco conhecimento na área cultural, não apresentavam hábito de leitura, não valorizavam o estudo como um meio de ascensão social e tinham total desconhecimento da sua própria capacidade. Observa-se que os jovens talentosos, das camadas populares, correm o risco de uma dupla exclusão: a social, por não ter acesso a um ensino de qualidade e quando são excluídos na sua especificação, isto é, não são percebidos como superdotados, não têm seus talentos reconhecidos, seus interesses respeitados e suas necessidades atendidas. A continuidade do trabalho aponta para o questionamento de aspectos mais específicos de como se processam as possíveis transformações para a inclusão destes jovens, como compreendem suas possibilidades dentro do programa que estão inserido, que aspectos do programa operam maior impacto na percepção dos jovens de seu trajeto pessoal e possibilidades futuras.

Palavras-chave: entrevistas, carreira universitária, ascensão social

65 - A jardinagem sustentável como uma forma de educação ambiental

Stella Manes da Silva Moreira¹, Aline Angel Varges², Noemi Beneques Horowicz³, Juliete Viana Felinto de Souza⁴, Alex Sandro Lins Ramos⁵, Ricardo Malheiros⁶, Ruth Maria Mariani Braz⁷

Curso de Ciências Biológicas - Universidade Federal Fluminense¹; Jornalista²; Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão - Universidade Federal Fluminense³, 6 e 7; Curso de Turismo - Universidade Federal Rural do Rio De Janeiro⁴; Curso de Pedagogia - Universidade Federal Fluminense⁵.

Cada vez mais se fazem necessárias intervenções ambientais visando à formação de um mundo sustentável. Com as grandes quantidades de lixo produzido e poluição sendo emitida diariamente, a abordagem da reutilização de materiais e reciclagem se faz muito necessária. Estas intervenções de educação ambiental devem ser feitas de forma em que o aluno se torna ator principal do processo de aprendizado para que este seja facilmente adicionado ao cotidiano do aluno. Desta forma, este trabalho teve como objetivo colocar o aluno no centro da atividade, onde ele mesmo construiu o seu próprio vaso sustentável com uma mudinha da planta escolhida. A atividade foi realizada no dia 23 de outubro de 2015, das 9 às 17 horas, durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, realizada no Horto do Fonseca (Niterói), em parceria com grupo Ciências Sobre Tendas da Universidade Federal Fluminense. O evento recebeu diversos escolas públicas e particulares de Niterói e frequentadores do Horto, onde a oficina atendeu alunos surdos e ouvintes. Primeiramente foi explicitada a importância da conservação da natureza e como isso pode ser possível através da reutilização de materiais. Em seguida foi ensinado aos alunos das escolas públicas de Niterói participantes como construir a estrutura.

Palavras-chave: vaso sustentável, Ciências Sobre Tendas, conservação da natureza

66 - Música, movimento e inclusão: atividades musicais como recurso pedagógico no processo de ensino e aprendizagem de crianças com deficiência

Thatiane Maria Correia Ramos Pires, Cristina Lúcia Maia Coelho

Universidade Federal Fluminense

Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

O presente trabalho consiste numa pesquisa em andamento que tem como finalidade verificar se a música como recurso pedagógico pode contribuir na prática pedagógica dos professores e demais profissionais que atuam com crianças com deficiência, desenvolvendo assim, aspectos físicos, intelectuais, afetivos, sociais e também a musicalidade dessas crianças. O referencial teórico tem como base estudos referentes à Inclusão, Educação Musical, Musicoterapia, Psicologia e Psicomotricidade. Será utilizado como procedimento de investigação a realização de oficinas de musicalização ministradas a professores de sala de recursos e demais profissionais que atuam com crianças com deficiência. As oficinas oferecerão subsídios teóricos e práticos com temas que abordam a utilização da música como recurso pedagógico, onde serão aplicadas e desenvolvidas atividades musicais inclusivas, jogos, confecção de instrumentos e materiais didáticos. Inicialmente, foram pesquisados materiais para leitura e análise por meio de: sites de busca - Google Acadêmico; bibliotecas virtuais - Scientific Electronic Library Online; Anais de Congressos e Encontros da Associação Brasileira de Educação Musical e da Associação Brasileira de Cognição e Artes Musicais; Realizou-se também pesquisa em livros impressos para obtenção de informações e produzir os conhecimentos pertinentes ao assunto. O primeiro acesso foi em 15 de setembro de 2014 com a utilização das seguintes palavras-chave: música, musicalização, inclusão, psicomotricidade. Esta pesquisa torna-se relevante na medida em que pode contribuir no acesso a novos conhecimentos sobre o assunto, permitindo aos professores de sala de recursos e outros profissionais refletirem e adquirirem novas estratégias e comportamentos mediante diversas situações que possam encontrar em sua prática ao lidar com as crianças com deficiência.

Palavras-chave: atividades musicais inclusivas, jogos, confecção de instrumentos e materiais didáticos, pesquisa bibliográfica

67 - A trajetória da coordenação de educação especial/inclusiva no município de Itaboraí/RJ: conquistas e desafios.

Valéria Sales dos Santos Prado Pereira, Dagmar de Melo e Silva, Rita de Cássia de Almeida Costa, Elenita Rodrigues de Oliveira Leal de Souza

Secretaria Municipal de Educação e Cultura

A Coordenação de Educação Especial/Inclusiva criada em 2006 devido a grande preocupação com a construção de uma política sólida e eficaz que garantisse uma educação de excelência, aos alunos público alvo da Educação Especial. Nosso objetivo, assegurar a todos a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola sem qualquer tipo de discriminação. Trabalhamos em parceria com as Unidades Escolares que relatam as demandas e os Assessores vão às Unidades para apropriar-se da situação e fazer os direcionamentos. Orientamos os professores regentes e os do AEE na estruturação da parte pedagógica, na adaptação de currículos, no oferecimento de formação e oficinas e em reunião de pais e responsáveis. Nos dez anos da criação, constatamos os avanços. Em 2006 havia 52 alunos público alvo da educação especial matriculados na rede e hoje, em 2015 são 798. Aconteceram melhorias significativas nas políticas públicas de atendimento aos alunos, dentre elas: a criação do NAPEM; a criação dos cargos e concurso público para intérpretes, instrutores de LIBRAS e professor especializado em educação especial. Houve também contratação de professores mediadores e inspetores cuidadores para acompanhar alunos com deficiências específicas. No que se refere às providências legais tivemos a aprovação da lei do autismo (2260 de 29/12/11), a readequação do referencial curricular e do regimento escolar, resolução de matrícula determinando o quantitativo de alunos nas classes inclusivas e a criação da Clínica-Escola do Autista. Promovemos cursos, formações, palestras, visitas de estudo para que os profissionais possam atuar mais e melhor com o objetivo de promover a autonomia e aprendizagem dos alunos. Não realizamos apenas uma atuação técnica, acima de tudo fazemos um trabalho humano pautado no respeito e na afetividade que todos nós, enquanto pessoas, devemos dispensar ao nosso semelhante, independentemente de suas características e do seu modo de ser e estar no mundo.

Palavras-chave: deficiências específicas, adaptação de currículos, formação profissional, oficinas

